

A Continuidade e a Rotura:

A evolução conceptual e a prática urbanística

abordagem à obra:

A Sedução do Lugar, a História e o Futuro da Cidade, de Joshep Rykwert.

A Continuidade e a Rotura:

A evolução conceptual e a prática urbanística

abordagem à obra:

A Sedução do Lugar, a História e o Futuro da Cidade, de Joshep Rykwert.

Bruno Martin Amorim

Orientação de Doutor Álvaro António Gomes Domingues

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, FAUP 2011-2012

Agradecimentos

Ao Doutor Álvaro António Gomes Domingues, com quem inicialmente foi debatida a hipótese de trabalho, um sincero agradecimento pela amizade e paciência oferecida. Aos meus colegas de curso, um especial reconhecimento pelo companheirismo presente em todos os momentos partilhados.

Índice

11	Resumo
13	Abstract
15	Introdução
21	PARTE I - Futuro Urbano do Passado
23	1.1 - Antecedentes e evolução conceptual, segundo algumas perspectivas do autor <i>Joseph Rykwert.</i>
35	1.2 - Reformulação da Rotura.
49	PARTE II - Expressões da Continuidade
51	2.1 - A Continuidade como unidade na diversidade.
61	2.2 - Dimensões espaciais: Expansão , Concentração, Símbolo e Referência.
75	PARTE III - Cidade e Contemporaneidade
77	3.1 - Tempo e Espaço: Do Modernismo à Contemporaneidade.
99	3.2 - <i>Manhattan</i> como exemplo da Cidade contemporânea.
119	Conclusão
127	Bibliografia
131	Índice de Imagens

Joshep Rykwert

“Um dos mais controversos historiadores da Arquitectura da nossa época indaga se temos ou não as cidades de que precisamos, e o que podemos fazer para criá-las. Para entender por que as pessoas amam ou odeiam as suas cidades e por que as cidades agradam ou desagradam seus habitantes, Joshep Rykwert examina um amplo espectro de centros urbanos. Entre eles estão a Cidade do México, a maior metrópole do mundo que surge espraiando-se a partir do seu velho centro; Nova Déli e Islamabad, novas capitais que convivem com cidades antigas; cidades grandiosamente planeadas como Chandigarh, Camberra e Brasília, e ainda cidades mais modestas, como Colúmbia em Maryland e Celebration na Flórida construídas numa tentativa de corrigir os problemas endêmicos das grandes cidades. Rykwert discute imagem, estilo, ornamentação, espaços e edifícios públicos, infra-estruturas e traçado de ruas, bem como qualidades visuais de contraste, conflito e energia que, por si mesmos, contribuem para o encanto da cidade. Discutindo sucessos e fracassos, ele sugere maneiras pelas quais podemos preservar - ou resgatar - o sentido do lugar e individualismo que determina o carácter benéfico e a alma da paisagem urbana”.

Excerto do livro: *A Sedução do Lugar, a História e o Futuro da Cidade* - Joshep Rykwert.

RESUMO

Considerando diferentes factores presentes no panorama social contemporâneo, (como o processo de globalização ou o crescimento mundial), desde uma perspectiva mais abrangente, a dissertação apresentada tem como objectivo principal indagar quanto às questões pertinentes capazes de contribuir para a caracterização do meio urbano. No respectivo âmbito, sendo que o espaço edificado comporta em si valores e representações de determinada sociedade - e partindo de uma interpretação que previamente identifica traços inerentes ao sujeito contemporâneo - a análise desenvolvida procura definir estratégias que revalorizem a interacção existente entre espaço e sociedade.

As cidades, em si mesmas, narram histórias de ‘vários tempos’ sobrepostos e atraem pela viagem que nos é possível tomar na dimensão ‘espaço-tempo’. Deste modo, com base na análise da obra de *Joshep Rykwert - A Sedução do Lugar, a História e o Futuro da Cidade* - estuda-se a evolução das cidades desde o século XIX até à actualidade no intuito de se demonstrar que, fundamentalmente, as diferentes propostas urbanas resultam de abordagens à Cidade feitas ou por Rotura ou por Continuidade (naturalmente, referindo-nos a todo um conjunto de pré-existências subjacentes ao lugar).

Rotura e Continuidade são então conceitos ou dispositivos narrativos que se assumem como base elementar da prática urbanística. Trata-se de critérios de intervenção que, uma vez identificados, permitem estabelecer correspondência entre determinado modelo urbano proposto e as representações sociais que a ele são inerentes.

ABSTRACT

By considering social frame contemporary issues (like global phenomenon or world growth) - at a general scope - the main goal of our study is to inquire about relevant features able to constitute actual urban realm. Given that built environment represents society itself, the developed analysis seeks to figure out applicable urban strategies in order to enrich space and Man interactions.

Cities, themselves, they tell stories of overlapped Times and they attract us by its inherent 'space-time' environment trip. Thus, based on Joshep Rykwert work - *The Seduction of Place, History and Future of the City* - we evaluate cities urban realm from nineteenth century until nowadays, so that, we can demonstrate that the different proposals are indeed resultant of rupture or continuity strategies.

Rupture and Continuity concepts are seen as elementary basis of urban practice. Both are intervention criteria and, once identified, they are able to illustrate the correspondence between a particular urban model and main social representations (inherent to it).

INTRODUÇÃO

Partindo da análise da obra *A Sedução do Lugar* e tendo por base o modelo de cidade actual, a presente dissertação objectiva ser um registo teórico de exemplos que ilustram algumas das mais importantes transformações ocorridas na formação do espaço urbano. Num segundo momento, afim de se contextualizarem ‘sentidos’ úteis à abordagem projectual no acto de intervenção, pretende-se também indagar quanto à existência/inexistência de uma prática urbanística contemporânea. Para tal, os conceitos de ‘Tempo’¹, ‘Continuidade’² e ‘Rotura’³ são aqui tidos como instrumentos de análise.

Associando-se ao factor ‘Tempo’ uma qualificação histórica que tanto se dirige ao Passado como ao Futuro, a leitura da evolução do espaço urbano pode ser feita temporizando-se períodos da História, neste sentido, a noção de ‘Tempo’ traduz-se como ferramenta indispensável para a nossa análise. Indagando fenómenos interactivos, reconhecer-se-ão pré-existências ambientais, sociais e culturais da cidade. No decurso da sua evolução, construção da cidade e significado não se apresentam como entidades alheias para a constituição das sociedades. A reciprocidade entre ambos, quando sintonizada, dá lugar à cidade transformada por via da estratégia contínua: observando-se, num Tempo Presente, a dependência inerente às formas Passadas e sua correspondente nas formas Futuras. Por oposição, rompendo com valores herdados, surgem modelos urbanos que visam a Rotura.

Sendo a cidade um artefacto cultural, a sua estrutura poderá hoje compreender-se analisando a sobreposição das categorias que integra - de entre as várias, para o desenvolvimento da presente dissertação, destacam-se a cidade Industrial⁴ e a cidade

¹O conceito de ‘Tempo’ é aqui interpretado, essencialmente, segundo a sua dimensão histórica; trata-se de um dispositivo narrativo da história. Importa a correspondência que estabelece com as diferentes categorias de cidade existentes porque as articula com modos de fazer próprios de ‘um Tempo’ (cultura, ideologia, regime político, entre outros).

²À natureza do termo interessa: carácter do que é contínuo; Fenómeno perene; Perpetuidade.

³À natureza do termo interessa: acto ou efeito de romper, interromper; Quebrar relações sociais.

⁴A cidade Industrial é aqui interpretada, antes de mais, como o produto dos vários modos/processos de urbanização associados à modernização tecno-social do século XIX - caminho de ferro; aparecimento das fábricas, proletarização, entre outros. O cerne desta categorização de cidade refere-se imediatamente a processos de continuidade ou ruptura.

Contemporânea⁵. Marcando a Rotura mais impressionante na história da arquitectura, a cidade Moderna, constituiu-se de acordo com a emergência do processo de industrialização, assim, afirmando o seu estatuto no início do século XX. No âmbito da nossa interpretação, dir-se-á que o conceito de ‘Tempo’ tem aqui papel fundamental: a cidade Industrial e a cidade Moderna são produto das percepções do ‘Tempo Newtoniano’ (onde Tempo e Espaço são valores absolutos); as propostas apresentadas reflectem, portanto, perspectivas de um Futuro baseado em certezas colectivas. O projecto urbano contribuiria para a constituição de uma nova sociedade, modelos de cidade perfeita, funcional e igualitária haveriam de surgir enquanto resposta ao ideal. De outro modo, a cidade Contemporânea - irregular, dispersa, fragmentada e genérica -, não define método de intervenção. Desvinculando-se da ideologia que buscava definir modelos urbanos de perfeição, a cidade Contemporânea é fruto do imprevisível: Tempo e Espaço são conceitos individualizados. Baseando-se na prática da experimentação (conforme a abordagem de *Rem Koolhaas* sugere), a cidade remete agora para a presença de um ‘Tempo Relativo’ onde o Futuro não se prevê.

No respectivo contexto de transformações urbanas, exalta-se a argumentação por nós defendida: uma necessidade de redefinição da prática urbanística por via da ‘Continuidade’. Neste sentido, (e como suporte da reivindicação), poder-se-á dizer que um reconhecimento das experiências urbanas do passado é fundamental para se garantir uma contínua (re)construção dos valores historicamente adquiridos (património colectivo); por outro lado, defendemos que, através dela (da prática urbanística por Continuidade) se reforçará a identidade e memória colectiva de determinada sociedade, esta, sempre situada entre dois espaços de Tempo: Passado Futuro - o que, por si só, implica pressupor a importância do Tempo que é Presente, portanto, ‘um espaço de Tempo em Transição e Continuidade’. Referindo-nos à cidade do Presente, é nela que procuramos definir elementos capazes de se estabelecerem enquanto elos de ligação, elementos da morfologia que articulam diferentes Espaços e Tempos.

⁵ O processo de urbanização contemporâneo é aqui interpretado como sendo a cidade ‘Contemporânea’, fundamentalmente, refere-se à perda da ideia de cidade enquanto "coisa" perfeitamente reconhecível pela sua forma, centro ou limites. Agora, no ‘Tempo Contemporâneo’, o que há é uma multiplicidade de formas de urbanização extensiva, fragmentárias.

Assim, a dissertação apresentada tem como objectivo identificar elementos da prática urbanística que, quando remetidos para uma estrutura física e social da concepção de espaço urbano, expressam valores próprios do conceito de 'Continuidade'. A nossa perspectiva defende-a aqui - a Continuidade - enquanto instrumento de trabalho, de facto, um artefacto capaz de articular presenças do Passado e Futuro das Cidades, sem que para tal se definam modelos a serem aplicados (universalmente) por imposição: o conceito de Tempo Futuro baseado na incerteza constitui-se ainda património da actual sociedade.

Pudemos verificar (no decurso da nossa investigação) que no espaço contemporâneo das cidades de hoje predomina a construção da desconstrução. Na cidade Contemporânea, o modelo é indeterminado de exactidão e sugere um Futuro imprevisível. Se a Cidade Moderna aspirava a ser um palco no qual se estabeleceriam relações 'em pé de igualdade', provou o Tempo que o 'Espaço Absoluto' conhece o 'Futuro Relativo' e a sumptuosidade volumétrica 'não passaria' da condição de cenário idealizado. O pensamento moderno não pôde prever os 'percalços do Tempo' na realidade; compreende-se, portanto, que não intuisse um confronto com a cidade existente mas sim pensa-la de raiz e a partir do nada.

As propostas apresentadas para a cidade Moderna foram então vistas como modelos urbanos absolutos, capazes de se repetirem infinita e universalmente: a cidade tinha-se definido num horizonte de Tempo indeterminado, sempre. Reduzindo ao máximo possíveis elementos de variação, os respectivos projectos apresentados foram consideravelmente detalhados e isolados.

Desta forma, a presente dissertação estrutura-se de acordo com três momentos distintos, em cada um deles procurando reconhecer a importância do conceito de 'Tempo' para a respectiva prática urbanística concebida, ou seja, pretende-se - através das diferentes abordagens efectuadas - compreender o modelo urbano em análise segundo um produto da relação que a sociedade estabelece com o Tempo que lhe é Passado e o Tempo que lhe é Futuro.

Assim, com base na obra do autor *Joseph Rywert* analisam-se propostas de cidade que surgem ou por Rotura ou por Continuidade com as formas do Tempo Passado. Abordando planos urbanísticos que marcam a evolução urbana do espaço nas cidades (em diferentes épocas), na primeira parte da dissertação apresentam-se modelos que adoptam o conceito de 'Rotura' como ferramenta capaz de enaltecer uma nova ordem social

encontrada. Numa fase posterior, (segunda parte), aponta-se a incerteza dos Tempos como factor essencial capaz de impulsionar o desenvolvimento de novas propostas que aspiram à condição de movimentos urbanos por Continuidade. Neste sentido, a Cidade existente volta a ser o objecto de estudo confinado aos seus valores sociais e morfológicos. Destacando-se a natureza do processo de intervenção por via da Continuidade, identificar-se-ão elementos urbanísticos que estruturam a sua representação, assim orientando quanto a uma Futura conduta dos profissionais na reformulação da proposta urbana.

Por necessidade de exaltação, na terceira parte, concentramo-nos com maior rigor nas características da cidade contemporânea e, especificamente, analisamos o caso de *Manhattan* como ícone da cidade actual. Sendo que a arquitectura depende essencialmente do capital para a sua produção, no processo de globalização mundial, o modelo das cidades contemporâneas expressa-se sobretudo enquanto símbolo das suas actuais lógicas económico-mercantis, o campo de interacção entre a arquitectura e o sistema da economia capitalista, analiticamente, relaciona as premissas-base do programa da modernidade com a realidade produzida pelo processo da modernização.

PARTE I - FUTURO URBANO DO PASSADO

Para uma melhor compreensão da problemática urbana e dos fenómenos que desencadeiam o seu desenvolvimento e transformação, pretende-se, num momento inicial da análise, contextualizar a importância do factor ‘Tempo’.

As noções de ‘Passado’ e ‘Futuro’ parecem ser determinantes quando remetidas para a prática da concepção urbana - de facto, a partir do modelo urbano concebido, poder-se-ão nomear posições assumidas entre o sujeito social do presente e a realidade que lhe é passada ou futura. Neste sentido, a produção do espaço surge enquanto testemunho dos ‘Tempos’ vividos e das condições sociais idealizadas.

“(...) o objecto mais próprio da arquitectura é a sociedade compreendida na sua unidade e na sua ordem, e na sua duração, bem como a posição do mundo e a sua modulação frente a essa ordem da sociedade⁶”.

Associando ao factor ‘Tempo’ uma qualificação histórica que tanto se dirige ao passado como ao futuro, destaca-se a mesma relevância do conceito quando remetida para o discurso próprio da disciplina da Física - a evolução do seu conhecimento mostrou já ser referência marcante para um entendimento do Homem no mundo e enquadramento da suas percepções face ao espaço temporal em que o mesmo se insere. No âmbito da produção do espaço e sua interactividade com as percepções do Tempo vivido, destacam-se neste capítulo, de forma abrangente, os urbanistas e pensadores de meados do século XIX que reflectiram influências *Newtonianas*⁷ na produção das suas obras, onde Espaço e Tempo são valores absolutos e permitem uma descrição completa da evolução de qualquer corpo localizado nos mesmos.

⁶FREITAG, Michel - **Arquitectura e Sociedade**. Porto: Publicações Dom Quixote, 2004, p.23.

⁷“Na visão newtoniana o espaço é um cartesiano tridimensional como definido pela geometria analítica e a posição de um corpo é dada por um ponto nesse espaço tridimensional. O tempo newtoniano flui independentemente do observador, sempre em direcção ao futuro”. **MECÂNICA NEWTONIANA - CONCEITOS BASE**. Disponível na Internet [Consult. Maio de 2011] URL:<www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S>

1.1 - Antecedentes e evolução conceptual, segundo algumas perspectivas de *Joseph Rykwert*.

“(...) na maioria das instituições do capitalismo tardio, as repetições sem variação expressam a mensagem de que o espaço foi padronizado, de que as suas inflexões e associações foram anuladas [...] um fenómeno intimamente relacionado a esse afectou a nossa percepção pública do tempo, o qual agora é medido com precisão nos laboratórios, por meio de relógios de cézio que indicam variações de menos de um milionésimo de segundo. Contudo, a face pública do tempo está se tornando cada vez mais abstracta - como mostra o relógio digital -, o que, por sua vez, afeta a maneira como vivenciamos a experiência do espaço⁸”.

Admitamos, portanto, que a noção de ‘Tempo’ - Passado e Futuro - trata de ser um conceito historicamente construído, culturalmente adquirido, e cuja definição vem sendo apurada segundo uma necessidade do Homem contextualizar a existência no espaço em que se insere, neste sentido, referimo-nos à noção de ‘Tempo’ enquanto artefacto útil para a análise ou hipotética reformulação da prática urbanística, e, de igual forma, se exalta a preponderância de um derivante seu: o Futuro.

“Deve-se concluir que somos tanto agentes como pacientes quando se trata das nossas cidades. As cidades – “towns” e “cities” – não são fruto de uma ordem política e económica que nos é imposta totalmente de cima para baixo; tampouco são determinadas de baixo para cima por forças obscuras que mal conseguimos identificar e menos ainda controlar⁹”.

Intuindo a indagação quanto ao Futuro das cidades, no presente ponto do capítulo, procura-se esboçar uma perspectiva genérica sobre a evolução do espaço urbano nos diferentes cenários do passado. Em paralelo, remetemos para exemplos da prática espacial, procurando reconhecer a existência de uma dinâmica interactiva entre os respectivos modelos considerados e os diferentes marcos histórico-sociais que

⁸RYKWERT, Joseph - A Sedução do Lugar: **A História e o Futuro da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p.187.

⁹RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.6.

proliferaram nas épocas vigentes – então Tempos do Passado. Assim, num primeiro momento, registam-se ‘pensamentos- chave’ da interpretação do autor *Joshep Rykwert* que definem o conjunto de questões inerentes à prática da problemática urbana: directrizes da análise sob forma de objecto de estudo e, simultaneamente, metodologia de trabalho que possibilitam uma reflexão quanto à importância do Passado urbano nas cidades.

“Vou considerar a cidade como ela se apresenta aos nossos sentidos e tentar uma leitura do que a sua aparência pode revelar ou esconder. Acho q u e pode ser útil relacionar o tratamento que dispensamos ao espaço urbano – em especial à sua parte pública – com a maneira pela qual a cidade se exprime em seus prédios públicos. Os edifícios que se destacam deixaram há muito de ser aqueles em que reside o poder político e público, cedendo a tal posição para aqueles das finanças privadas e dos investimentos empresariais. Os prédios de escritórios, os edifícios de apartamentos e as sedes das grandes empresas dominam o panorama urbano¹⁰”.

Identificada uma posição segundo a qual *Rykwert* aborda a problemática, a nossa perspectiva considera ainda a noção de ‘Tempo’ - Passado e Futuro - como ferramenta indispensável para a análise. Salientando a hipótese defendida pelo autor, o Futuro urbano das cidades poderá - e deverá mesmo- determinar-se através de uma análise do passado, especificamente, avaliando a importância das forças que entre o século XVIII e XIX, de forma directa contribuíram para a constituição e desenvolvimento do tecido urbano. Para o respectivo arquitecto e historiador, a cidade traduz a mais valiosa conquista da Civilização Humana e, como tal, rejeita todas as hipóteses teóricas que prevêm o fim da sua existência primordial. Proclamando a ‘Era da Globalização’ como efectivo reforço da forma que está na sua origem - centro de decisões políticas, económicas e culturais - o autor lança um olhar sobre o Passado urbano e nele detecta os principais agentes responsáveis pelos processos de transformação ocorridos nas cidades.

¹⁰RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.7.

“Duas imensas ondas de populações rurais miseráveis se abateram sucessivamente sobre as cidades do mundo, inundando e inchando o tecido urbano quase até ao ponto de ruptura. Foi a primeira dessas ondas, de fins do século XVIII a inícios do século XIX, que deu a forma para o tecido urbano que hoje conhecemos. A onda recente e muito maior que tomou impulso em meados do século XX ainda não se abateu: estamos nos debatendo nela e ainda não conseguimos distinguir suas modalidades ou avaliar seu real impacto com acuidade¹¹”.

No respectivo cenário sequencial, destaca-se o fenómeno da privatização de terras e a expulsão das populações residentes em zonas rurais - o que haveria de ser ilustrada pelo protagonismo das cercas (delimitação física rectangular) e pelo conjunto de reformas agrícolas que na segunda metade do século XIX consagrou a agricultura como uma indústria manufatureira.

“A princípio, o movimento das massas para as cidades foi acompanhado por uma breve elevação no nível de expectativa de vida [...] as habitações urbanas das classes de baixa renda eram feitas de tijolo e tinham cobertura de ardósia, em vez de madeira ou sapé, como nas áreas rurais, o que as tornava menos vulneráveis a muitos parasitas. Essas moradias também estavam livres da presença da poeira das fábricas, mas o saneamento primitivo - um risco marginal no campo, onde o lixo doméstico e os dejetos humanos eram espalhados pelos campos - é sempre fatal em cidades muito povoadas¹²”.

Produto desta nova realidade massificada e emergente - entre o Passado e Futuro da cidade - surge ‘um primeiro momento de ruptura’ no léxico urbano. Com novos modos de vida incorporados, as cidades produziram necessidades que exigiam uma constante adaptação e reorganização, motivo pelo qual, ao serem estimulados pela procura das melhores respostas possíveis, os urbanistas desenvolveram vários estudos para modelos de cidade.

“A ordenação obsessivamente repetida dessas propostas já representava uma polémica utopista contra a confusão e a superpopulação das cidades da época.

¹¹RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.27.

¹²*Ibid.*, 2004, p.52.

Diferentemente das utopias exóticas dos séculos XVII e XVIII, como a Nova Atlântida, de Bacon, ou a Cidade do Sol, de Campanella, esses projectos não eram meras provocações, e muitos deles chegaram a ser executados. A cidade de Mannheim [...] na Alemanha, foi fundada novamente no mesmo local em que existira um pequeno povoado [...] trata-se da primeira cidade em que as ruas eram designadas por números em uma direcção e por letras na outras, como acontece atualmente em algumas cidades americanas¹³”.

Dada a insistência da natureza dos fenómenos impulsionadores para o pensamento e produção de obra nas cidades mundiais, *Joshep Rykwert* considera que a Cidade do século XXI deverá ser entendida enquanto repetição de um efectivo culminar dos processos de transformação provocados pela indústria no tecido urbano. Ao propor uma reflexão sobre as cidades do século XXI, o autor não antecipa ideias visionárias, assim, não reivindica também a necessidade de previamente se definirem propostas para modelos de vida a serem aplicados no espaço urbano. Pelo contrário, é observando a cidade dos séculos XIX e XX que identifica o carácter dos elementos essenciais para a sua formação e que, na sua perspectiva, são ainda capazes de se constituírem enquanto actuais directrizes para o futuro da cidade. Reforçando a necessidade de uma visão sempre ancorada ao Tempo Passado, remete à experiência da sua própria condição de jovem cidadão no segundo período do Pós-Guerra Europeu - quando os países começaram a enfrentar a tarefa de reconstruir suas cidades a partir das ruínas deixadas pelos bombardeios - e, entretanto, lamenta que naquele momento a ideologia do Movimento Moderno desprezasse a sensibilidade histórica, (pois a experiência da Guerra transformara o Passado em objecto de horror).

“Por volta de 1945, a maior parte da Europa e boa parte da Ásia estavam em ruínas. Urbanistas e arquitectos, juntamente com seus colegas sociólogos e engenheiros, pareciam ter o controle absoluto de uma situação na qual iriam ter que intervir rapidamente [...] acreditavam que, das cinzas das terríveis ruínas, iriam surgir cidades racionalmente planeadas e projectadas do nada para uma nova civilização, assegurando a felicidade de sobreviventes e ex-combatentes. Tais profissionais eram vistos como os pioneiros de um mundo novo e melhor: seu trabalho iria ter por base levantamentos estatísticos e eficiência técnica. A

¹³RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.62.

História não tinha nada para lhes ensinar - ela só falava dos maus tempos passados. A sua visão era otimista. Construir tornou-se a mais alta prioridade social (...) ¹⁴”.

Nesse período, então aspirando à concretização prática de conceitos como ‘uniformidade’ e ‘universalidade’, foram desenvolvidos novos programas urbanos¹⁵ que visavam a reabilitação e inovação do cenário citadino. De entre eles, destaca-se o exemplo das novas Cidades Satélite que surgindo dispostas ao longo das grandes vias de circulação eram, na sua essência, esquemas urbanos de carácter expansivo que visavam dar resposta à questão da densidade populacional e, portanto, pressupunham a distribuição da mesma ao longo do território. A aplicação dos respectivos programas era concordante com os parâmetros defendidos pelos C.I.A.M.¹⁶ (cujas propostas mal sucedidas promoveram a necessidade de debate em fóruns internacionais, efectivamente, com intuito de se fortalecer a união do grupo e consagrar a legitimidade dos ideais propostos). Tratando de temas como a célula do habitat, a habitação colectiva, o edifício racional, a cidade funcional ou o núcleo da mesma, entre 1928 e 1956, o grupo reuniu cerca de dez vezes em Congressos Internacionais.

Dos respectivos confrontos surgiram manifestos tidos como fórmulas a serem aplicadas na procura da solução urbana¹⁷. Nestas, o uso da estatística e a preocupação com a eficiência ao nível da ocupação de solo mostraram-se ser mais decisivos que qualquer valor histórico.

¹⁴RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.3.

¹⁵”São aí evocados problemas que se tornarão da mais candente actualidade: os respeitantes ao alojamento (a célula de habitação e o loteamento racional, que comportava o futuro estatuto do terreno e a determinação de adequadas unidades de grandeza), pois o urbanismo de hoje tem em consideração as condições de habitação, trabalho, de repouso e de circulação. Este tema sintético: arquitectura e urbanismo, incansavelmente estudado, conduz, em 1930, ao estabelecimento da tese de urbanismo chamada *La Ville Radieuse*”. LE CORBUSIER, *op. cit.*, [s.d], p.41.

¹⁶”Em 1928 foram criados os C.I.A.M. (Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna) [...] em 1933, os C.I.A.M. encerraram o seu IV Congresso, em Atenas, com as conclusões publicadas em 1943 sob o título: *La Charte d’Athènes*’. *Ibid* p.44.

¹⁷”Não há país que não tenha sido atingido por esta renovação. Frutos do cálculo (que é universal) e duma nova consciência nascida no decurso do primeiro ciclo da Era maquinista, esta arquitectura e este urbanismo, espalhados por todo o mundo, possuem traços comuns”. *Ibid*.

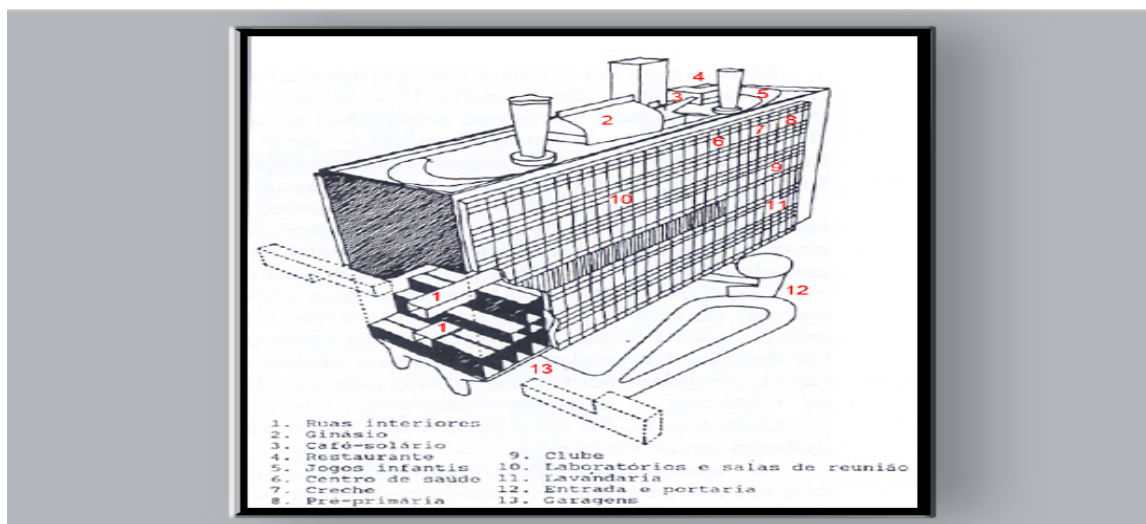


Fig. 1.1 - Unidade de Habitação Colectiva de Marselha (Le Corbusier).

Neste contexto, no que se refere ao então ‘Futuro’ das cidades e às perspectivas defendidas pelos urbanistas modernos, intui-se a natureza de uma organização espacial capaz de conduzir à constituição homogênea e indiferente do tecido urbano .

Pelo contrário, *Rykwert*, considerando as actuais cidades caóticas do mundo contemporâneo, não receia nelas qualquer tipo de ameaça para o desenvolvimento urbano do Futuro. De acordo com a posição de *Jane Jacobs*, o autor acrescenta ainda que a sua multiplicidade e diversidade dão lugar à constituição de identidades únicas no espaço urbano, assim, rejeita totalmente a repetição dos modelos de ‘cidade anónima’ e universal. Em paralelo, rejeita ainda a imagem da cidade contemporânea que nos anos 50 (em diferentes artigos publicados) foi vista como efectiva responsável pelo conjunto de injustiças sociais apresentadas. No respectivo âmbito, o autor não só equaciona o factor ‘desordem’ como sendo um aspecto vital do ambiente citadino como também admite que a noção de desigualdade social e económica mais não é do que uma questão própria e inerente ao percurso da sua evolução, desta forma, excluindo a problemática da desigualdade nas cidades do século XXI, opõe-se também à emergência de modelos urbanos em cujas cidades são comandadas pela tecnologia da informação, de facto, acredita que há mais vigor na cidade desordenada do que na ordem burocraticamente conquistada através da concepção de planos obcecados; as noções de ‘ordem’ e ‘caos’, são aqui vistas como propriedades interdependentes, neste sentido, o factor gerador da

mudança não pressupõe a substituição directa de uma pela outra. *Rykwert*, reforça a sua oposição e simultaneamente rejeita a constituição de modelos urbanos meramente formais sem sentido estruturado, onde a dimensão cultural e histórica de determinada sociedade dificilmente se integram ou predominam.

Assim, sendo clara uma crítica ao pensamento e prática moderna perante o Futuro urbano, *Rykwert* ‘assume-se seduzido pelo lugar’ da cidade e por todas as qualidades que garantam a sua existência enquanto contínuo processo de construção e evolução histórico-cultural das diferentes sociedades.

“Os poetas cantaram, e depois registraram por escrito, a passagem da vida nômade para a cidade permanente e defendida, orientada por seu tempo e seu mercado. E registraram a sensação de que algo havia se perdido ao longo do processo, quando a delimitação de um pedaço de chão rompeu a textura da natureza, isolando-o da continuidade da paisagem. À medida que ficamos sabendo mais a respeito de tais origens, graças aos arqueólogos e etnólogos, fica claro que o diagrama conceitual de um assentamento pode ser incorporado aos seus costumes, às suas regras de casamento, aos seus rituais e mesmo ao seu traçado, todos os elementos que podem ser difíceis de identificar por um observador contemporâneo nas ruínas dessas frágeis aldeias¹⁸”.

Independentemente do lugar em cuja sedução incida, persiste, portanto, a importância das relações encadeadas e contínuas. No que se refere à actual problemática urbana, uma eventual destruição da forma, segundo a perspectiva do autor, só seria possível se admitíssemos também uma descontrolada multiplicação dos espaços entendidos como sendo ‘lugares de ninguém’¹⁹. Neste sentido, remete para o conceito dos

¹⁸RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.17.

¹⁹[...] “A hipótese aqui defendida é que a sobremodernidade é produtora de não-lugares, quer dizer de espaços que não são eles próprios lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudelaireana, não integram os lugares antigos: estes, repertoriados, classificados e promovidos a ‘lugares de memória’, ocupam nela uma área circunscrita e específica. Um mundo em que se nasce na clínica e se morre no hospital, em que se multiplicam em unidades luxuosas ou inumanas, os pontos de trânsito e as ocupações provisórias (as cadeias de hotéis e os squats, os clubes de férias, os campos de refugiados, os bairros de lata prometidos à destruição ou a uma perenidade em decomposição), em que se desenvolve uma rede cercada de meios de transporte que são também espaços habitados, em que o frequentador habitual das grandes superfícies, das caixas automáticas e dos cartões de crédito reata os gestos do comércio ‘mudo’, um mundo assim prometido à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero, propõe ao antropólogo como aos demais um objecto novo cujas dimensões inéditas convém que meçamos antes de nos perguntarmos de que olhar poderá ele revelar”. AUGÉ, Marc - **Não Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade**. Lisboa: 90 Graus Editora, 2005, p.67.

não-lugares (já proposto por Marc Augé) e alerta para os perigos da sua expansão. Augé refere que estes lugares não possuem qualquer tipo de garantia quanto à constituição de identidade e sublinha que, por consequência, neles, cada pessoa é entendida como sendo apenas mais uma (fenómeno cuja antítese é a do espaço antropológico, fomentador de relações interpessoais, dinâmicas de natureza histórica e culturais).



Fig. 1.2 - Não-Lugares: Espaços de passagem incapazes de dar forma a qualquer tipo de identidade.

Neste sentido, o propósito da reflexão inerente à ‘Sedução do lugar’ e ao Futuro da cidade, surge no intuito de recuperar os espaços dotados de sentido histórico²⁰, portanto, espaços cuja formação física e simbólica evoca uma interacção entre diferentes valores: étnicos, religiosos, culturais, económicos e políticos; e são estes valores que devem ser preservados e continuamente interpretados afim de manifestarem a sua presença nos hipotéticos modelos da vida urbana criados.

²⁰Saliente-se aqui que história não se refere apenas aos momentos passados, de facto, a história cumpre-se hoje também. O nosso actual momento Presente comporta em si a possibilidade de ser visto como referência histórica no Futuro.

Numa fase inicial, a sua análise fixa a discórdia quanto a um pensamento previamente estabelecido que se restringe ao cenário das questões económicas para explicar o desenvolvimento das cidades. Atendendo ao confronto entre a evolução económica do capitalismo industrial e os modelos de vida urbana identificados nas maiores cidades do mundo, o autor sugere que as respectivas propostas se definem pelo carácter de uma condição parcial e transitória - em certa medida uma condição passível de reversão (analogamente, faz uma revisão à problemática inerente ao panorama urbano do século XIX e reflecte quanto ao impacto das propostas que se destinavam à completa reconstituição da sua estrutura económica e social).

“Conceber a cidade como produtora de espaço me parece outro (e muito subtil) modo de negar a responsabilidade pelo seu tecido, ainda que a “produção do espaço” tenha-se tornado nos últimos tempos um componente importante de qualquer discussão. O espaço não é uma coisa - ele sequer pode ser instrumentalizado (reificado, diriam certos críticos) ou deliberadamente modelado, do mesmo modo que não é possível modelar o skyline de Manhattan. Somos informados de que ele é secretado pela sociedade como uma concha é secretada por um molusco²¹”.

No decurso escrito em que sintetiza o seu posicionamento, *Rykwert* remete a abordagem para as obras de *Saint Simo*, *Robert Owen*, *Charles Fourier*, *Piotr Kropotkin*, *John Ruskin*, *Karl Max* e *Friedrich Engels*. Indagando quanto às consequências práticas do conjunto de ideias trazido a debate - ideias utópicas, socialistas e revolucionárias - indica que, por si só, não chegaram a ter influência directa na reformulação do conceito urbanístico. Efectivamente, considera que, tanto os pensadores utópicos como os revolucionários, concentraram a sua busca num ideal impossível de alcançar uma vez que as ideias desenvolvidas não estabeleciam correspondência directa com o processo inexorável da formação de problemas urbanos. Gradualmente, na síntese traçada pelo autor, enaltece-se o objectivo-último da questão:

- Como pensar a ‘Cidade do Amanhã’

²¹RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.16.

De acordo com a premissa referida no início da nossa reflexão escrita, o factor ‘Tempo’ não pode ser dissociado da prática urbana. As noções de ‘Tempo Passado’ e ‘Tempo Futuro’ são determinantes para a constituição da cidade - sempre, referindo-nos à condição espacio-social e encadeamento histórico-antropológico de um específico povo. Situando a importância do fenómeno na sua análise, *Rykwert*, interpreta a cidade do século XIX e, tendo em conta questões²² essenciais inerentes ao panorama social do respectivo período, desloca a investigação para o cenário presente da realidade, assim orientando para a problemática futura das cidades no século XXI. Aqui, destaca-se a preponderância da sua análise na medida em que situa aspectos teóricos frente aos exemplos práticos da ideia conceptual. De entre eles, evoca-se a adaptação da cidade Medieval²³ à produção do espaço²⁴ na Era Industrial; a primeira, expandindo territorialmente o seu modelo tipológico, ‘cedeu espaço’ às necessidades de circulação²⁵ e incorporou na sua composição estrutural os novos sistemas de mobilidade²⁶ que se mostravam ser indispensáveis para a produção do espaço social²⁷ na época. De igual modo, no processo da abordagem correlativa, *Rykwert*, remete a sua observação para a

²²Nomeadamente, o crescimento e efectivo aumento populacional, por consequência, a necessidade de alojar toda a população residente nas áreas urbanas (sobretudo a nova classe média e o sector operário).

²³“A cidade medieval elabora uma sociedade ou uma civilização de síntese [...] a rua não tem em si mesma existência própria no plano urbanístico e arquitectónico da cidade medieval, pela razão de não existir aqui espaço público abstracto, suprafuncional [...] a cidade continua a ser essencialmente fechada um mundo comunitário fechado e organicamente estruturado, e os vigias olham por ela durante a noite, depois de, a cada entardecer, as suas portas terem sido fechadas. Não se pode estar anonimamente na cidade, como um simples estranho [...] tem de se ser recebido nela por alguém, de ser seu hóspede”. FREITAG, Michel, *op. cit.*, 2004, p.30.

²⁴“Space is never produced in the sense that a kilogram of sugar or a yard of cloth is produced. Nor is it an aggregate of the places or locations of such products as sugar, wheat or cloth [...] It would be more accurate to say that it is at once a precondition and a result of social superstructures”. LEFEBVRE, Henri - **The Production of Space**. Oxford: Blackwell Publishing, 1991, p.85.

²⁵“Durante milénios, o homem vivera num universo incluído num raio de 15 a 20 quilómetros em redor do seu abrigo; mas hoje, pela visão ou pela leitura, todo o mundo se lhe tornou acessível”. LE CORBUSIER, *op. cit.*, [s.d.], p.25.

²⁶[...] “a primeira locomotiva arrastou um comboio de vagões sobre um caminho-de-ferro de uma cidade para a outra, introduzindo assim nas relações e nos transportes uma modificação do tempo - na realidade uma velocidade que aumentaria incessantemente, alargando os seus efeitos ao conjunto das actividades humanas. Estas actividades tinham-se mantido equilibradas, durante milénios, na base dos 4 quilómetros horários da marcha do homem, do passo do cavalo ou do boi. Daí em diante é necessário opor a essa cadência os 50 a 100 quilómetros horários dos veículos que correm sobre estradas planas [...] enfim, as velocidades sem medida” (...) LE CORBUSIER, *op. cit.* [s.d.], p.24.

²⁷“(Social) space is not a thing among other things, nor a product among other products: rather, it subsumes things produced, and encompasses their relationships in their coexistence and simultaneity - their (relative) order and/or (relative) disorder. It is the outcome of a sequence and set of operations”. LEFEBVRE, Henri, *op. cit.*, 2004, p.73.

proposta monumental de *Hausmann* em Paris e para os planos de *Ildefons Cerdá* em Barcelona - ambas, propostas baseadas na ampliação do tecido habitacional e no protagonismo da rede de circulação viária.

Sendo a temática do parque habitacional um supremo conceito desenvolvido pelas propostas urbanas do período em análise - sem aprofundar distinções - o autor examina a relevância conceptual associada aos diferentes modelos de conjuntos habitacionais.

Nomeadamente, evoca os suburbanos conjuntos alemães *Siedlungen*; a *Viena Vermelha* de Manfredo Tafuri; os vienenses intra-urbanos *Hoffes*; as centrais *Mietskaserne* de Berlim; as *Company Towns* das maiores cidades americanas e os blocos *HBM* (*Habitation Bon Marché*) de Paris e evidencia a importância destas tipologias dependente do sistema ferroviário - infra-estrutura que se assume como elemento estrutural capaz de organizar formas no tecido urbano. Neste sentido, considera-se a interdependência existente entre ‘indústria’, ‘sistema ferroviário’ e ‘habitação’, ambos factores indiscutivelmente responsáveis pelo desenvolvimento das cidades industriais.

No que se refere à leitura das cidades no século XX²⁸, *Rykwert*, equaciona premissas desde o processo de construção de Brasília (*Oscar Niemeyer*) até ao controverso fim do *Greater London Council* imposto por *Margaret Thatcher* no início dos anos 80 (considerando também os parques temáticos americanos). Assim, baseado nas condições urbanas e sociais inerentes aos exemplos destacados, consolida a sua perspectiva sobre a cidade do século XX: o edifício e o espaço público interagem segundo entidades separadas, reconhece-se a qualidade arquitectónica e funcional ao edifício através da capacidade que este tem de neutralizar tudo o que envolve²⁹.

²⁸(...) o século XX tem as suas raízes no século XIX [...] tende a continuar as lógicas as lógicas políticas, económicas e culturais, cujas autonomia e dinamismo haviam sido justamente engendrados pela separação institucional das esferas correspondentes da acção social [...] o século XX vive dos dinamismos autonomizados resultantes desta separação [...] o problema consiste no facto de pertencermos à única civilização capaz de morrer sem deixar nada atrás de si”. FREITAG, Michel, *op. cit.*, 2004 p.63 e p.64.

²⁹“Uma tal sociedade, operacional e performativa, privada, pela própria perda de toda a exterioridade, de um sentido de identidade a priori, deixa de poder produzir-se em arquitectura. As formas materializadas do seu funcionamento já não mediatizam uma ‘relação com o mundo’, nem uma relação reflectida consigo própria, que se desenrolaria no diálogo interior que manteriam, nela, as suas partes e os seus momentos, o privado e o público, para não falarmos do sagrado e do profano, do persistente e do efêmero): já não exprimem mais nem a visão do mundo nem a consciência de si. Tornando-se, elas próprias, a realidade que se expõe, nua, na sua evidência”. *Ibid.*

“A cidade atual é uma cidade de contradições; ela abriga muita ethnes, muitas culturas e muitas classes, muitas religiões. Essa cidade moderna é fragmentária demais, está cheia demais de contrastes e conflitos: consequentemente, ela tem muitas faces, não uma única apenas. É a própria condição de abertura que torna nossa cidade de conflitos tão convidativa e atraente para a sua crescente multidão de habitantes. A falta de uma imagem coerente e explícita pode, em nossas circunstâncias, ser uma virtude positiva, nunca um defeito ou mesmo um problema³⁰”.

³⁰RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.8.

1.2 - Reformulação da Rotura.

A ideia de ‘Reformulação’ associada ao conceito de ‘Rotura’ pretende demonstrar que as propostas urbanísticas historicamente nomeadas se apresentam sempre vinculadas a noções de Futuro inerentes a determinada sociedade, em simultâneo, estas propostas, operando de acordo com uma avaliação feita nas ‘fórmulas’ do presente encontrado, exigem um repensar quanto ao enquadramento prático das mesmas na vida quotidiana.

“Os protestos contra os males da sociedade partiam daqueles que viam as desigualdades da velha realidade se perpetuarem na ordem pós- revolucionária [...] na primeira metade do século XIX mais organizações de protesto eram formadas para desafiar o status quo econômico-industrial emergente com objectivo de criar grupos sociais alternativos - comunidades que aspiravam a uma situação mais ou menos ideal [...] a crescente população urbana e os trabalhadores - em especial as crianças - agora viviam em condições que muitos acreditavam ser piores do que aquelas dos escravos nas Índias Ocidentais e nas plantações do Sul dos Estados Unidos. As cidades, portanto, tinham que ser reorganizadas devido ao tumulto urbano criado³¹”.

Ao fenómeno de ascensão da burguesia ao poder, associavam-se também as miseráveis condições de vida inerentes à classe trabalhadora. O início do século XIX seria marcado tanto pela potência da sua energia industrial quanto pelo contexto de pobreza urbana que a mesma desencadeava. Num cenário em cujos relatos históricos evocam desigualdades sociais, emerge uma sociedade dominada pela natureza das forças de mercado. Quando remetidos para a análise das formas que constituem a imagem do seu espaço quotidiano, poder-se-á dizer que tal organização social vigente - então seduzida pelas possibilidades de lucro que a abertura mercantil³² oferecia - exprime valores não mais centrados no bem-estar público mas sim no enriquecimento individual,

³¹RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.60.

³²[...] o comércio era visto quase como uma guerra. Os teóricos da economia de meados do século XVIII foram gradualmente separando sua disciplina da política. A principal doutrina econômica da época, aquela de um grupo de cientistas e políticos conhecidos como fisiocratas, pode ser sintetizada pelo slogan *laissez-faire, laissez-passer*: o livre comércio é melhor, porque é assim que a natureza que é. O comércio e a indústria não devem sofrer restrições por impostos e, como a agricultura é a definitiva produtora de riqueza, os ganhos devem proceder apenas do arrendamento da terra. *Ibid.*, p.35.

de facto, expressam-se aqui traços de uma revolução social personificada pelo ritmo febril da máquina, o elevado grau de congestionamento nas vias de circulação e a alta poluição atmosférica pairando sobre a cidade - elemento característico da paisagem urbana.

“Uma fumaça, espessa e negra, cobre a cidade [...] mil ruídos se elevam ininterruptamente desse labirinto escuro e úmido [...] os passos da multidão em disparada, o ranger das rodas umas contra as outras [...] não se ouvem gritos de alegria ou sons de prazer, nem a música de instrumentos que anunciem um momento de folga em algum lugar. Não se vêem pessoas à vontade ou distraídas [...] contudo, deste escoadouro fétido surge a mais poderosa torrente do engenho humano para fertilizar o resto do mundo. Deste esgoto imundo flui o ouro puro³³”.

Na maioria das cidades internacionais, o esquema básico da forma urbana continua a ser o do traçado em xadrez: uma divisão racional que, por oposição à desigualdade remanescente entre as classes sociais, (quando referidos à distribuição da propriedade), pretendia evocar a presença do conceito de igualdade. Contudo, devido à natureza caótica própria do ambiente citadino e ao crescente risco de ocorrência de incêndios, as cidades da primeira sociedade capitalista industrial exigiram um repensar face ao seu rápido e repetitivo modo de desenvolvimento.

“As muralhas poligonais acabaram por alterar os traçados ortogonais, introduzindo ruas que irradiam do centro para as portas localizadas nos lados do polígono³⁴”.

Inicialmente, observa-se uma expansão sistemática do núcleo urbano apenas enquanto resposta para a problemática do alojamento, deste modo, ao nível formal da leitura arquitectónica torna-se clara a ausência de diversidade, ou seja, edifícios públicos, como igrejas e escolas não faziam parte dos “conjuntos” habitacionais em série e eram implantados posteriormente - em resultado da benevolência de algum particular ou da

³³RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.58.

³⁴*Ibid.*, 2004, p.61.

intervenção institucional. Neste sentido, como salienta *Rykwert*, questiona-se o estatuto da cidade³⁵ e dir-se-á:

“(...) não são as casas e as muralhas, mas os espaços públicos e a presença física das instituições que elevam uma aglomeração ao status de cidade, de polis³⁶”.

É, portanto, necessário encontrar no espaço edificado referências que nos indiquem o carácter da organização social subjacente ao lugar em que nos situamos. No respectivo contexto, como reacção à homogeneidade e anonimato da composição urbana vigente e em progressivo desenvolvimento, o arquitecto *Jean-Nicolas-Louis-Durand*, professor na *École Polytechnique* em França desenvolveu um método de ensino claro e esquemático que tinha por fim o objectivo de classificar as formas edificadas segundo três categorias. Assim, exaltam-se com distinção as formas referentes à classe inferior, à classe superior e aquelas cuja função intermédia seria, acima de tudo, a de remeter para o Passado e estabelecer relações com a História - estas, incluindo a presença da ornamentação possibilitavam a leitura das suas origens como garantia de continuidade histórica. Noutro sentido, enquanto os edifícios referentes à classe social inferior se definiam pela natureza dos materiais e pelos processos de construção aplicados, os edifícios destinados à classe superior exprimiam a sua identidade através da pureza geométrica das formas, de entre elas, acentuando-se a preferência pelo cubo e pela esfera perfeita.

³⁵ “*Pausânias, o viajante que escreveu um guia do mundo grego no final do século II d.C., deixa claro o que uma cidade não é. Ao se aproximar de uma antiga e fortificada então em ruínas, denominada Panopeus e localizada na estrada de Delfos para Atenas, ele comenta: Se é que podemos chamá-la de cidade, pois não tem perfeitura, nem ginásio, teatro ou praça de mercado, nem qualquer fonte pública de água corrente*”. RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.20.

³⁶ *Ibid.*

No entanto, não são estas prévias concepções de modelos de edificado que se mostram ser as mais relevantes para o Futuro da forma urbana. Dos ensinamentos de *Durand*, considera-se ser fundamento para a composição urbana vindoura³⁷ o método de projecto por si reivindicado:

1. *“Em primeiro lugar, examinar e analisar as exigências do cliente.*
2. *Em seguida, desenhavam-se os eixos ortogonais principais da planta, qualquer que fosse o programa analisado.*
3. *Os elementos fornecidos pela análise eram distribuídos em um diagrama de linhas ortogonais definidos pelos eixos.*
4. *Tendo assim procedido, devia-se dispor as colunas e, depois, as paredes nas linhas do diagrama³⁸”.*

Prevendo a abertura de várias avenidas e a criação de elementos rotatórios para organização do tráfego, já entre 1793 e 1797, as premissas de concepção evocadas pelo arquitecto assumiam destaque num estudo revolucionário para a transformação de Paris, o qual pretendia elevar a cidade à condição de centro geográfico do mundo.

Com rigor, o modelo urbano de distribuição axial onde protagonizavam as grandes avenidas-artérias destinava-se, sobretudo, a dar resposta à problemática da circulação. No entanto, contrariamente ao interesse passado pelo traçado axial cujo esquema de organização conferia especial valor aos espaços públicos abertos³⁹ (como praças), através da colocação de um elemento simbólico-decorativo em posição central, no modelo de distribuição axial instituído pelos *polytechniens*, o tipo de espaço aberto ficava definido pela natureza da sua avenida-artéria.

³⁷ “Mesmo que a sua aceitação não tenha sido universal - e havia discordâncias principalmente por parte dos historiadores -, a doutrina de *Durand* ainda está implícita em muitas propostas de planeamento urbano. Seu nome já não é familiar, e a origem das suas idéias é quase sempre esquecida, mas seu impacto permanece, conquanto sistematicamente subestimado”. RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.69.

³⁸ *Ibid*, 2004, p.67.

³⁹ “No caso de Paris, na Place Royale [...] havia uma estátua de Luis XII, ali colocada para exprimir as intenções comerciais cerimoniais de Henrique IV para o local”. *Ibid.*, p.68.

“Os edifícios ao longo delas eram, em geral, altos e com colunas - objectos distantes e isolados, que não participavam de um padrão ou de uma textura urbana. Além disso, as suas colunatas forneciam o tipo de mascaramento das superfícies exigido por Durand. O uso do ornamento convencional como um disfarce (por vezes, em um grau extremamente alto) iria se tornar um procedimento importante durante todo o século XIX, século que também seria a grande era dos novos tipos de edifícios: a fábrica e a estação ferroviária, a loja de departamentos, o grande hotel e o prédio de escritórios, do qual se originaria o arranhacéu⁴⁰”.

A ornamentação, em si mesma, tinha por função dissimular a introdução de qualquer elemento novo no edificado, assim satisfazendo uma premissa inicial da doutrina de *Durand* que visava a sua colocação enquanto ferramenta útil para a continuidade do hábito histórico. Embora, nas diferentes cidades, fosse pouco frequente a lei ditar uma aplicação prática da forma urbana em geral, as cidades recém-fundadas exigiam algum tipo de regulamentação, neste sentido, conduzindo ao estabelecimento de regras centradas em questões como a distância entre edifícios e a relação destes com a rua.

“William Penn, fundou Filadélfia [...] Penn e seu gerente, Thomas Holme, planejaram uma cidade totalmente nova, com um traçado rectangular que se alonga de leste para oeste entre dois rios, o Delaware e o Schuylkill. Deveria ter edifícios com fachadas voltadas para ambos os rios, de modo que os limites da cidade ficassem definidos desde o começo e seu tecido pudesse crescer para dentro. A prefeitura deveria ficar na praça central, localizada na intersecção das duas ruas principais. Cada setor deveria ter uma praça arborizada em seu centro [...] um grande espaço público não era uma das exigências da vida urbana nos Estados Unidos daquela época⁴¹”.

⁴⁰RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.69.

⁴¹*Ibid.*, p.71.

Determinado pelas premissas da Era Industrial, o primeiro ciclo de urbanização produzido em grande escala conjugou tanto o fenómeno dos benefícios económicos quanto as miseráveis perspectivas sobre a vida da população. Paradoxalmente, o progresso material não se mostrou uma efectiva garantia de prosperidade social e um cenário de pobreza urbana instalou-se nas diferentes cidades modernas enquanto ambiente-tipo que havia sido fruto da potência tecnológica. Neste contexto, a partir das primeiras décadas do século XIX questiona-se a dialéctica existente entre os fenómenos mencionados e vários pensadores⁴² trazem a debate a forma urbana adquirida, cuja problemática maior residia nas elevadas carências sociais.

Convencidos de que os problemas urbanos desenvolvidos seriam passíveis de reversão, vários são os autores que aparecem sugerindo propostas urbanas de reforma para a organização espacio-social.

“Tais idéias um tanto ingênuas de reforma do sistema habitacional seriam obscurecidas pelas propostas bem mais abrangentes de reconstituição completa da estrutura socioeconômica para enfrentar o impacto das novas forças industriais. Os pensadores revolucionários da segunda metade do século XIX levaram assiduamente essas propostas e acabaram por aceitá-las. Marx e Engels dedicaram especial atenção a Robert Owen e a dois “socialistas utopistas” franceses, Claude de Saint Simon e Charles Fourier [...] as suas idéias preconizavam o estímulo à criação de associações que iriam transformar a sociedade, enquanto Marx e Engels estavam preocupados com a tomada do poder pela classe trabalhadora⁴³”.

De acordo com o discurso de Rykwert, poder-se-á encarar *Saint-Simon* como sendo o pai da democracia social, *Owen*, o pai do movimento sindical e, *Fourier*, o pai do anarquismo.

⁴²Na sua obra ‘A Sedução do Lugar’, Rykwert, exalta um conjunto de pensadores que, pelos respectivos discursos produzidos, se destacaram no século XIX. Nomeadamente, no capítulo ‘Primeiros Socorros’, exalta algumas das mais representativas teorias (utópicas e revolucionárias) de cidade e de reformas urbanas. Aqui, nomes como Saint Simon, Robert Owen, Charles Fourier, Peter Kropotkin, John Ruskin, Karl Marx e Friederich Engels são então apontados.

⁴³ RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.76.

Embora motivados pela mesma problemática, as propostas que apresentam, no entanto, são bastante diferentes quando comparadas.

De entre elas, salienta-se a visão de *Robert Owen* que, elaborando um projecto com cerca de 400 ou 600 hectares (para 1.200 habitantes), propõe um plano de assentamentos-modelo em cujas terras cultiváveis seriam tidas como elemento capaz de gerar modelos de vida auto-suficientes para a população residente.

Desde uma perspectiva mais abrangente, o conjunto habitacional por si idealizado consistia na repetição de um módulo quadrangular constituído por três casas laterais e uma área destinada a albergar o edifício dos serviços (enfermaria, hospedaria ou dormitórios), assim formando praças intermédias por todo o complexo. Na zona central da praça (esta, arborizada como um parque) implantava-se um longo edifício destinado a albergar a administração, cozinhas e refeitório. À esquerda deste edifício, localizava-se a escola para as crianças mais novas e à sua direita a escola para as crianças mais velhas. A separação entre as áreas domésticas de vida quotidiana e as áreas de trabalho (prédios industriais, matadouros, estábulos, etc.), fazia-se através de fachas com alta densidade de arborização.



Fig. 1.3 - Vila Operária de *Robert Owen*.

“O esquema de Owen logo foi advogado como solução geral para os problemas da cidade moderna. Ele próprio tinha uma opinião extremada quanto à influência da criação sobre a natureza; acreditava que a “formação do carácter” era sempre imposta pelo meio ambiente⁴⁴” (...)

Noutro sentido, exalta-se *Charles Fourier* e os princípios-base da transformação que propõe para a caótica situação urbana. Demonstrando preocupações muito diferentes, oferece especial atenção às duas áreas de destaque que, na sua óptica, urgem imediata reforma: a reforma política (referente aos deveres) e a reforma doméstica (referente aos prazeres).

“(...) Charles Fourier tinha preocupações sociais muito diferentes, oriundas do seu total desprezo por sua época caótica e bárbara em geral, e pela sociedade burguesa da França em particular. Ele achava que as duas coisas mais odiosas da civilização em que vivia eram: primeiro, o livre mercado; segundo, a instituição do casamento [...] o prazer, e não a razão, deve ser a única fundação segura sobre a qual um sistema moral pode ser erigido⁴⁵”.

A proposta de reforma apresentada por *Fourier* não assentava no conceito de ‘igualdade’ enquanto instrumento da composição urbana que apenas fomentava homogeneidade e repetição, de facto, o autor veio invocar a necessidade de criação de uma estrutura urbana que remetesse não só para a diversidade formal como também para o desejo de satisfação⁴⁶, tanto sensorial como espiritual.

Com intuito de articular no modelo de organização espacial conceitos inerentes à satisfação humana, define previamente uma noção para o sentido de ‘prazer’ - o qual chama de *“felicidade positiva”*. De acordo com a sua perspectiva, esta, distingue-se em dois tipos de prazer: o gastronómico e o

⁴⁴ RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.78.

⁴⁵ *Ibid.*, p.83.

⁴⁶ “A futura sociedade seria organizada para garantir a satisfação de todos os apetites e paixões, inclusive aqueles sexualmente “perversos”, de maneira que ninguém precisaria ser reprimido. Ela iria se basear na interação de todas as variedades catologadas e, portanto, não poderia ser igualitária”. *Ibid.*, p.84.

erótico, sendo que ambos se referem a um acto de partilha, categoriza-os segundo uma condição de prazeres sociais. Do mesmo modo, sequencia um enquadramento para as suas definições encarando as paixões humanas como factor crucial para a busca do prazer e, dividindo-as em cinco tipos de ‘apetites-padrão’ (correspondentes aos cinco sentidos), atribui relevância a quatro tipos de emoção: ambição, amizade, amor e sentimentos paternais. Além destas, refere também a importância de três paixões ‘alheias’, aquelas que denomina por “*paixões distributivas*”: a “*paixão cabalística*” (cujo carácter remete para a intriga e rivalidade); a “*paixão composta*” (cujo carácter remete para o efectivo desejo de satisfação) e a “*paixão alternativa*” ou “*paixão borboleta*” (cujo carácter remete para a paixão pela mudança e pela novidade). As três, devidamente articuladas, identificariam 810 subcategorias de inter-relações humanas e dariam lugar a uma nova organização social.

“A visão que Fourier tinha da história também era extremamente precisa [...] via o tempo em que vivia como o fim de uma época ascendente [...] a passagem do caos social para a harmonia iria resultar, conforme descreveu, em trinta e cinco mil anos de bem-estar humano, após os quais, o mundo voltaria, em uma sequência simétrica, ao caos e à miséria originais [...] Fourier descreveu com precisão o processo histórico e as suas consequências para o meio ambiente e foi igualmente preciso e assertivo em suas prescrições para o ambiente físico da nova sociedade⁴⁷”.

No contexto dos pensamentos utópicos que emergem ao longo do século XIX, *Fourier* é visto como sendo o único autor em cujas preocupações teóricas produzem efeito ao nível das considerações urbanas (e respectiva concepção de edifícios) que, como parte integral das reformas, apresenta publicamente. Quanto ao novo modelo de composição urbana, propõe um desenho de cidade constituído por três círculos que é baseado na importância do sistema habitacional. No círculo central localizar-se-iam os edifícios públicos; no círculo intermédio, as grandes unidades habitacionais e no terceiro círculo, tido como uma área suburbana, localizar-se-iam as fazendas - ambas secções seriam

⁴⁷ *Ibid.*, 2004, p.85.

separadas por cinturões de vegetação (característica comum à proposta de Owen). Aqui, as relações entre a altura dos edifícios e a largura das ruas eram criteriosamente regulamentadas.

“(...) Cada edificio era planejado como um bloco central ladeado por alas salientes, como em Versalhes [...] As longas fachadas seriam interrompidas, a intervalos regulares, por pórticos de colunas colossais, de mesma altura que o edificio. O andar térreo seria destinado ao tráfego de veículos e oficinas; um mezanino abrigaria as crianças e os idosos; acima dele ficariam as dependências comunitárias e dois andares de habitações. Todos os apartamentos com dois cômodos, dariam para os fundos e teriam vista para os pátios privados, enquanto a parte da frente do edificio, acima do mezanino, constituiria uma rua de circulação pública, envidraçada e aquecida, como uma espécie de galeria que se elevaria por todos os quatro andares e que - no período pleno da harmonia - deveria ter cerca de dez metros de vão ⁴⁸”.

Dado que o autor sustenta um ideal de sociedade totalmente organizada para o prazer - onde todas as tarefas realizadas pelo Homem não seriam mecanizadas mas sim voluntárias e agradáveis - o cenário urbano que concebe não oferece protagonismo ao fenómeno da produção e da economia de mercado⁴⁹. Contrariamente, face aos valores de ordem simbólica e funcional que reivindica, confere especial análise ao tipo de actividades e paixões que tomariam lugar no espaço da cidade.

“As oficinas mais barulhentas, os estúdios para músicos e as atividades para as crianças ficariam em uma das alas laterais do edificio principal, e a hospedaria e os escritórios da administração, na outra. O bloco principal teria uma seção “rica”, vários escritórios e a bolsa - onde seriam negociadas atividades e paixões, em vez de ações e contratos. Um teatro e uma igreja ocupariam pavilhões independentes ⁵⁰”. (p.87)

⁴⁸ RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.87.

⁴⁹ “As finanças iriam se basear na agricultura, em especial na venda de vegetais, e, secundariamente, na indústria - e neste ponto Fourier se diferenciava dos demais utopistas seus contemporâneos”. *Ibid.*, p. 87.

⁵⁰ *Ibid.*, p.87.

A tipologia de edificado que prevê ser implantada no espaço central, sempre aberta para uma praça, é então denominada como sendo o “*falanstério*”. De acordo com as suas crenças, os “*falanstérios*” deveriam ser construídos por voluntários que tivessem interesse em afastar-se de parâmetros convencionais vividos pela sociedade, assim, resultando num tipo de modelo tipológico cujo alto valor ⁵¹ orçamental dificultaria a sua execução.

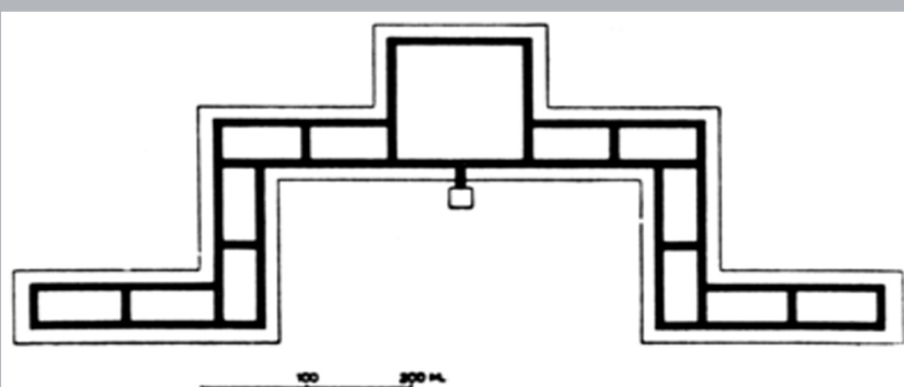
Apesar das semelhanças que podemos encontrar entre as propostas de *Fourier* e de *Owen*, (como por exemplo, a escala dos assentamentos, a fonte de renda ou o planeamento do terreno), deve ter-se em conta a recusa do primeiro quanto às perspectivas que o associam a *Owen* sem uma distinção de natureza essencial.

“Fourier considerava a obra de Owen - que era apenas um ano mais velho do que ele - como precursora da sua, porém logo se decepcionou também com Owen, uma vez que o seu programa lhe parecia por demais monástico e igualitário. A planta quadrada sem maiores qualidades dos assentamento owenitas ameaçava criar justamente o caos e o tédio que o seu projecto procurava evitar. Ele acusou Owen de charlatanismo” ⁵².

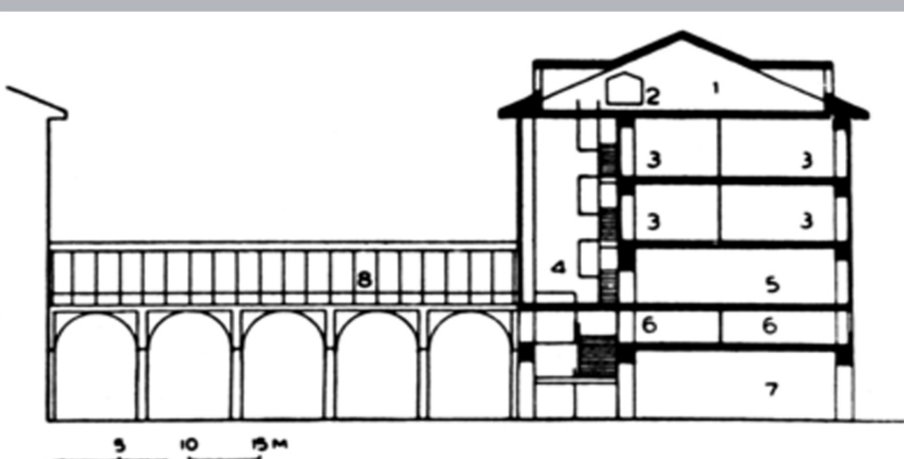
Assim, essencialmente remetendo para o nome de dois reformadores sociais da primeira metade do século XIX - *Owen* e *Fourier* - e as respectivas propostas revolucionárias de estrutura social e económica que trouxeram a debate (estas, levantadas pelo socialismo científico), a nossa interpretação sublinha com maior rigor a proposta de *Fourier* na medida em que a consideramos, ainda actualmente, determinante para uma abordagem à problemática do pensamento urbano.

⁵¹ RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.76.

⁵²*Ibid.*, p.88.



Planta esquemática do Falanstério, deduzida da descrição do *Tratado* e de uma gravura incluída na edição de 1841; a negro está indicado o traçado das *rues intérieures*.



Secção esquemática do Falanstério, segundo as indicações do *Tratado*: (1) sótão, com os quartos para os hóspedes; (2) reservatórios hídricos; (3) aposentos privados; (4) *rue intérieure*; (5) salas de reunião; (6) sobreloja; (7) andar térreo com passagens para viaturas; (8) passadiço coberto.

Fig. 1.4 - O Falanstério: Planta e Corte esquemáticos.

PARTE II - EXPRESSÕES DA CONTINUIDADE

Se numa fase inicial da nossa dissertação situamos a Rotura como estratégia própria da intervenção no espaço urbano, pretende-se agora contextualizar a prática recorrendo à análise da sua antítese formal: pela prática da Continuidade.

Deste modo, numa abordagem referida à transformação da cidade, destacar-se-à um conjunto de elementos capazes de se constituírem enquanto modelos para a prática do estabelecimento de Continuidade urbana. No respectivo âmbito, fixa-se como factor gerador do fenómeno da Continuidade a inserção dos elementos de natureza física que morfologicamente alteram a Cidade mas que o fazem a partir dum prévio reconhecimento ao nível de pré-existências ambientais e culturais.

Sendo que se trata de um processo de inserção cuja ordem é morfológica, apresenta dimensões espaciais reconhecíveis, de entre elas, a forma, o uso ou a função, bem como uma leitura da sua categoria semiológica (constituída ao longo da História) - o sentido da memória. Em paralelo, constitui-se ainda uma dimensão política na qual a hipótese de interacção e participação cívica dos cidadãos oferece garantias para uma contínua produção do Homem enquanto Ser social.

“Até ao século XIX, podíamos “ler” os edifícios enquanto tipo - uma prefeitura, uma igreja ou qualquer outro - pelo modo como as massas eram organizadas, pela evocação de determinados precedentes e pelo ornamento seleccionado. Essa relação, baseada em um tradicional entendimento metafórico dos edifícios, havia sido banida com o ancien régime, sendo substituída pela ideia de que um edifício pode se declarar a seus usuários por meio de referências históricas ou narrativas ou, de modo mais óbvio, graças ao emprego de um letreiro⁵³”.

⁵³ RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.138.

2.1 - A Continuidade como Unidade no Panorama da Diversidade.

A necessidade de acolher a classe desfavorecida (classe dos trabalhadores) que se fixava nas grandes cidades internacionais (entre o século XVIII e XIX), impulsionou o desenvolvimento de novos modos de habitabilidade e, em paralelo, contribuiu para o inchaço do tecido urbano que haveria de se repercutir como problemática arquitectónica.

“(...) Londres [...] cresceu mais devagar do que outras cidades britânicas; de qualquer modo, cresceu sem parar por todo o século XVIII. Por volta de 1801, o condado de Londres havia atingido cerca de 840 mil almas, gradativamente ultrapassando Paris em número de habitantes e em poderio económico. Londres não era apenas maior do que Paris, era a cidade mais populosa do mundo na época, superando Constantinopla/Istambul, Pequim ou Edo. Em 1841, a Grande Londres contava com 2.500.000 habitantes, número que subiu para 3.890.000, em 1871, e 6.586 em 1901 ⁵⁴”.

A cidade torna-se o maior problema vigente nos países industrializados. Devido ao crescimento veloz que a caracteriza, com urgência vem requerer soluções para as condições sanitárias⁵⁵, habitação popular e difusão de ferrovias. Na Europa, surgem modelos urbanos que através de adaptações, modificações e reconstruções intermináveis buscavam transformar a ordem urbanística estabelecida. Então rompendo com a imagem da cidade tradicional, (e conforme verificado no capítulo anterior), destacam-se experiências urbanas e formulações teóricas que pretendem dar resposta face às transformações sociais, económicas e demográficas decorrentes da Revolução Industrial. Sendo evidente um processo de Rotura entre cidade tradicional e cidade industrial, este não se apresenta enquanto 'sequência natural' ou articulação do fenómeno histórico.

⁵⁴ RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.100.

⁵⁵ “A situação crítica da cidade industrial, principalmente no que se referia às suas condições higiénicas e sanitárias, levaram ao MOVIMENTO HIGIENISTA, na primeira metade do século XIX, responsável pela primeira legislação de saúde pública, que regulamentava medidas de limpeza das cidades, construção de esgotos e canais para águas livres de contaminação. A partir de 1830, de acordo com BENEVOLO (1994), epidemias de cólera se alastraram na Inglaterra. Com bases estatísticas, o higienista EDWIN CHADWICK (1800-90) estabeleceu a existência de uma correlação entre condições de vida e mortalidade. Seu trabalho, demonstrando que doenças transmissíveis eram causadas por miasmas surgidos da matéria em decomposição, levou ao nascimento das primeiras Leis Sanitárias inglesas (09/agosto/1844 e 31/agosto/1848)”.

Neste sentido, evocar-se-á a ausência do conceito de ‘Continuidade’, por outro lado, exaltar-se-ão, em simultâneo, preocupações que se referem à necessidade do crescimento urbano ocorrer segundo a natureza de um sistema contínuo.

“A preocupação básica de Cerdá era com as moradias e com o sistema viário ou, de maneira mais pomposa, com a habitação e comunicação. A comunicação, como ele acertadamente previu, iria transformar a cidade do futuro. Segundo ele a comunicação devia ser estudada tendo por modelo a anatomia ou a fisiologia, como um corpo composto por tecidos e animado por suas funções e processos⁵⁶”.

Debaixo das premissas de uma sociedade capitalista, nasce uma nova ordem de espaço urbano⁵⁷. Sendo esta compreendida a partir do caos, de modo a garantir o desenvolvimento das novas relações sócio-económicas, dá-se uma revolução no modo de pensar a cidade. Paris, a maior cidade do mundo ocidental no século XVIII, exprimia uma implacável centralização de poder e, de acordo com *Walter Benjamin*, seria mesmo a capital do século XIX ⁵⁸.

Em meados do século XVIII, os arredores de Paris eram formados por pequenas indústrias, armazéns e um amontoado de habitações cujas condições se mostravam bastante precárias. Ao contrário de Londres - cidade predominantemente horizontal -, Paris constituía-se enquanto modelo de cidade concentrada e socialmente estratificada⁵⁹ na vertical. No ano de 1851, Napoleão III - então imperador da nação - confrontado com a precariedade civil, doa a fortuna confiscada ao rei Luís Filipe e torna-se, ele próprio, responsável pela construção de casas populares.

⁵⁶ RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.126.

⁵⁷ “Por momentâneas, paisagens “passantes” ou olhares furtivos que se cruzavam nos becos e nas ruas da metrópole que começava a se desenhar, descreviam aquela experiência vivida do choque da modernidade e, segundo o filósofo Walter Benjamin (1892-1940), do desenvolvimento da cultura como “mercadoria”, o que marcaria a sociedade de massa”.

⁵⁸ *Ibid.*, p.99.

⁵⁹ “Um prédio de apartamentos podia ter lojas e oficinas no andar térreo e luxuosos apartamentos de pé direito alto no primeiro andar. O preço caía à medida que se subia de andar, e pobres de toda a ordem ocupavam espaço sob a cobertura, as mansardas”. *Ibid.*, p.102.

“O novo imperador tinha idéias ambiciosas quanto ao que deveria ser feito na capital e havia projectado por si mesmo, ainda antes da sua ascensão ao trono, um plano detalhado de aberturas de novas ruas e avenidas no tecido urbano antigo e de criação de parques⁶⁰”.

Para execução da proposta previamente desenvolvida, *Napoleão III*, nomeia como colaborador *Georges-Eugène Haussmann* (um funcionário público e ‘bonapartista’ convicto). Com a tarefa de rever o projecto imperial e definir sua concreta aplicabilidade, *Haussmann* apresenta um plano Plano de carácter estético, técnico e higienista, que incluiu a abertura de novas artérias para o trânsito nos velhos bairros; a criação de praças e grandes parques; a urbanização de terrenos periféricos, através da construção de novos subúrbios; a reconstrução de prédios ao longo dos recentes alinhamentos; e a renovação dos sistemas de água, saneamento, iluminação e transporte público; além da reforma de todo o sistema administrativo parisiense, com descentralização e instalação de novos edifícios públicos. de carácter estético, técnico e higienista, que incluiu a abertura de novas artérias para o trânsito nos velhos bairros; a criação de praças e grandes parques; a urbanização de terrenos periféricos, através da construção de novos subúrbios; a reconstrução de prédios ao longo dos recentes alinhamentos; e a renovação dos sistemas de água, saneamento, iluminação e transporte público; além disso, previa ainda a reforma de todo o sistema administrativo parisiense, com descentralização e instalação de novos edifícios públicos.

“(…) Haussmann [...] percebeu que esse plano somente poderia ser realizado caso o suprimento de água e o sistema de esgotos de Paris fossem inteiramente reorganizados; para tanto, foram construídos novos ramais de esgotos para levar os efluentes para o Sena fora do perímetro da cidade e novos aquedutos para aumentar de modo significativo o suprimento de água⁶¹”.

De igual modo, sendo imperativa a expansão da área urbana, foi necessário alterar o traçado das ruas. Neste sentido, rasgaram-se amplas avenidas que, uma vez arborizadas em torno do centro da cidade, interligavam os principais prédios públicos e melhoravam

⁶⁰O Plano de *Haussmann* (1853-69) acabaria por encontrar repercussões nos planos de Florença (1864), Marselha (1865), Estocolmo (1866) e de Toulouse (1868); de igual modo, influenciou as propostas que se seguiram para Roma, Bolonha, Colónia, Leipzig, Copenhague, Adelaide e Brisbane, entre outras”.

⁶¹ RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.120.

as condições de circulação viária nos anéis interiores. No alinhamento das novas artérias que surgiam, implantavam-se edifícios sujeitos a regulamentação: impunha-se um conjunto de normas restritas quanto aos materiais de acabamento; altura de cornijas, linha de telhados, avanço de varandas em relação à via pública, entre outros. Contudo, apesar da preponderância das regras de edificação, é ao nível da criação de parques urbanos⁶² que se destacam particularidades no plano para a cidade de Paris.

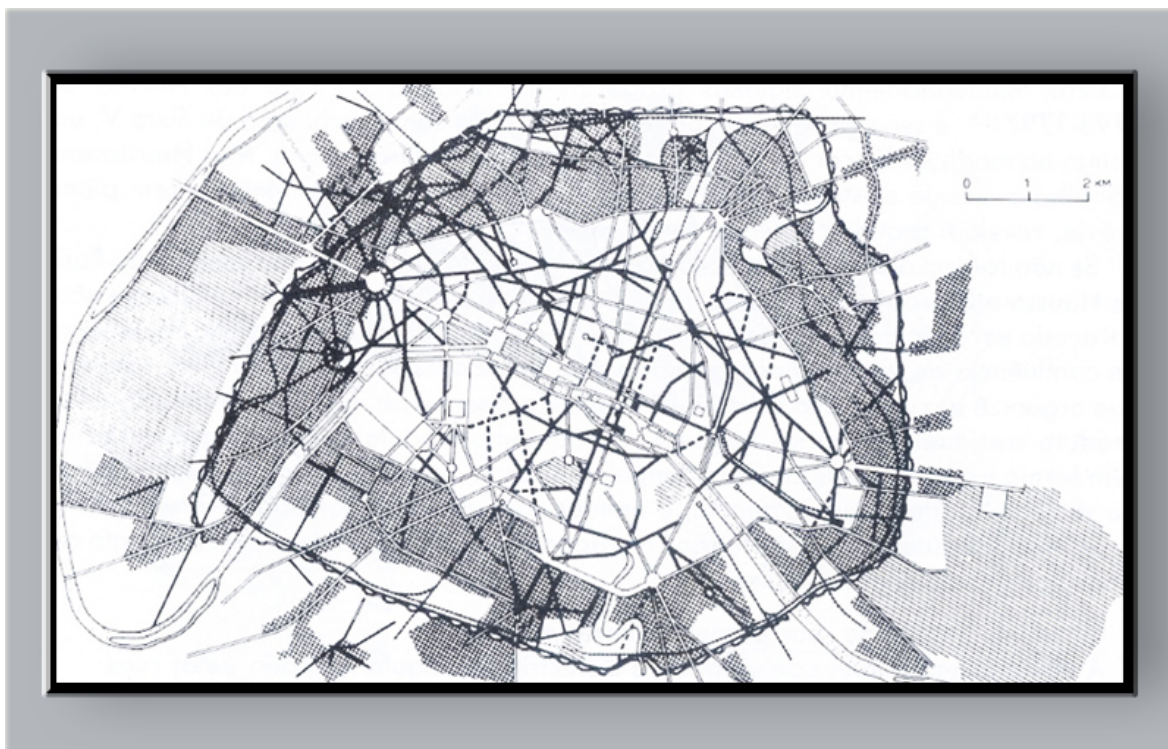


Fig. 2.1 - Mapa das intervenções de *Haussmann* em Paris.

“Eles presentearam Paris com parques contornando a cidade, cujas elaboradas variações demonstram a influência do paisagismo “pitoresco” inglês [...] fazia parte do projecto a reorganização dos canais, com suas velhas eclusas transformadas em pequenos parques, de modo que acrescentassem um elemento teatral à atividade de transportes. A associação entre Napoleão e Haussmann contribuiu muito para fazer de Paris a “capital do século XIX”⁶³”.

⁶²Esta, era uma preocupação pessoal do imperador. A qual foi executada com a colaboração do paisagista Alphonse Alphand e Haussmann. RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.110.

⁶³ *Ibid.*, p.120.

‘Anunciados’ os preceitos formais da nova prática urbanística, por toda a França foram repercutidos ecos da cidade de Paris: modelos urbanos em que a abertura de parques públicos nos respectivos planos demonstrou ser prioridade oficial para sua consolidação enquanto prática⁶⁴.

Um outro tipo de plano que vem dar resposta à problemática demográfica⁶⁵ e seu respectivo processo de crescimento na cidade (em directa rotura com a cidade medieval), é o plano de *Idelfons Cerdà y Suñer*, a *Ensanche* de Barcelona.

“Embora não fosse uma capital, Barcelona constituía o exemplo mais gritante de tal processo de crescimento, uma vez que, diferentemente do resto da Espanha, a Catalunha estava rapidamente se industrializando. A população de Barcelona passou de 35 mil para 115 mil habitantes ao longo do século XVIII, alcançando 175 mil habitantes em 1854, grande parte deles morando em cortiços tão abarrotados quanto aqueles de Manchester ou Liverpool. Era a cidade com as mais alta densidade populacional da Europa e possuía, conseqüentemente, uma das mais altas taxas de mortalidade⁶⁶”.

Após a demolição das muralhas medievais na cidade, o serviço municipal abriu um concurso de propostas para a expansão urbana de Barcelona. Deste concurso saiu vencedor *Cerdà*⁶⁷ com um plano-projecto para a cidade que não tinha sido levado a concurso. Também nele, as reflexões urbanísticas representam o pensamento de uma nova geração. De natureza mais pragmática, *Cerdà* demonstra ser fundamental entender a evolução da cidade como um processo em construção, assim, para a cidade de Barcelona

⁶⁴ Prática Urbanística cujas raízes assentam nos ideais “bonapartistas”(…) “Napoleão investiu boa parte da energia do império e de suas finanças no projecto de Paris. Sem dúvida, o prestígio económico e cultural constituía a sua principal motivação, embora tenham sido atribuídos motivos bem menos honrosos tanto ao imperador como a Haussmann: a ganância financeira, é claro, e o traçado de avenidas rectas como forma de controle das multidões (uma vez que a artilharia podia atirar sobre as massas defendidas por barricadas [...]) o principal objectivo de Haussmann e do imperador foi aquele bem declarado: propiciar uma capital burguesa, salubre e organizada”. RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.121.

⁶⁵(...) “um grande número de cidades antigas menores, localizadas em torno do Mediterrâneo, também estavam se expandindo rapidamente para além de seu centro urbano medieval, chegando a multiplicar a sua área em poucas décadas [...] essas cidades tendiam a se desenvolver “racionalmente” - ou seja, segundo padrões retilíneos de ruas e praças, acrescentadas aos seus centros, em geral de traçado irregular”. *Ibid.*, 2004.

⁶⁶ *Ibid.*, 2004, p.120.

⁶⁷*Idelfons Cerdà y Suñer*: “Um diplomado - como alguns dos políticos e funcionários públicos do governo liberal de 1854 - pela Escola de Engenharia de Madrid, a qual seguia o modelo de ensino de Polytechnique de Paris. O projecto era, em muitos aspectos, um ensaio de engenharia social. Ele era um político de esquerda liberal”. *Ibid.*, 2004, p.125.

elabora um projecto que se baseia, essencialmente, em duas funções: habitar e comunicar. No plano que concebe, o contraste existente entre a vasta malha reticular, (aberta e dando tratamento igual a todas as áreas da cidade) e o tímido núcleo original, é evidente.

“Em seu projecto, cada quarteirão deveria ter uma planta quadrada com os cantos chanfrados, fazendo com que todos os cruzamentos de ruas fossem octogonais, para facilitar o fluxo de trânsito. A cidade deveria ter densidades relativamente baixas: Cerdá propôs que as edificações ocupassem apenas dois lados do quarteirão, com jardins na facha central, embora também tivesse considerado várias permutações dessa geometria. Ele também se mostrou muito firme no que se refere às atividades sociais: um centro social religioso para cada conjunto de vinte e cinco quarteirões, um mercado para cada quatro desses conjuntos e um parque para cada oito⁶⁸”.

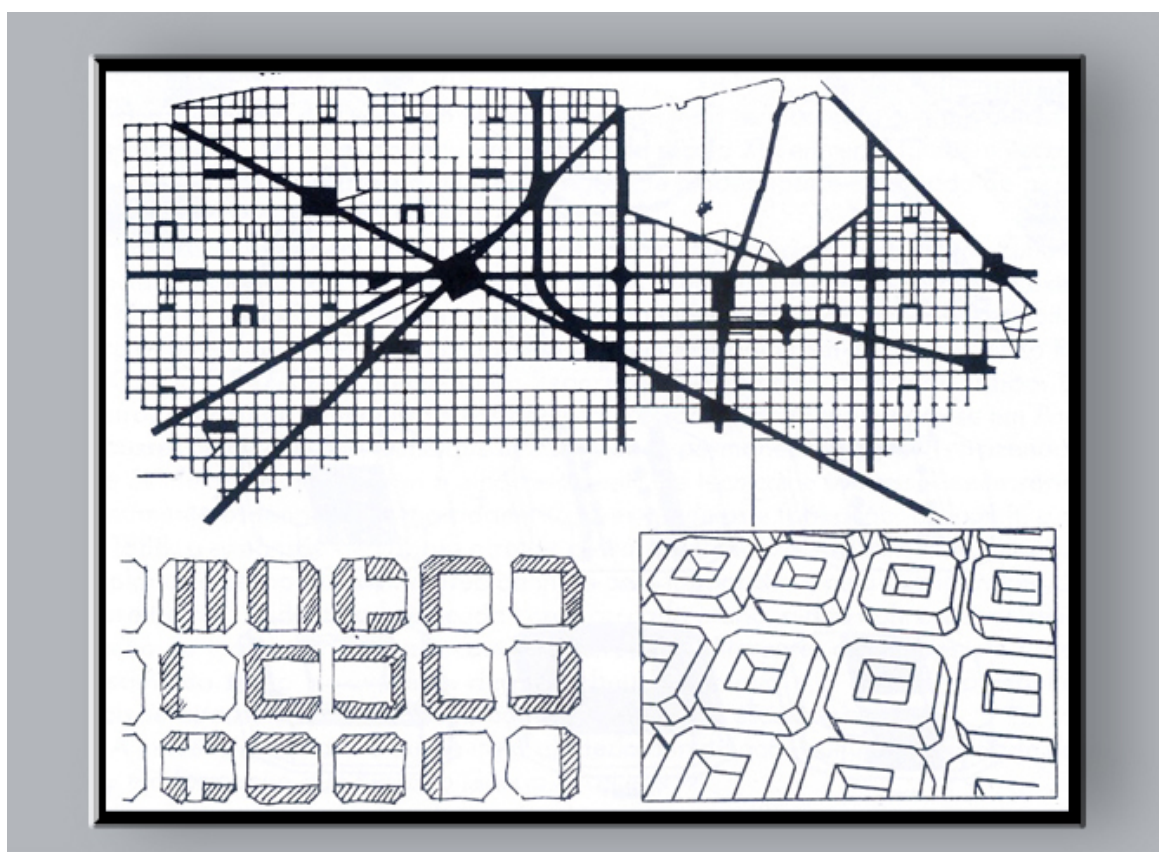


Fig. 2.2 - Idelfonso Cerdá: Plano para Barcelona. Os espaços e o sistema de circulação automóvel; quarteirões tal como imaginados por Cerdá e tal como foram imaginados.

⁶⁸ RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.126.

O aspecto progressista da cidade de *Cerdà* está na previsão de uma distribuição igualitária não só de serviços e equipamentos, como das condições de insolação, possível graças à definição de quarteirões passíveis de múltiplas variações no seu parcelamento e na disposição de suas edificações, jardins e ruas internas. Os quarteirões da *Ensanche* deveriam ser verdadeiros centros cívicos, permitindo todo tipo de uso; cada conjunto de cinco quarteirões seria um bairro. Outra componente de destaque em *Cerdà* reside na disposição independente de ruas e espaços públicos, permitindo a formação de um tecido urbano morfologicamente novo em comparação com o tecido compacto das cidades tradicionais. Poder-se-á dizer que a flexibilidade introduzida por *Cerdà* no modo de ocupação de seus quarteirões e na disposição das edificações em seu interior constitui o carácter inovador da sua proposta para a cidade.

“Foi o projecto de Cerdà que serviu de base para a revitalização de Barcelona nas duas últimas décadas do século XX. O projecto e a sua projecção para o futuro foram justificados posteriormente por Cerdà em sua obra-prima incompleta, Teoria geral da urbanização, publicada em 1867, o mesmo ano em que apareceu o primeiro volume de Das Kapital [O Capital] de Marx. O seu livro foi o primeiro a empregar a palavra “urbanismo” e a expor a noção de uma disciplina sem separado, preocupada com o estudo e a feitura das cidades. Cerdà tinha consciência de estar abrindo caminho para algo novo: os seus termos e a análise que faz apresentam ao leitor uma matéria completamente nueva, intacta, virgen: uma ciência baseada na evidência estatística e no levantamento físico. Ele formulou a noção de “levantamento antes do planeamento” um levantamento que deveria ser histórico e estatístico-geográfico⁶⁹”.

Como verificado, no âmbito da arquitectura e urbanismo, a noção de ‘Continuidade’ surge representada por conceitos de espaço morfológicos, funcionais e semiológicos, assim definindo a evolução política, económica e, sobretudo, cultural de determinada sociedade. A noção de ‘Continuidade’ refere-se, portanto, à natureza de um modelo de intervenção que acrescentando novas estruturas e relações ao espaço da Cidade sugere um grau de dependência face às premissas do cenário urbano pré-existente. Expressa-se segundo uma relação de contacto com o Passado e prevê uma

⁶⁹ RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, p.145.

concepção Futura do espaço onde se organizam as formas de todos os Tempos. À conjugação de formas, usos e valores corresponde a memória do lugar constituída ao longo da História. Nele, no espaço, revê-se o Homem e o estado colectivo da sua identidade.

Testemunho da realidade que perdura sem interrupções, o conceito de ‘Continuidade’ exprime-se na estrutura urbana através da organização de elementos que apontam para uma noção de subsequência Temporal. Neste contexto, emergem formas e valores minimamente diferenciados (de elementos imediatamente seguintes e passados) mas que, desde uma perspectiva mais abrangente, salientam grandes distinções que marcam o percurso da sua evolução, (contudo, tratando-se sempre de uma leitura em cujo léxico formal se refere à derivação da mesma identidade). Transformando e conservando no processo da sua intervenção, o discurso da ‘Continuidade’ surge vinculado aos fenómenos da dimensão Temporal. A prática urbanística dá-se então pelo particular reconhecimento das pré-existências, no entanto, não as assume como regra que obrigue à imposição de um resultado final, de outro modo, conjuga o Tempo Passado e Presente da vida urbana. Sendo que a atitude incorpora valores políticos, históricos e culturais do panorama social, o produto urbano resultante decorre unicamente de um processo de transformações morfológicas.

De acordo com tais premissas enumeradas, fixa-se a nossa perspectiva em defesa dos processos de transformação urbana por via da ‘Continuidade’ e da implementação de novos padrões capazes de identificarem o espírito da época e do lugar. As transformações morfológicas que daí resultam são tidas como o produto de uma acção que reúne e articula a originalidade das formas, uso e funções. Em paralelo, e simultaneamente, considera dimensões espaciais que estruturam a memória do lugar. Da relação efectivada entre espaço e Tempo constituem-se práticas inerentes ao uso; da sua interacção, resulta uma interpretação face aos factos históricos Passados, bem como a presença do conceito de memória e identidade que pelo colectivo é partilhada. Neste sentido, poder-se-á dizer que no processo das transformações urbanas - por via da ‘Continuidade’-, prevalecem noções que se referem não à cidade passada ou à cidade futura como um ideal mas sim à cidade existente, por outras palavras, à cidade que entre dois espaços de Tempo objectiva integrar significados de um Tempo Presente.

Tratando-se de uma intervenção com carácter de ‘Continuidade’, a expansão formular-se-á articulando pré-existências - para tal, opondo-se às noções de isolamento e negação. Não remetendo para uma Rotura entre os vários domínios constituintes, admite a sua multiplicidade e diferenciação. Neste sentido, considera-se a expansão por prolongamento das estruturas urbanas que necessariamente alteram a sua morfologia original (veja-se a problemática da rede viária: o actual traçado das infra-estruturas viárias veio, por um lado, provocar profundas alterações na morfologia das cidades, noutro sentido, interligou ‘células’ do tecido urbano e possibilitou o seu crescimento).

Desde a nossa perspectiva, o fenómeno da ‘Continuidade’ garante-se através da interpretação e aplicação prática dos seguintes factores: o factor morfológico; o factor funcional e o factor semiológico. Espacialmente incorporados na forma urbana, estes, apesar de serem indissociáveis podem avaliar-se autonomamente. As inserções de natureza morfológica referem-se à problemática da volumetria e modelos de ocupação de solo (nela incluindo-se premissas inerentes ao factor funcional: infra-estruturas, habitação, serviços e equipamentos). As inserções de natureza semiológica decorrem do confronto entre ambas e podem ser tidas como inserções primárias: a morfológica e a funcional. O carácter semiológico, posteriormente, identifica-se pela produção do significado.

No que se refere aos modelos morfológicos de apropriação de solo, estes, manifestam-se segundo movimentos de expansão ou concentração. Quanto às inserções de carácter volumétrico, estas, referem-se à escala dos edifícios e ao sistema de relações daí resultantes. O tecido urbano sofre alterações em função da articulação estabelecida entre ambos, expressando-se sobretudo através dos movimentos de expansão ou concentração.

2.2 - Dimensões Espaciais: Expansão, Concentração, Símbolo e Referência.

Como verificamos anteriormente, devido ao fenómeno da alta densidade populacional que marcou o mundo urbano, e ao crescimento veloz que caracteriza a natureza das cidades nos diferentes países industrializados, estas irão sofrer alterações de acordo com os princípios associados à natureza da sua expansão. Neste sentido, dir-se-á que uma cidade tanto pode expandir-se na horizontal como na vertical, e sempre que o processo de expansão ocorra na vertical (portanto, o edificado cresce para cima), dir-se-á tratar-se de um exemplo de cidade compactada. Assim, se no início do século XX, Paris continuava a ser uma cidade bastante compactada, sendo os seus subúrbios formados por blocos de apartamentos empilhados, Londres, por seu lado, continuava a ser uma cidade bastante horizontal.

“(...) a população de Londres era proscrita cada vez mais para longe do centro rico, espalhando-se por conjuntos de casinholas⁷⁰”.

Seguindo o modelo parisiense, em Berlim, o processo de expansão da cidade também se deu por via da sua concentração. Contando com cerca de 1.900.000 habitantes no início do século XX, tornou-se quase tão grande quanto a Cidade de Paris e, de igual modo, como noutras cidade europeias, as condições da habitação existentes eram miseráveis: prédios com cinco a sete andares que ocupando todo o quarteirão possuíam rasgos verticais no seu interior, de forma a permitir a entrada da luz - poços de iluminação -, e, tal como em Paris, remetiam para uma estratificação social feita na horizontal (os andares mais baixos e que davam para a rua eram os melhores e mais caros).

⁷⁰ RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.102.

“A Berlim do século XVIII, desenvolveu-se de modo grandioso e planejado [...] o seu eixo passou a ser uma avenida em estilo francês, arborizada com tilias, ao longo dela, praças e jardins que levavam à Pariser Platz e, para além do Portão de Brandemburgo [...] o conjunto urbano formado podia rivalizar com qualquer outra cidade, mas logo foi engolfado pelo rápido aumento da população. Enquanto o número de habitantes estava se duplicando, Karl Friedrich Schinkel [...] estava envolvido com projectos monumentais [...] em vez de planejar a expansão de Berlim, uma vez que esta estava se transformando na cidade com a mais alta densidade populacional do mundo⁷¹”.

Os movimentos de concentração são simétricos aos de expansão. Pelo aproveitamento urbanístico de zonas que se convertem em grandes áreas de atracção surgem localizados de forma privilegiada - na maioria dos casos, em posições centrais da malha urbana (podendo fazer-se destacar a morfologia do lugar pelo seu conceito de aglomerado). Por excelência, dir-se-á que os prolongamentos urbanos de concentração se definem pela sua constituição enquanto aglomerados. No respectivo âmbito, o índice populacional é tido como um instrumento que afere nos cálculos para aproveitamento de solo (valores que também equacionam possibilidades quanto ao nível de classificação da qualidade de vida). Da relação entre densidade, custo de construção e qualidade de vida constitui-se parte do debate inerente à composição urbana. Na contemporaneidade, o custo unitário da construção, em conformidade com o potencial económico da Cidade em que se insere, assume papel preponderante. Assim, considera-se insustentável o crescimento urbano através dos modelos de baixa densidade (que apresentam elevado custos *per capita*). Contudo, o modelo oposto não garante a inexistência da mesma problemática - as construções de alta densidade evidenciam ainda elevados custos decorrentes da necessidade de se criarem complexos sistemas infra-estruturais e eficazes redes de serviços que sirvam, de igual modo, toda a população.

Neste sentido, considera-se que nenhum princípio urbano (de baixa ou alta densidade) possa ser aplicado segundo a natureza de um instrumento universal, capaz de se formular sem atender a específicas condições do lugar (valores sócio-culturais).

⁷¹ RYKWERT., Joseph, *op. cit.*, p.104.



Fig. 2.3- IBA. Berlim. Algumas propostas dos concursos para zonas de reconstrução. Reformulação dos quarteirões, ruas e praças. Reconstrução da Cidade Tradicional.

Diversificadas pelas suas múltiplas características morfológicas, nas médias e grandes cidades mundiais observaram-se, em simultâneo, sucessivos movimentos de crescimento periférico por expansão e concentração⁷² (verificando-se também, nos diferentes casos, que os modelos de transformação urbana propostos foram produto consecutivo da natureza económico-social inerente à respectiva cidade). Assim, no que se refere à problemática da rápida expansão urbana, para além da questão da superpopulação, punha-se também o problema causado pelo sistema de comunicações. O sistema de comunicações, iria transformar ‘a cidade do futuro’.

“O cavalo - cujos dejetos amoníacos causavam constantes queixas contra a poluição urbana - estava congestionando as ruas da cidade [...] às carruagens, burros de carga e carroças viriam se somar os ônibus - os primeiros veículos de transporte público de massas”⁷³.

Nas diferentes cidades, as redes de circulação viária transformavam todo ambiente citadino e, sendo responsáveis pelas emergentes situações de tráfego⁷⁴, as redes de comunicação destacavam a sua presença enquanto problema que urgia solução.

“(...) na primeira década do século XX, o padrão de tráfego da cidade moderna estava definido, embora o número de veículos estivesse crescendo exponencialmente. A produção de automóveis em escala industrial somente se tornou possível pouco antes de 1900; porém à medida que a primeira década do século avançava, ficou claro que o seu impacto sobre a circulação iria ser enorme. Alguns urbanistas começaram a ficar preocupados e mesmo alarmados”⁷⁵.

Neste contexto, *Eugène Hénard* (1849-1923) dedica-se sobretudo ao Futuro da Cidade de Paris. No modelo visionário que apresenta, propõe a racionalização dos sistemas urbanos de circulação através da sua organização em diferentes níveis (sobreposição das áreas públicas, arruamentos e infra-estruturas). Para tal, sugere o

⁷²No entanto, desde uma perspectiva mais abrangente, poder-se-á afirmar que, devido aos altos índices populacionais, os modelos de construção em altura tendem a dominar a imagem da cidade contemporânea (considerada, assim, símbolo da prosperidade económica).

⁷³ RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.102.

⁷⁴*Ibid.*, p.127.

⁷⁵*Ibid.*, p.132.

desenvolvimento de plataformas em betão onde criteriosamente se distribuem vias pedestres e rodoviárias - ambas, facultando acesso ao parque habitacional. A estratégia desenvolvida através da sobreposição de ‘tabuleiros urbanos’ - acima e abaixo do nível das habitações - prevê ainda a necessidade de recolha de lixo, a distribuição de mercadorias e a gestão de uma rede pública de transportes.

“Em 1906, Eugène Hénard [...] propôs alguns artifícios simples para resolver os intratáveis problemas de trânsito [...] um dos artifícios era uma forma primitiva de cruzamento em trevo para artérias urbanas mais movimentadas. Outro artifício - mais complexo e dispendioso - era a construção de vias em múltiplos níveis para comportar diferentes formas de tráfego subterrâneo, bem como elevadores públicos. “O mais popular deles viria a ser a rotatória (ronde giratoire). Os veículos deviam circulá-la em uma única direcção e sair ao alcançar a rua adequada [...] os pedestres alcançariam o centro por meio de passagens subterrâneas⁷⁶”.

Por oposição às radicais propostas modernas que intuía a total destruição e reconstrução das Cidades, na perspectiva de *Hénard* o modelo de plano urbano que sugeria (baseado num esquema de sobreposições) seria mais facilmente aplicado no sentido de que garantia alguma preservação face à identidade que as cidades já possuíam⁷⁷. Defendendo que não é necessário deslocar o património herdado na abordagem feita à cidade, e convencido de que a rotatória seria a solução para os problemas de tráfego, *Eugène Hénard* torna-se popular e as suas soluções acabam por ser adoptadas em países como a Alemanha e a Inglaterra. Apesar da rotatória não ser uma ideia inovadora (a primeira rotatória⁷⁸ de Paris tinha já sido implantada por ordem de *Napoleão*, no portão de *Neuilly - a Barrière de l’Etoile*), os espaços circulares tendem a repetir-se sucessivamente nas diferentes cidades internacionais, de modo que os sistemas de circulação assumem uma percentagem cada vez maior na ocupação da superfície de solo.

⁷⁶RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.133.

⁷⁷Eugène Hénard: “(...) ele ficara famoso com um estudo detalhado e consciencioso dos edifícios de Paris a serem preservados”. *Ibid.*

⁷⁸“Sob Napoleão III, foi organizada como uma zona monumental livre de atividades comerciais”. *Ibid.*

“Esse aumento não ocorreu como resultado de mudanças observadas, mas como antecipação delas. É por essa razão que sou tentado a concluir que tal aumento está relacionado com algo diferente: com uma mudança na natureza do espaço público. A rotatória é, essencialmente, um espaço de passagem, e não um espaço para se estar ou habitar”⁷⁹”.

De facto, ao contrário dos espaços circulares que na Antiguidade apontavam para a existência de áreas públicas, como teatros e anfiteatros, a planta de forma circular, que com e após a Revolução começa a aparecer nos planos urbanísticos, denuncia, através do seu carácter funcional, a ausência de zonas públicas de interacção ou espaços de referência, assim constituindo-se uma importante fragilidade na cidade do século XX. A afirmação da Cidade pela recuperação dos valores herdados e reconquista da esfera pública (enquanto palco onde habita a sociedade) exalta a sua formação de acordo com a problemática da identidade, portanto, conceito que se associa à necessidade de uma estratégia por via da Continuidade).

Em meados do século XX, após o enfraquecimento das propostas urbanas que apontavam para uma imagem de Futuro perfeito, a cidade existente voltou a destacar-se como objecto de estudo. À recuperação do conceito aliaram-se as noções de ‘incerteza’ e ‘ambiguidade’ enquanto elementos próprios da contemporaneidade.

Diversidade e multiplicidade emergiram sob forma de conceitos vitais para o desenvolvimento urbano. Ao crescimento económico, fez-se corresponder o papel de agente renovador ou produtor de novos cenários na cidade.

Neste sentido, o novo debate cultural e arquitectónico defende que o actual estatuto da cidade promover-se-á tendo como base de reflexão a análise dos seus problemas e exaltação das suas qualidades. Num contexto de diversidade cultural e multiplicidade funcional, a cidade existente confere ao cidadão um merecido protagonismo. A doutrina urbanística não se apresenta dependente dos processos de intervenção que, idealizando um Futuro de perfeição, se estabelecem por via da Rotura. O modelo da cidade perfeita é abandonado.

⁷⁹RYKWERT., Joseph, *op. cit.*, p.134.

“Pontos de orientação são essenciais para qualquer forma não insana de vida urbana ou rural. Sem eles, um cidadão não consegue “ler” quanto mais “entender”, o seu lar. “Um meio diferenciado e legível não só oferece segurança, como também aumenta a profundidade e intensidade potencial da experiência humana”, escreveu Kevin Lynch [...] Lynch e seus assistentes perceberam que o mapa apreendido da cidade - a maneira como as pessoas reconstituem a cidade em suas mentes - pode ser muito diferente de qualquer de qualquer levantamento “objectivo feito por cartógrafos. Qualquer cidade, bairro ou quarteirão precisa não apenas de pontos de referência que os indiquem, como também de locais mais ou menos diferenciados para reuniões semipúblicas e semiprivadas - além de locais de encontro como tavernas, restaurantes, cafés e bares, que se tornaram tão comuns na cidade burguesa do século XIX⁸⁰”.

Lynch, na sua obra *‘A Imagem da Cidade’*, fixa um conjunto de perspectivas capazes de definirem a sua interpretação urbana, de entre elas, a hipótese de que a Cidade que rompe com o Passado se traduz num lugar não compreendido pela sociedade, portanto, um espaço onde as pessoas são incapazes de se situarem ou exprimirem uma posição face ao ambiente edificado no qual se inserem. O autor reivindicava, portanto, a consolidação do lugar vinculado-o à memória visual e colectiva da sociedade - condição que estabelecia ligações entre a forma urbana e a realidade. Valorizando a Cidade existente e as referências espaciais que a mesma comporta, o autor defende uma constante renovação urbana através de uma prática que acentua a sua prévia identidade (de facto, uma prática urbanística que enaltece o processo de intervenção por via da Continuidade).

(...)“Lynch identificou cinco tipos de elementos básicos que ajudam a criar os mapas mentais do ambiente urbano:

- (1) trajectos: são ruas ao longo das quais as pessoas viajam, tais como as ruas principais, linhas de comboio, etc.;*
- (2) orlas: são elementos lineares que não funcionam como trajectos; podem ser barreiras entre diferentes partes da cidade, como muros, orlas de desenvolvimento, margens, etc.;*

⁸⁰ RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.186.

- (3) *zonas*: são secções mais ou menos amplas da cidade, apreendidas de forma global e homogénea e como distintas umas das outras;
- (4) *nós*: são espaços de intersecção e pontos de polarização, isto é, pontos estratégicos na cidade, para os quais e dos quais os residentes se deslocam, como rotundas de tráfego, estações de caminho de ferro principais e praças movimentadas;
- (5) *pontos de referência*: são pontos encarados do ponto de vista de uma vantagem externa, elementos facilmente identificáveis devido ao seu tamanho ou carácter simbólico; alguns pontos de referência, como uma grande torre, são consideravelmente distintos e podem ser vistos de grandes distâncias; outros são de pequeno alcance, como por exemplo, a fachada de um edifício.
- Estes elementos intervêm na formação da imagem da cidade, em função da sua qualidade visual (forma, volume), da sua singularidade (clareza das silhuetas, nitidez das fronteiras), da sua situação (mais ou menos estratégica) e da sua significação social e histórica⁸¹”.*



Fig. 2.4 - Kevin Lynch: Imagem da Cidade. Ilustrações dos propósitos do texto.

⁸¹MUGA, Henrique - **Psicologia da Arquitectura**. Porto: Edições Galviro, Lda., 2005, p.209 e p.210.

Dado que no cenário urbano residem fenómenos interactivos profundamente enraizados no Passado, torna-se imperativo reconhecer-lhe valores sociais e padronizar o ambiente envolvente. A pertinência inerente à gestão dos respectivos factores demonstra a condição de um modelo urbano que não é alheio à correspondência entre observador e meio edificado. Este último, sugere especificidades e relações que o observador organiza mentalmente e interpreta, conferindo assim novos significados a tudo o que vê (sendo verdade que cada indivíduo cria a sua própria imagem da cidade, porém, é também válida a certeza de que se promove o consenso em relação à interpretação das formas existentes).

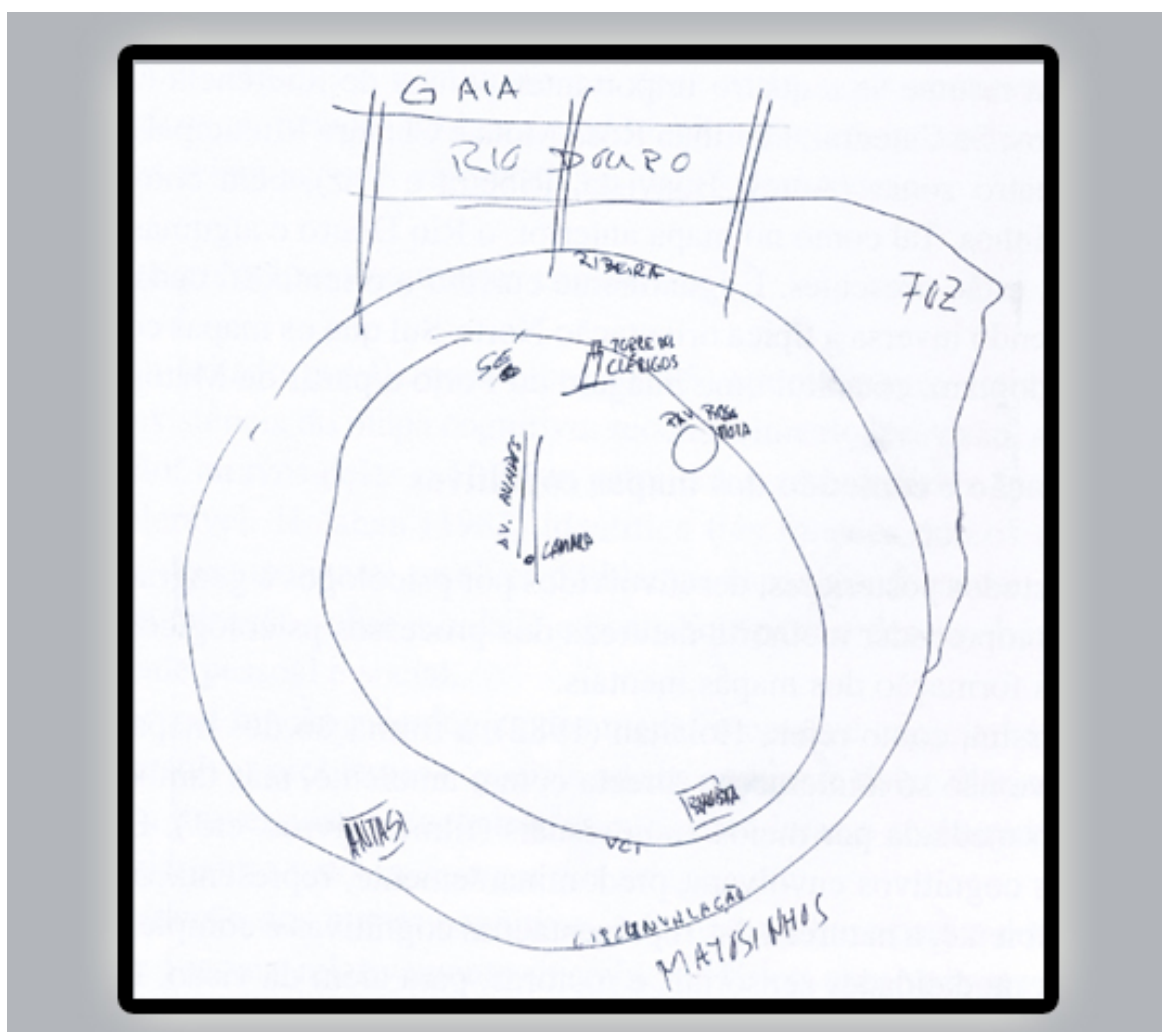


Fig. 2.5 -Mapa Cognitivo da cidade do Porto.

Uma imagem clara proporciona ao utente uma deslocação fácil e directa, contudo, um ambiente ordenado, que considere a importância dos elementos básicos que ajudam a criar mapas cognitivos, vai mais além e exprime-se como um vasto sistema de referências presente. Uma imagem clara do entorno constitui uma base valiosa para o desenvolvimento do indivíduo. Um adequado reconhecimento ao nível da atmosfera ambiental, projecta-se no cidadão enquanto estado de emotivo de segurança. Efectivamente, considera-se que um ambiente caracterizado pelo seu índice de legibilidade não só oferece segurança como também reforça e aprofunda a intensidade da experiência do Homem no lugar. Neste sentido, encara-se a cidade como um poderoso símbolo da sociedade. Sendo possível decompor a forma urbana em significado, estrutura e identidade, é também necessário classifica-la a partir dos seus elementos primordiais. De entre vários: o sistema viário - preponderante na limitação, organização e relação das partes; o quarteirão - elemento formal que define características próprias da cidade; os edifícios de referência histórico-cultural - directos constituintes da memória e identidade - e as áreas que entre ambos permanecem.

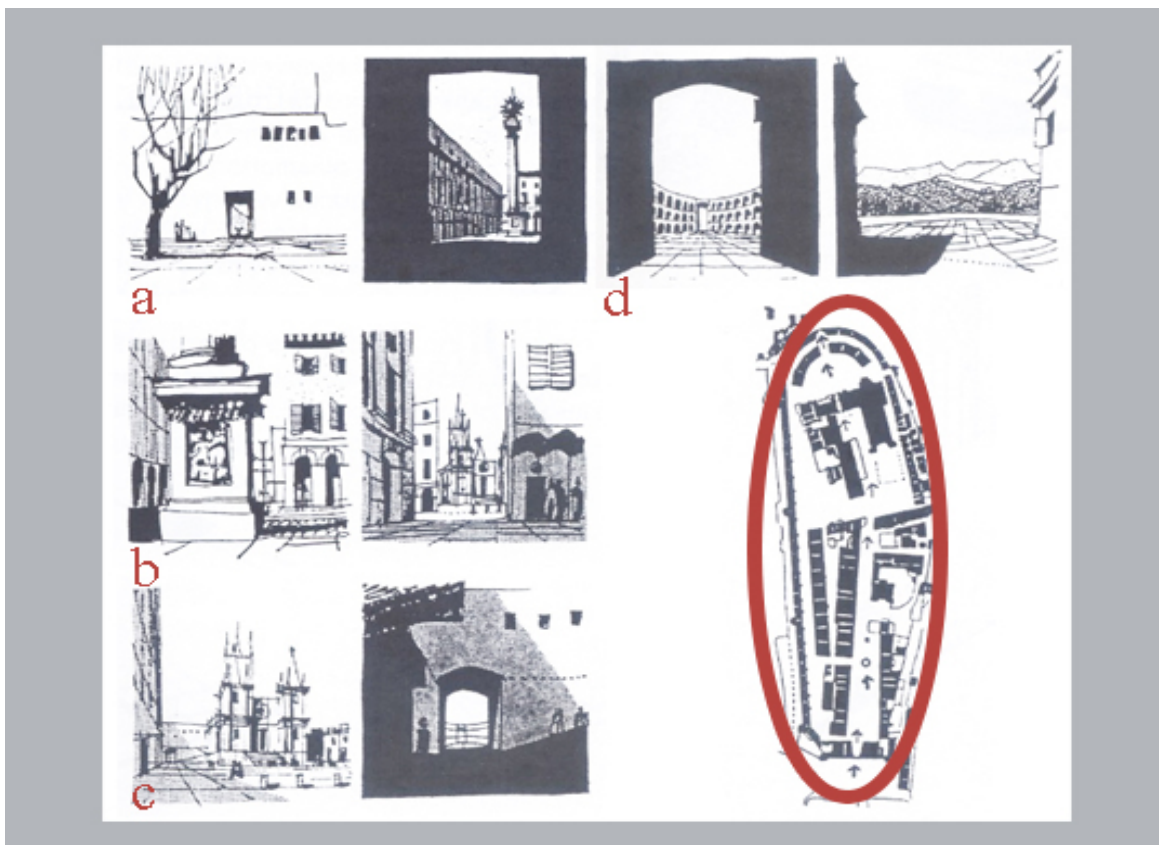


Fig. 2.6 -Gorden Callen: Townscape. Análise da visão serial num pequeno percurso.

Assim, partindo duma análise geral onde se observam condições emergentes, reconstrói-se a forma urbana. No decurso do processo, deve atender-se à necessidade de interacção entre todos os elementos afim de controlar hipotéticas inflexões que muitas vezes resultam de uma inconsequente gestão.

A leitura das relações entre forma e contexto demonstra ser preponderante para a constituição do modelo urbano. Os fenómenos de evolução cultural e social, contíguos à necessidade de renovação do ambiente urbano, constituem-se enquanto instrumentos da fórmula que estrutura o crescimento da cidade. Aqui, destaca-se também *Aldo Rossi* e o contributo da sua análise, cujos estudos foram influentes para a prática urbanística a partir da segunda metade do século XX.

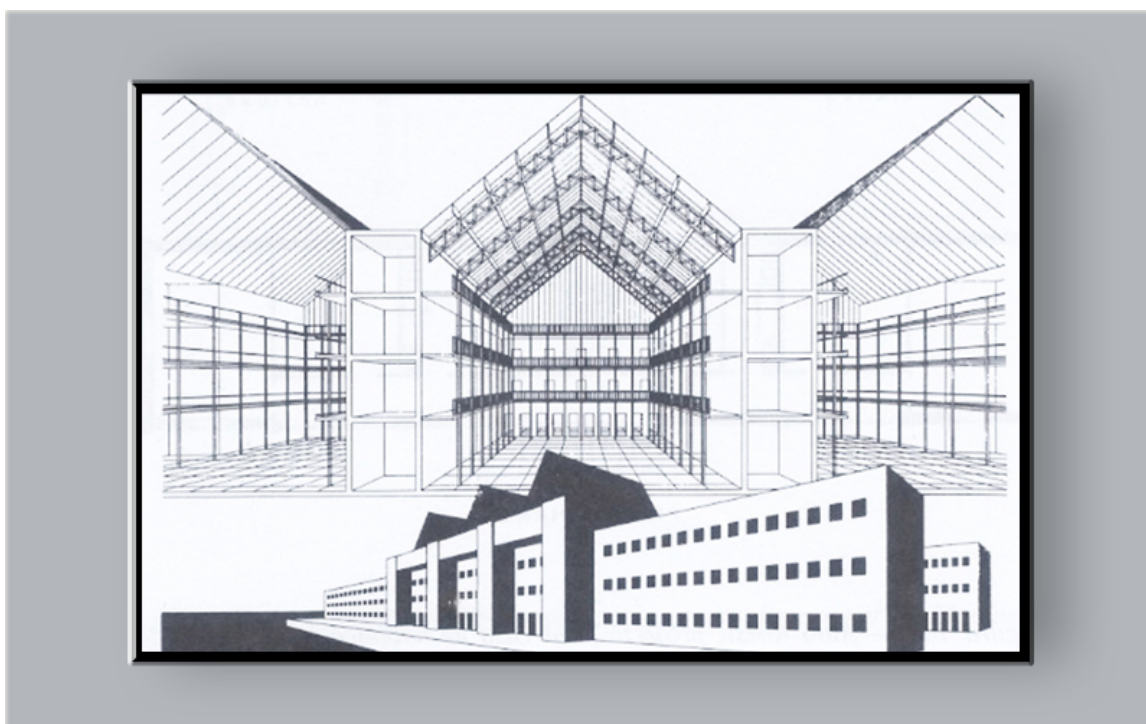


Fig. 2.7 - *Aldo Rossi*: Projecto para o Palácio da região em Trieste, 1964.

Em *‘A Architectura da Cidade’* foca a abordagem sobre as mais importantes cidades do mundo e, por oposição às perspectivas modernistas, claramente defende a autonomia da forma em detrimento da função - a funcionalidade é aqui desvalorizada devido ao aspecto da sua natureza mutável, pelo contrário, exalta-se a memória, traduzindo um estado de forma contínua. Segundo o autor, a forma não se refere somente à geometria dos volumes, esta vincula-se à História, aos edifícios e ao lugar.

“As analogias do lugar são já o projecto: eis a chave mais autêntica para compreender o método rossiano, ‘arte da memória’ e escuta da vocação dos lugares que se traduz num contínuo recontar das próprias raízes⁸²”.

Rossi, considera que na forma reside a ‘chave’ do lugar e, uma vez que o Tempo o transforma - o lugar - admite a sua renovação formal. Defendendo que a transformação urbana não se resume à problemática do crescimento demográfico, aponta para movimentos de concentração ou expansão como modo de se controlar a sua organização.

Pelo seu valor construtivo, histórico, cultural e memorial, encara os monumentos como sendo o elemento de maior persistência no ambiente urbano. Estes, constituem base de fortalecimento para a formação da identidade colectiva de determinada sociedade (sendo a habitação apenas um elemento que se estrutura em torno das principais referências do tecido urbano).

⁸²PORTOGHESI, Paolo - **Depois da Architectura Moderna**. Lisboa: Edições 70, [s.d], p.159.

PARTE III - CIDADE E CONTEMPORANEIDADE

Por analogia à Cidade tradicional, constituiu-se a Cidade contemporânea. Em concordância com valores sociais e o aparecimento de novas actividades no tecido urbano, alterou-se a sua estrutura espacial. As redes infra-estruturais surgem como factor determinante para a sua transformação. Sendo múltipla a presença dos aeroportos, dos portos industriais, dos caminhos ferroviários (metro/comboio) e das vias de grande velocidade, um novo conceito de escala emerge.

Devido à preponderância dos novos sistemas de mobilidade, as actividades urbanas foram profundamente alteradas, neste contexto, alterando-se também a esfera pública da Cidade - como resultante, surgem novas identidades que se sobrepõem à original morfologia da sua organização comunitária⁸³ (os cidadãos, agora estranhos entre si, são anónimos entre multidões).

“Como na maioria das instituições do capitalismo tardio, as repetições sem variação expressam a mensagem de que o espaço foi padronizado, de que as suas inflexões e associações foram anuladas, ainda que algumas dessas franquias possam, ocasionalmente, ser adotadas como bares de esquina. Um fenómeno intimamente relacionado a esse afetou a nossa percepção pública do tempo, o qual agora é medido com precisão nos laboratórios, por meio de relógios de cézio que indicam variações de menos de um milésimo de segundo. Contudo, a face pública do tempo está agora se tornando cada vez mais abstrata - como mostra o relógio digital -, o que, por sua vez, afeta a maneira como vivenciamos a experiência do espaço⁸⁴”.

⁸³ “E o espaço da cidade, profundamente alterado pelas transformações urbanas, também já não é o lugar privilegiado para a formação da cidadania. As cidades foram a principal encenação das sociedades e o lugar privilegiado para uma convivência entre estranhos, densa, centrada e emancipadora, como Simmel reivindicou perante os que, sem carecer absolutamente de razão, sublinharam as suas ambiguidades e tragédias”. INNERARITY, Daniel - **O Novo Espaço Público**. Lisboa: Teorema, 2006, p.23.

⁸⁴ RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.187.

3.1 - Tempo e Espaço: Do Modernismo à Contemporaneidade.

Se até ao século XIX entendemos o edifício enquanto tipo (pelo modo como as massas se organizam), poder-se-á dizer que a partir do século XX ele passa a ser visto como um objecto isolado⁸⁵ e não como parte do tecido urbano.

“As grandes obras urbanas que haviam recebido a primazia das atenções no século XIX não eram mais consideradas de interesse; em termos de tipos arquitetônicos, fábricas, represas, hangares, silos, armazéns e arranha-céus pareciam ser o desafio⁸⁶”.

Movidos pela importância da razão, os arquitectos *Modernistas* do século XX encararam a cidade herdada como sendo um fenómeno de insucesso que rapidamente deveria ser superado. Não lhe reconhecendo qualquer possibilidade de Continuidade (quer a nível conceptual ou territorial) sugeriram a sua total renovação, adaptada à era da condição Pós-Industrial e mecanizada. As propostas apresentadas conjugavam, portanto, a ‘razão dos Tempos’ e a força das novas potencialidades que o processo de industrialização havia proporcionado - a posição moderna não colocou dúvidas quanto à imagem de um Futuro perfeito para as cidades. Através dos estímulos que seriam provocados pela forma urbana, os arquitectos *modernistas* acreditaram ser possível produzir-se uma nova sociedade: uma sociedade organizada pela razão.

“Muitos desses arquitectos estavam associados com a proposta constantemente reiterada de que os problemas da cidade, particularmente aqueles referentes à habitação, podiam ser resolvidos pelo agrupamento de lâminas isoladas de apartamentos - altas mas com densidade relativamente baixa - em meio a gramados. Gropius, Ernest May, Mies, Corbusier e muitos outros produziram versões de tal esquema, e muitas delas foram construídas não somente nos Estados Unidos, como também na Europa e na Ásia. Esse esforço todo se revelou

⁸⁵ “A ênfase na produção e no processo de fabricação levou Mies e seus seguidores a pensar cada edifício como um objecto individual, e nunca como parte ou evento do tecido urbano. O efeito é exemplar em Nova York. O próprio Mies projectou o Edifício Seagram na Park Avenue, cujo refinamento de detalhes contrasta com seu corrosivo desafio ao contexto urbano em que se localiza”. RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p. 179.

⁸⁶ *Ibid.*, p.173.

um desapontamento, um inimigo da urbanidade e da coesão social, tendo provocado as críticas mais corrosivas contra a arquitectura moderna⁸⁷”.

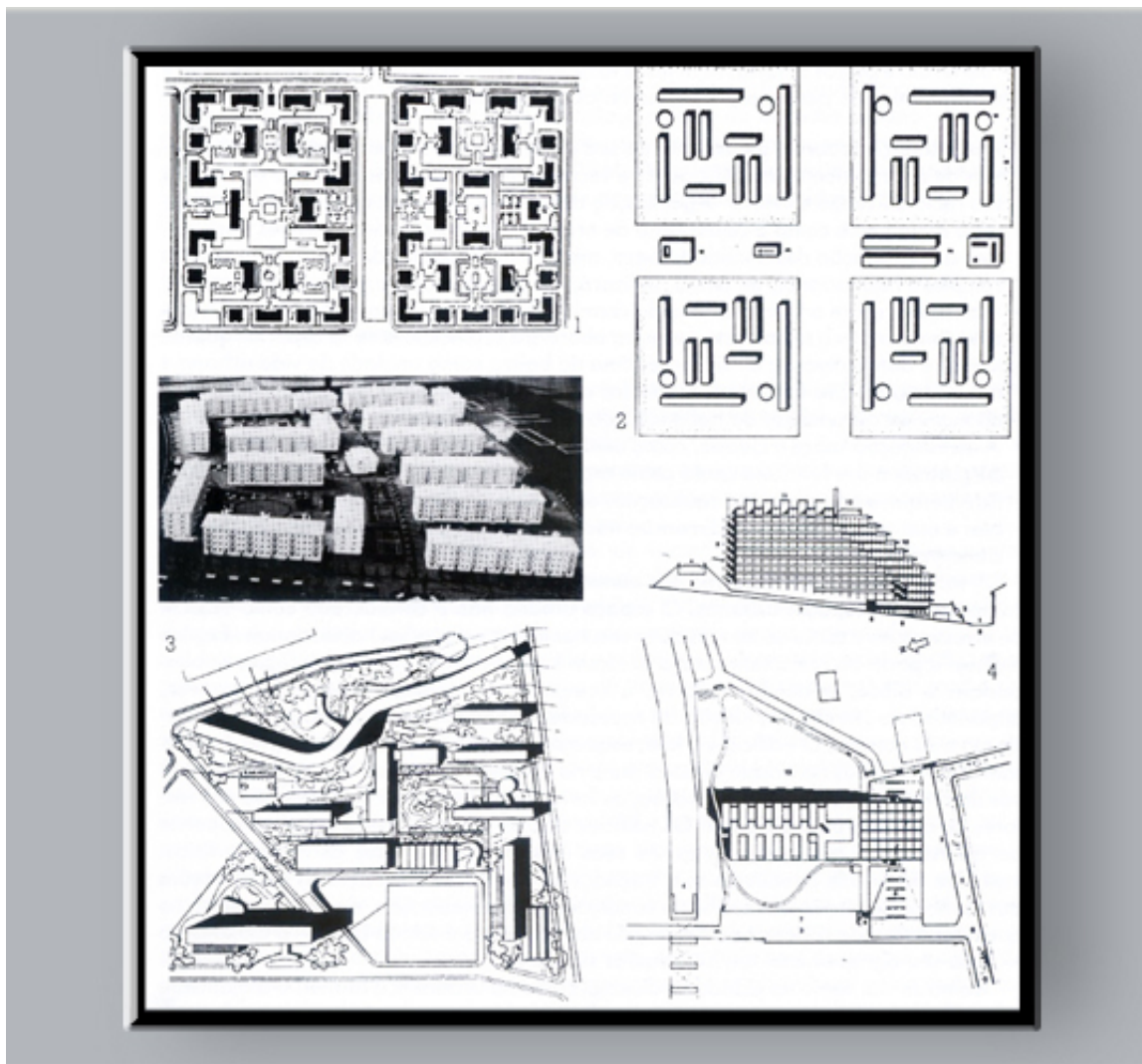


Fig. 3.1 -Unidades Habitacionais Modernas. Superblocos Soviéticos (1); Superquadras em Brasília: Lúcio Costa, 1958 (2); Complexo Pedregulho no Rio de Janeiro: A. E Reidy, 1947 (3); Unidade Residencial Wupperthal Atelier 40, 1966 (4).

Enquadrado pelo idealismo de construção de uma nova sociedade, o pensamento *moderno*, de forma absoluta, rompeu com os modelos da cidade existente. Neste sentido, exaltam-se os métodos de concepção urbana profundamente racionalistas que visavam desvincular a própria sociedade das crenças e costumes tradicionais passados.

⁸⁷RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, p.180.

De acordo com a certeza de que o Futuro seria Tempo de constante progresso, a prática urbanística baseava a sua certeza racional em demonstrações científicas, assim, renovando-se, em paralelo, perspectivas sobre formas de organização social e política.

“(...) talvez os prédios do futuro nem devessem ter estilo. As formas poderiam ser projectadas a partir da definição das necessidades humanas. Elas poderiam simplesmente ser adaptadas ao que acontecia nos edifício - às suas “funções” - ou poderiam derivar do processo de construção ou mesmo da “natureza dos materiais”, particularmente agora que o edifício poderia ser produzido industrialmente. A geometria podia simplesmente ser aceite como implícita⁸⁸”.

Da análise individual efectuada - referente ao conjunto de formulações dos pensadores na primeira fase *modernista* - exaltam-se elementos preponderantes que materializam o que lhes é comum: a destruição das formas do Passado. Deste modo, para os pensadores *modernos*, o Futuro reservaria em si a chegada de um Tempo estável. Valores como igualdade e felicidade integravam-se na nova condição social, sendo, portanto, missão da composição urbana reflectir essa realidade através da imposição de novos modelos (que naturalmente se manifestavam pela Rotura com a cidade existente). As memórias inerentes ao Tempo urbano Passado não seriam úteis para o crescimento da nova sociedade.

“Como professor em Harvard, Gropius defendia que o arquitecto é apenas mais um dos membros da equipe de construção e que a sua atividade está fundamentada em princípios e não precisa ter uma dimensão histórica; para ele, o que o arquitecto faz é resolver problemas⁸⁹”.

⁸⁸RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.176.

⁸⁹*Ibid.*, p.178.



Fig. 3.2 - Gropius e Scharoun: o bairro *Siemensstadt* (Berlim, 1930). Plano de vista de um sector e tipos constructivos.

Dadas as condições, consideram-se as premissas urbanas do *Movimento Moderno* como sendo as mais influentes para o desenvolvimento do urbanismo no século XX, de entre elas, destacando-se a diferenciação das funções urbanas; os edifícios isolados que se implantam em áreas verdes desafogadas e a norma organizativa que separa os diferentes eixos de circulação (pedestres e rodoviários, de velocidade lenta e rápida. *Walter Gropius* (1883-1969) e *Le Corbusier* (1887-1965) são aqui tidos como agentes principais e formulam um conjunto de propostas que, conceptualmente, traduzem os novos vínculos existentes entre espaço e sociedade.

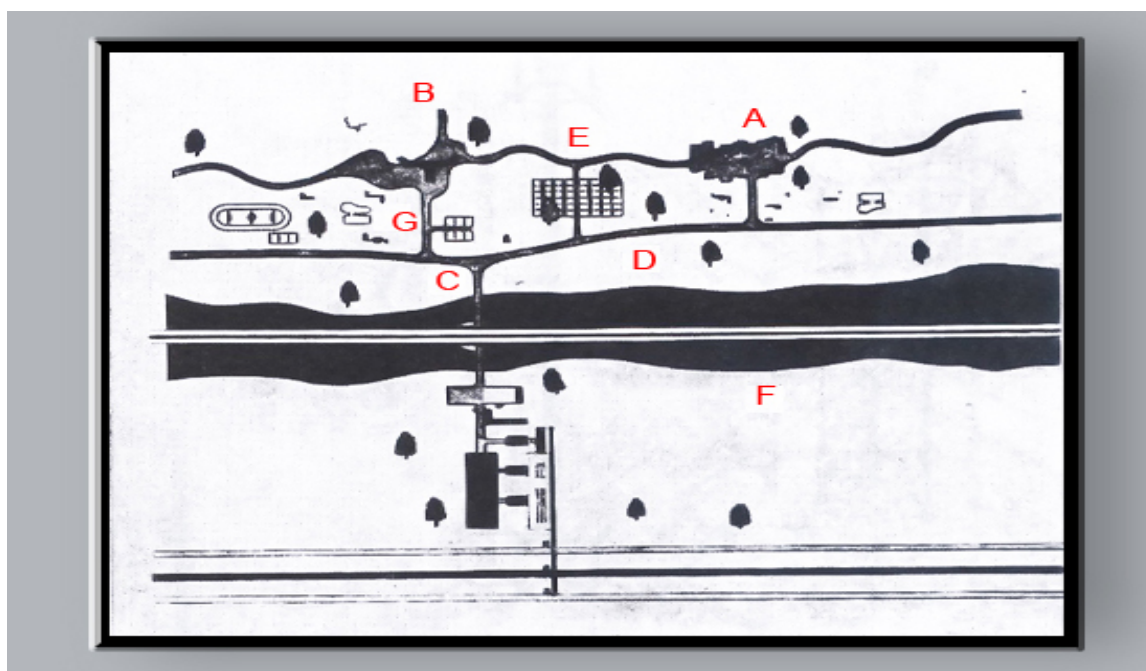


Fig. 3.3 - Cidade Linear Industrial. (A) Habitação/Casas Dispersas; (B) Habitação/Bloco; (C) Via Transversal de acesso à Fábrica; (D) Via de separação entre Habitação e Serviços Comuns; (E) Via Pedonal de ligação; (F) Zona Verde de Protecção e Separação; (G) Serviços.

“Os projectos mais famosos de Corbusier daquela época eram deliberadamente provocativos e polémicos, razão pela qual suas associações “clássicas” em geral passam despercebidas. A sua “cidade para 3 milhões de habitantes” ocupava uma área rectangular com arranha-céus de planta em cruz e sessenta andares, cercada por um tapete de habitações formado por blocos denteados em meio a parques⁹⁰”.

⁹⁰RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.176.

O alojamento de toda a população (que havia aumentado consideravelmente) continua a ser uma necessidade primordial, contudo, altera-se a condição do edifício que alberga, este, é agora tido, acima de tudo, como um elemento compositivo isolado. No respectivo enquadramento, os urbanistas do *Movimento Moderno* conceberam modelos de cidade que se mostraram ser o maior símbolo de rejeição e Rotura com a cidade tradicional (modelos formulados nos *Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna - CIAM*).

De igual modo, cresceu a escala inerente aos edifícios da nova Era e, se a grandeza das dimensões constituiu o novo cenário da paisagem urbana, a velocidade traduziu o modelo da sua apropriação. Ao aparecimento do automóvel juntou-se o elevador: elemento adequado à necessidade de deslocação no próprio edifício (ambos, vistos como elementos que contribuíram para novas formas de percepção urbana).

Morfologicamente, o conceito de escala identifica-se pela presença de diferentes dimensões (maiores ou menores, por imposição ou submissão), bem como pelo processo das relações que nele se estabelecem. No que se refere a uma ordem de escalas por imposição, assumem-se os edifícios verticais, ou *skyscrapers*, como símbolos da modernidade, fruto do progresso e dos avanços tecnológicos, estes, caracterizam a ambição das várias cidades mundiais em fixarem o seu poderio económico.

“Os primeiros prédios nova-iorquinos realmente altos - todos eles construídos com alguma forma de estrutura metálica - haviam sido os novos armazéns com quatro ou cinco andares para lojas do tecido, os hotéis e os escritórios de companhias de seguro dos anos 40 e 50⁹¹”.

Ainda que a condição Europeia se enquadre no mesmo contexto de globalização económico-social, o carácter individualista e afirmativo das respectivas torres é tido como característica fundamental sobretudo nas cidades Norte Americanas. No entanto, a interpretação Europeia (habituada à densidade construtiva de baixa altura), foi desvirtualizando a imposição da regra. Efectivamente, o início do século XX ficou marcado pelo aparecimento dos novos conjuntos de edifícios verticais que paradoxalmente se opunham ao modelo da cidade existente. As novas concepções,

⁹¹RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.284.

discordando com as origens da forma precedente, apenas formularam interações com os elementos pertencentes à nova escala urbana.

No plano de *Voisin*, *Le Corbusier* propõe uma sucessão de edifícios mega-estruturais (com cerca de 60 andares) que se repetem ortogonalmente no tecido urbano e, na medida em que interagem como um todo, afastam-se do conceito primordial da torre individualista americana.

“(...) o “Plan Voisin”, de 1925, aplicava o mesmo tratamento a Paris como um todo, preenchendo o centro da margem direita do Sena com uma grelha de arranha-céus, entre os quais os principais monumentos da cidade (o Louvre, a Notre Dame) sobreviviam espalhados como meros incidentes [...] o “Plan Voisin”, apesar do seu impiedoso tratamento do traçado da cidade e de sua exaltação saint-simoniana de uma elite administrativa e empresarial, obedece a um contexto urbano e histórico que se tornaria ainda mais marcado na obra de Corbusier do pós-guerra⁹²”.



Fig. 3.4 - *Le Corbusier*: o Plan Voisin, 1925 - proposta para reestruturação do centro de Paris.

⁹²RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.176.

A transformação da morfologia urbana através da gestão de escalas demonstra ser um factor determinante quanto à eventual preservação ou perda da sua Continuidade formal. Deste modo, se na base das respectivas relações prevalecer o discurso da desproporção, temos como produto a imagem de uma cidade descaracterizada, (conduzindo a momentos de inflexão na análise do espaço urbano). Em paralelo, no decurso da produção de espaço *modernista*, identificam-se nas composições volumétricas edifícios (sobretudo nos do período Pós-Guerra) que, (pela obsessão funcionalista e racionalista que cumprem), exprimem a sua natureza com carácter de impessoalidade, assim acentuando a condição da Rotura urbana.

“Todos eles demonstram a sua total devoção ao seu muito citado lema: “menos é mais” (mais tarde satirizado com “menos é uma chatice”), bem como sua crença na ordem como única salvação contra a decadência omnipresente da sociedade [...] a princípio esses perigos não eram óbvios. Para alguns, linhas limpas e superfícies lisas pareciam muito atraentes após as linearidades complicadas e a desordem das décadas precedentes. O ornamento não apenas era inútil, era também extravagante - como chamava já no final do século XIX o arquitecto e jornalista austríaco Adolf Loos⁹³”.

Contudo, a partir da segunda metade do século XX, a dialéctica funcionalista é fortemente contestada. O carácter impessoal das formas edificadas, directamente relacionado com as suas superfícies nuas, provoca reacções por parte do público: a rápida difusão do grafite, é um dos sinais que melhor traduz a respectiva insatisfação social.

“(...) “nós somos o que está escrito nas paredes” [...] a insatisfação com paredes nuas que o grafite reflete era tão generalizada que foram tentados vários paliativos. Nos anos 50 houve uma tentativa de volta a algum tipo de ornamentação moderna⁹⁴”.

As novas expressões culturais, políticas e económicas enquadram-se num cenário em cujas perspectivas de Futuro absoluto são dissolvidas. Sendo a arquitectura um reflexo da sociedade que nela habita, simultaneamente, emerge a reformulação da sua linguagem. A partir de 1960, motivados pelas transformações culturais decorrentes na

⁹³RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.178 e p.176, respectivamente.

⁹⁴*Ibid*, 2004, p.181 e p.182.

sociedade, alguns arquitectos interrogam-se quanto às noções fixadas pelo *Movimento Moderno*, de entre elas, questionando os fundamentos que rejeitavam valores estéticos decorativos e clássicos. A certeza dá lugar à dúvida - tendência que naturalmente encontra correspondência no campo formal da arquitectura, tanto nos padrões elementares apresentados pelo *Pós-Modernismo*⁹⁵ como nas concepções urbanísticas que lhe são inerentes. Na constituição de uma renovada perspectiva urbanística, a complexidade e incerteza são, portanto, noções dominantes. À Rotura evidenciada pelo *Estilo Universal* (modelação homogénea, estrutura racional e absoluta crença num Tempo Futuro perfeito), sobrepõem-se conceitos espaciais que visam salvaguardar a identidade e história das cidades existentes. Os fenómenos desvalorizados pelo *Movimento Moderno* passam a ser matéria de investigação.

“A unidade representada pelo pós-modernismo surgiu da disposição à reavaliação que afligiu os modernistas mais ponderados nos anos do pós-guerra. Já por volta de 1950, muito se discutia a necessidade de uma “nova monumentalidade”⁹⁶”.

A cidade tem agora a primordial função de (re)construir História e preservar identidades que lhe pertençam, de novo, articulando manifestações próprias de uma sociedade em mudança. Neste sentido, argumentar-se-ia que uma atitude revolucionária não implicava, necessariamente, a destruição da realidade existente para que, numa segunda fase, se procedesse à sua efectiva reconstrução.

As Futuras propostas seriam então produto de uma análise crítica face às formas do presente, reconhecendo-lhes, para tal, toda a sua diversidade e complexidade. Na

⁹⁵(...) “Desta renovada atenção pela arquitectura como produto colectivo, nasceu uma compreensão muito mais profunda do fenómeno cidade e uma direcção de pesquisa que, depois de um longuíssimo intervalo de silêncio, restitui à arquitectura a ‘palavra’, através da reapropriação da metáfora, do símbolo, da capacidade de se modelar não só a partir das ideias abstractas, mas a partir do gosto e sensibilidade das gentes e, obviamente, não só para aceitar mas também para criticar e discordar, partindo, porém, sempre do conhecimento e da compreensão de códigos mais difusos. Os expoentes do Post-Modern são postos em evidência por Jencks, não com base na pertença intencional a um movimento organizado, mas como criadores de um novo clima, participantes, ainda que com diversas orientações pessoais, da nova onda emergente. Ao lado de Venturi e Charles Moore, de Robert Stern, de Stanley Tiergman, de Thomas Gordon Smith, Jencks põe arquitectos como Lucien Kroll, Ralph Erskine, Peter Eisenman, Luis Clotet e Oscar Tusquets, Andrew Derbyshire, Aldo van Eyck e Teo Bosch: um conjunto de arquitectos que testemunham uma abertura de orientação nada limitada; as suas obras são lidas como sintomas, avisos de uma transformação que terá como terreno de acção os anos oitenta”. PORTOGHESI, Paolo, *op.cit.*, [s.d], p.47 e p.48.

⁹⁶RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.183.

medida em que se considera a importância de todos os ‘Tempos’ presentes e se indaga quanto a questões de permanência ou ausência⁹⁷, conclui-se que a noção de Futuro surge conotada pela dúvida e incerteza. De acordo com a interpretação de Roberto Venturi⁹⁸, o *Pós-Moderno* operaria segundo os conceitos de complexidade, contradição e ambiguidade. Acresce, portanto, que pensar a cidade desde uma perspectiva incerta e a partir de valores existentes permite equacionar infinitas possibilidades urbanas e desvendar o incompreensível.

Venturi expõe em ‘Complexity and Contradiction in Architecture’, com muita seriedade e de modo directo, o seu gosto e as suas teorias sobre a arquitectura [...] oportunamente apresentado por Scully como sendo uma ‘obra incómoda’, inicia com um ‘pequeno manifesto’ a favor da obra de arquitectura equívoca [...] ‘Complexity and Contradiction’ acaba com uma peroração do ‘difficult whole’, do ‘conjunto difícil’⁹⁹”.

Assumida como nova tendência, o ‘*Pós-Modernismo*’ (como o próprio nome indica), pretende identificar toda a produção arquitectónica que surge depois do *Movimento Moderno*.

No que respeita à sua caracterização, é ilusório querer resumi-la a um conjunto de princípios cuja aplicação é prática, de facto, trata-se de um conceito ambíguo, visto ser uma mescla de estilos arquitectónicos ocidentais (conjugando inclusivamente o modernismo, que em tantos aspectos contraria).

Embora muitas vezes caracterizado pela sua efemeridade (com propostas que remetem para a concretização de cenários descartáveis ou executadas para meros fins

⁹⁷“O principal trabalho do arquitecto consiste na organização de um conjunto único partindo de elementos convencionais, introduzindo criteriosamente elementos novos, quando os antigos se revelam impróprios [...] se ele utiliza as convenções de um modo inconventional, se ele dispõe objectos comuns de modo não comum, muda o seu contexto e pode, também, utilizar um tipo consolidado para obter um efeito novo. Objectos familiares, postos num contexto não familiar, são percebidos mais como objectos novos do que como objectos antigos”. PORTOGHESI Paolo, *op.cit.*, [s.d], p.94.

⁹⁸“Nas suas obras mais recentes, Venturi oscila entre a recuperação de um vínculo com a tradição regional americana e um uso discreto e controladíssimo do vocabulário moderno, condicionando sempre as escolhas linguísticas ao contexto ambiental, para além das exigências dos clientes [...] A motivação de uma correspondência da complexidade, com o ‘espírito do tempo’, Venturi acrescenta a do valor estético da ambiguidade (...)” *Ibid.*, [s.d], p.94.

⁹⁹*Ibid.*, [s.d], p.91, p.92 e p.94, respectivamente.

comerciais), o *Pós-Modernismo* assume protagonismo na medida em que contribui para o enfraquecimento da arquitectura moderna nos anos 60 e 70.

Num momento em que tudo parecia já ter sido inventado, os *Pós-Modernos* destacavam-se por não temerem a introdução de elementos clássicos nas suas obras, chegando mesmo a serem concebidas propostas cujas misturas se traduziam em ‘absurdos’ e que visavam uma tomada de posição por parte do espectador. O instrumento precursor de tal intenção generalizada seria a obra de Venturi *Complexity and Contradiction in Architecture*, publicada em 1966: pela defesa de uma arquitectura renovada que se opunha ao modelo organicista do século XIX, adaptável e sem ideal, contudo:

“Inúmeros edifícios pós-modernos se parecem muito com os prédios sem ironia alguma característicos do realismo social, tal como foi praticado na Europa Oriental [...] apesar de muita discussão sobre novos monumentos e até sobre uma nova monumentalidade (a qual teria influência imediata sobre alguns dos melhores arquitectos da época), não foi sugerida nenhuma resposta ou fórmula definitiva. Está claro que existiram mais modernismos que pós-modernismos e, na verdade, nenhum desses “movimentos” pode ser considerado realmente como um estilo¹⁰⁰”.

Assim, no ambiente edificado do cenário urbano continuam a prevalecer as ‘formas impessoais’, nele reina a predominância daqueles que simplesmente passam (e ainda mesmo que quotidianamente, continuam sendo estranhos para os já poucos que na cidade habitam). A cidade contemporânea, essencialmente promovida pelos seus equipamentos e conjuntos infra-estruturais, assume a categoria de área metropolitana.

¹⁰⁰RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p. 183 e p.184.



Fig. 3.5 - Shibuya - Tokyo: Exemplo de uma infra-estrutura interligando-se com o edificado circundante.

(...) a metrópole como um local de pessoas sós, isoladas, desprovidas de vínculos sociais sólidos: ‘as relações e os afazeres típicos da vida metropolitana são normalmente tão variados e complexos que sem uma pontualidade estrita toda a estrutura cairia por terra num imenso caos (Simmel, 1950, p.412)¹⁰¹’.

Os grandes equipamentos desportivos, os terminais de transportes de intermodais, as galerias comerciais, ou mesmo as avenidas principais, não estabelecem qualquer tipo de relação com o conceito de espaço comunitário (perdendo-se a noção de vizinhança, os habitantes da metrópole são, à partida, um ‘grupo de desconhecidos’ apropriando-se do espaço). No respectivo palco urbano:

“Simmel defendeu a existência de quatro formas culturais distintas, mas relacionadas entre si, as quais podem ser encontradas como características próprias nas áreas urbanas:

(1) “Intelectualidade”, segundo a qual o habitante urbano “reage pela cabeça dele [sic], em vez de o fazer pelo coração” (Simmel, 1950, p.410);

¹⁰¹SAVAGE, Mike; WARDE, Alan - **Sociologia Urbana, Capitalismo e Modernidade: Perspectivas sobre a Cultura Urbana**. [s.l]: Celta, 2002, p.114.

- (2) *Os habitantes urbanos são “calculistas” (Ibid., p.412) - pensando antecipadamente as vantagens e as desvantagens de cada acção;*
- (3) *As pessoas são “blasé”.*
- (4) *Os habitantes urbanos escondem-se atrás de uma imagem protectora de descrição, revelando raras vezes as suas emoções ou raras vezes se expressando directamente a outros¹⁰²”.*

Desde a sua origem, a vivência urbana ou a actividade metropolitana foi, portanto, essencialmente moderna em todos os seus aspectos. Nela se constituiu uma sociedade dividida em classes e emergiram multidões sob o conceito de ‘massas’. O cosmopolitismo das cidades fez nascer um ‘novo Homem’: o indivíduo moderno. No retrato psíquico deste ‘novo Homem’ exaltam-se características como angústia e ambiguidade. Embora seduzido pelas variadas formas de modernização, ‘este Homem’ vive em conflito por reconhecer as suas limitações. Neste sentido, *A Sociedade Invisível* (de *Daniel Innerarity*), claramente traduz o dramático impacto da metrópole sobre a natureza humana, de igual modo, a análise *Simmeliana* sugere concordância quanto em torno da temática.

(...) “la mutación constante, por el ritmo febril de las sensaciones, e insiste en el conocimiento racional como elemento que determina de forma esencial la personalidad y como arma de defensa, necesaria y exclusiva (la facultad intelectual sirve así de defensa a la vida subjetiva contra el poder opresor de la vida metropolitana¹⁰³”.

De modo geral, entre as críticas efectuadas sobre a vida urbana no espaço contemporâneo, verifica-se que as necessidades de adaptação espacial conduziram à transformação da postura nos próprios indivíduos, (quer enquanto Ser social e nas relações estabelecidas com o seu semelhante como na interpretação que os mesmos fazem do contexto em que se inserem). Torna-se cada vez mais acentuado o ‘afastamento’ entre ambientes periféricos (onde nas relações sociais subsistem ainda laços comunitários) e as áreas metropolitanas (lugar destinado às massas e ao desenvolvimento da vida anónima).

¹⁰²SAVAGE, Mike; WARDE, Alan, *op. cit.*, [s.l.], p.114.

¹⁰³BETTIN, Gianfranco - *Los Sociólogos de la Ciudad: George Simmel - El Individuo y la Metrópoli*. [s.l.]: Gustavo Gili, 1982, p.65.

Desde a nossa perspectiva, referindo-nos ao fenómeno dualista que caracteriza a transformação do território contemporâneo, parece ser fundamental uma aplicação de modelos que visem a convergência entre escalas. Da interacção entre realidades opostas, produz-se um novo conceito de espaço que, ‘moderando’ características inicialmente dispare, se assume como hipótese capaz de fomentar novos dinamismos sociais. A concentração da população nos grandes núcleos urbanos, além de garantir o suporte de infra-estruturas para a produção industrial e desenvolvimento tecnológico, elitizou a oferta de um conjunto de serviços disponibilizados - detalhes da ‘sofisticação’ impensáveis no cenário das pequenas cidades isoladas. Edifícios culturais, universidades, hospitais, centros desportivos, parques temáticos, centros comerciais e empresariais, restaurantes, hotéis, aeroportos, grandes terminais intermodais, são apenas alguns dos serviços que, massificadamente, a metrópole oferece. Conforme referido na obra de *Joseph Rykwert*, a título da referência máxima desta expressão destaca-se a ilha de Manhattan - consolidando-se com o estatuto de capital económica mundial.

(...) “assim, eles estão sendo imitados, e essa imitação não necessitaria do apoio de nenhuma pressão comercial especial, ainda que esta seja exercida em considerável quantidade. Tal fenómeno aconteceria de qualquer modo, porque o mundo, como sempre digo, hoje considera Nova York em geral, e Manhattan em particular, como a sua capital política e até cultural, e desconfia com razão, de que também possa ser a sua capital económica¹⁰⁴”.

É nas grandes cidades mundiais que se fixa o globalizado poderio económico do actual e liberal sistema de actividade mercantil. Os edifícios que nessas cidades se erguem, aspiram a tocar os céus (arranha-céus). São símbolos no panorama urbano que discursam sobre a força do capital, a questão da identidade passa agora pela afirmação da sua condição económica perante as outras cidades. Ao conjunto das actividades urbanas resultantes associam-se diferentes relações entre Homem e espaço edificado. Os sistemas de mobilidade, respondem às necessidades e inserem novos ritmos na cidade, em paralelo, constituindo-se base para a percepção do utente sobre o espaço circundante.

¹⁰⁴RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, [s.d] p.310 e p.311.

Como referido por *Rykwert*, uma das mais radicais transformações no espaço urbano, deve-se à preponderância da rede metropolitana, cujas extensas ramificações produzem novos mapas de cidade. O valor da dimensão temporal sobrepõe-se ao próprio valor da dimensão espacial: medem-se distâncias em tempo (duração) e perdem-se noções de percursos em espaço real. A cidade conhece-se segundo um novo modelo da percepção.

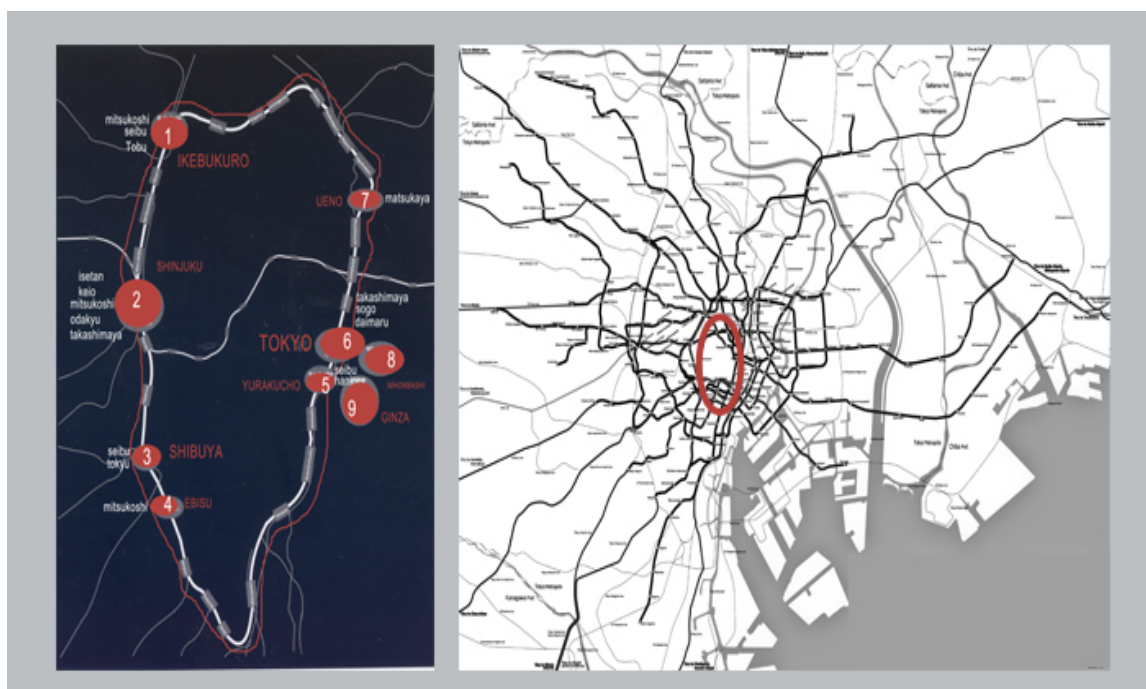


Fig. 3.6 - Tokyo: Rede de Circulação Ferroviária. Mapa das linhas de metro com a linha Yamanote localizada no centro do aglomerado (assim permitindo uma fácil interação com os restantes núcleos).

(...) “o contínuo amontoamento de imagens em mudança, a rapidez com que nos afastamos do que vamos vemos, o carácter inesperado das impressões que se nos impõem [...] a cidade é descrita como um espaço em que nos assalta uma grande quantidade de impressões breves, intensas, em mudança e diferentes, tanto mais quanto maiores o número e a densidade de habitantes¹⁰⁵”.

¹⁰⁵INNERARITY, Daniel, *op. cit.*, 2006, p.115.

Na medida em que corresponde à destituição de uma específica hierarquia espacial, promove-se o aparecimento de atmosferas baseadas na diversidade e multiplicidade. Não estando a actividade urbana vinculada a um único centro dominante, a cidade contemporânea é produto de uma organização poli-nuclear. A composição geral identifica-se pela agregação de núcleos funcionais, em cada um predominando atmosferas com diferentes usos (nomeadamente, de carácter administrativo, empresarial, cultural, comercial, lazer, entre outros). A forma urbana estrutura-se na condição de rede multi-funcional, com serviços e infra-estruturas que se repetem em cada parcela interactiva.

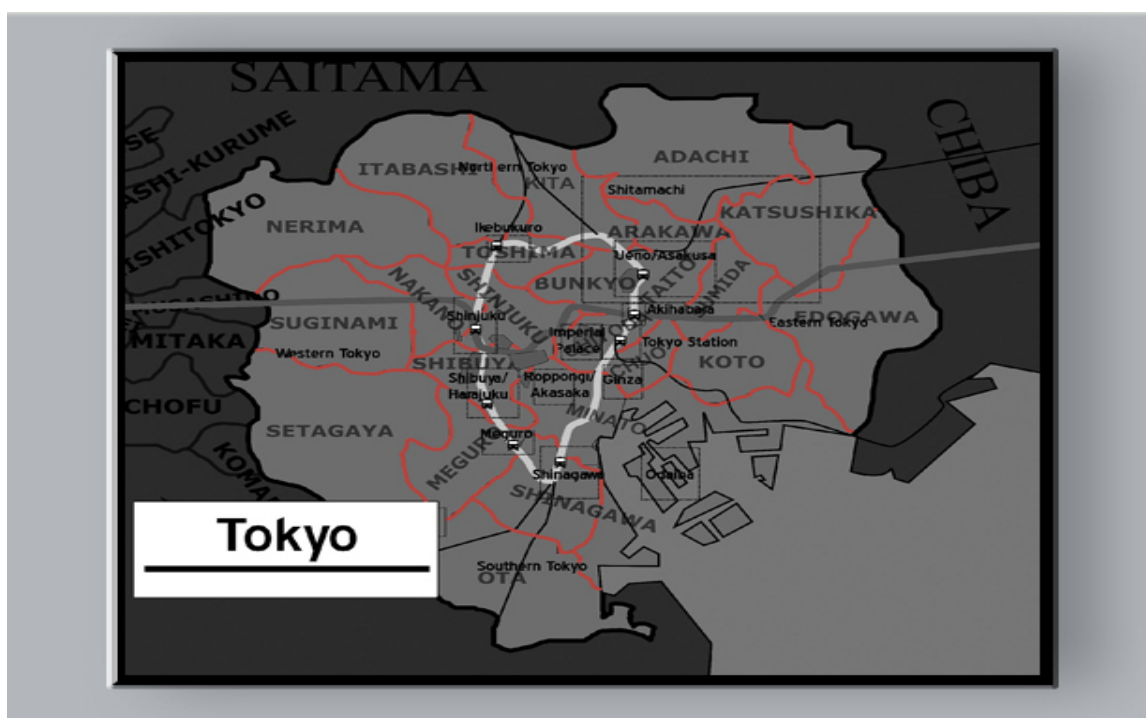


Fig. 3.7 - Tokyo: os diferentes núcleos do aglomerado.

O novo modelo - metrópole - adoptado pela cidade contemporânea expande-se (verticalmente e horizontalmente) além dos limites físicos do território urbano. As infra-estruturas, interligam todo o sistema parcelar e formam uma rede comunicativa capaz de (continuamente) estimular o seu crescimento por expansão e concentração (descrevendo-se então um conceito mega-estrutural, em cujos grandes núcleos urbanos - diversificados mas poli-articulados - são servidos por uma extensa rede de vias de contactos).

Estes núcleos (ou novas centralidades) ordenam-se seguindo a lógica da eficiência viária e dos principais eixos de circulação. Frequentemente, são conjuntos edificados híbridos que, agrupando múltiplos usos, se afirmam como elementos autónomos em relação às parcelas vizinhas (morfologicamente, um conjunto isolado desde uma perspectiva física e funcional). De igual modo, os novos parques habitacionais tendem a ser ‘autistas’ face à realidade circundante (quase sempre se apresentam uma natureza encerrada, sob forma horizontal ou vertical).

Nas últimas décadas, vários termos surgiram no intuito de se nomearem as novas formas que estruturam cidade, de entre eles, salientando-se o conceito de *Megacidade* e *Megalópole* (que objectivamente se referem à expansão das grandes manchas urbanas); o conceito *Edge City* (conceito norte americano que identifica as centralidades ou núcleos empresariais); o termo *Shopping City* (referindo protagonismo inerente à actividade comercial) e o termo *Condominium*, onde enquadram os núcleos habitacionais encerrados. Aos respectivos modelos conceptuais, correspondem diferentes padrões de vida urbana ditados pelo fenómeno da globalização e pelo seu efectivo processo de aculturação.

Alheios à cidade pré-existente (quer a nível funcional ou cultural), exprimem-se como estruturas desenraizadas e por todo o mundo ‘declaram’ o propósito da repetição. Neste contexto, (oportunamente), *Rem Koolhaas* sugere uma descrição para o conceito de *Cidade Genérica*. Com a sua leitura, demonstrando que tais estruturas, com carácter suburbano, deixaram de ser parte residual constituinte da cidade e passaram, elas próprias, a ser a essência da cidade.

“La Ciudad Genérica es la ciudad liberada de la cautividad del centro, del corsé de la indentidad. La Ciudad Genérica rompe con ese ciclo destructivo de la dependencia: no es más que un reflejo de la necesidad actual y la capacidad actual. Es la ciudad sin historia. Es suficientemente grande para todo el mundo. Es fácil. No necesita mantenimiento. Si se queda demasiado pequeña, simplemente se expande. Si se queda vieja, simplemente se autodestruye y se renueva. Es igual de emocionante - o poco emocionante - en todas partes. Es

‘superficial’: al igual que un estudio de Hollywood, puede producir una nueva identidad cada lunes por la mañana¹⁰⁶’.

Desde uma perspectiva mais razoável, dir-se-á tratar-se de um modelo que, em certa medida, leva ao limite a metodologia urbanística da prática moderna (a qual pretendia a distribuição de zonas funcionalmente autónomas ao longo da cidade) e que garante Continuidade¹⁰⁷ através do seu grande compromisso infra-estrutural (ao articular relações entre núcleos). As contemporâneas metrópoles, vinculadas às tecnologias da informação, lideram no processo de transformação urbana que, quando colocado em confronto com o passado morfológico da cidade, se qualifica pela sua forma fragmentada e sem relação. No entanto, (e não obstante problemáticas já anteriormente apontadas), consideramos adequada a sua classificação enquanto aglomerado urbano definido pela relação das suas múltiplas e vastas redes funcionais e infra-estruturais (o cenário urbano das totalidades difusas).

Considerando uma evolução proliferativa da metrópole, a nossa interpretação não rejeita aqui a hipótese de intervenção por via dos processos que visem a Continuidade.

No âmbito da nossa proposta para reflexão, exalta-se o estatuto da metrópole confinado ao acto da renovação - assim, perspectivando-se necessidades de ajuste. Neste sentido, contextualiza-se o discurso de Daniel Innerarity (*A Sociedade Invisível*) como forma de atribuímos estrutura à problemática que é susceptível de requalificação. Na *Sociedade Invisível*, o autor sugere um estado de contemporaneidade que é caracterizado pela complexidade e falta de legitimidade - onde a verdade é um facto discutível e a realidade uma *mise-en-scène*. Sendo crescente a sensação de insegurança num mundo que aparentemente é cada vez mais seguro, *Innerarity* questiona-se mesmo quanto à existência de fenómenos de simulação e manipulação. Fruto da globalização à escala mundial, o autor descreve uma sociedade enquadrada por instáveis organizações de poder e em cujos valores primordiais foram desvanecidos. A determinação de responsabilidades e causas é desvirtuada, os interlocutores são inconstantes, as presenças virtuais e os amigos difundidos.

¹⁰⁶KOOLHAAS, Rem - **La Ciudad Genérica**. Barcelona: Gustavo Gili, 2006, p.12.

¹⁰⁷O termo ‘Continuidade’ sugere uma nova condição. Define-se agora pelos contínuos fluxos das redes de telecomunicação, de informação e transportes.

As Nações perdem competências tradicionais (principalmente do ponto de vista económico) e as grandes multinacionais, indiscriminadamente, apoderam-se do espaço e das relações sociais sob a protecção do conceito de ‘mercado global’. Trata-se de um espaço (ironicamente) contínuo, sem fronteiras, que se destaca enquanto cenário ideal para as práticas terroristas (já espalhadas por todos os continentes). Contudo, o terrorismo é virtual. Com o objectivo último de alterar o comportamento da sociedade, instala-se o medo, a suspeita e a confusão. Analisando com rigor, o autor considera que o fenómeno tem aplicação prática em ‘momentos-chave’ do panorama social: nomeadamente, nos períodos de divergência política, quando determinada sociedade se opõe perante alguma imposição (ainda que virtual, a hipótese de um ataque terrorista, impulsiona retrocessos de opinião pública e fomenta a condescendência em relação aos seus ‘defensores’). As atitudes contra-terroristas elegem um rosto inimigo, justificam a conduta político-social em função do mesmo e expõem a sociedade civil ao perigo dos ataques formulados.

Na sua obra, (face à pertinência das questões de interesse nacional), o autor descreve o conceito de ‘anti-terrorismo’ como um fenómeno contemporâneo que emerge para desvincular a atenção do público. A transparência própria das actuais sociedades democráticas define-se como a grande premissa que é questionada (indicando uma actual *cegueira própria da excessiva visibilidade*).

No estado democrático das políticas vividas, *a celebridade é mais importante que a competência* - escreve *Innerarity*. Muitas vezes, com intuito de se encobrir a projecção inerente a certas medidas impopulares, os personagens políticos encenam discussões e *fait-divers* - assim, entretendo a opinião pública e desviando-a do essencial. No enquadramento de tal cenário, persiste a lógica da representação e sua sobrevalorização. Sistemáticamente conduzidos pelo receio de um inimigo desconhecido, os governantes agem sem devida premeditação. Neste sentido, o autor equaciona uma sociedade em cujos Tempos Futuros são incertos e onde o Tempo Presente não constitui modelo de Continuidade (muitos dos conflitos emergem a partir do que as diferentes partes dizem estar por acontecer - a partir de ansiedades, medos e incertezas - raramente são o produto de um fenómeno efectivamente ameaçador).

No Futuro, a importância do Estado perspectiva-se incerta. Num contexto de Tempo Invisível ou Indizível - próprio da sociedade contemporânea - localiza-se, por consequência, a problemática das cidades com projecções na produção do espaço.

“Assistimos assim, através do efeito de jogo de todos estes factores heterogéneos e de todos estes modos de pertença entrecruzados, a uma verdadeira decomposição do espaço urbano, não só horizontal mas também verticalmente, não só material mas também simbolicamente, não só económica, mas também política e ideologicamente. A aglomeração moderna perdeu assim toda a sua relação com a polis, tornou-se uma sucessão, uma montagem, uma seriação, uma interferência de ‘processos’ e de ‘acontecimentos urbanísticos instáveis’¹⁰⁸”.

Por necessidade, no reconhecimento feito em torno das cidades, torna-se urgente ponderar os diferentes tipos de análise desenvolvidas pelas áreas de investigação social. Objectivando processos de requalificação, devemos, antes de tudo, compreender que a morfologia urbana não se apresenta isolada dos seus conceitos sociais. Como pudemos verificar, incorpora específicas categorias simbólicas que são pertença da sociedade (em determinado período do Tempo) e do lugar (de facto, vivemos referenciados pelo poder simbólico das coisas, devemos admitir que um mero conceito de cidade contemporânea enquanto rede diversificada pela oferta de funções e acontecimentos não abarca toda a sua complexidade).

Metapólis (metrópole da era digital), *Cidade Global*, *Cibercidade* ou *Cidade Inteligente*, são apenas alguns dos termos que surgem ramificados pelo conceito. No geral, todos exprimem o poder da virtualização.

Simultaneamente, observa-se que as interpretações do espaço colectivo, cada vez mais, são individualizadas e carentes de sentido solidário (fomentando-se a busca de referências imateriais). Remetendo para o quadro dos hipotéticos processos de requalificação (por via de estratégias contínuas), concluímos que a problemática, sobretudo, incide na concepção pública do espaço. Desde a nossa perspectiva, a requalificação dos aglomerados contemporâneos não dispensa uma transformação na sua dimensão pública (em busca dos valores perdidos).

¹⁰⁸FREITAG, Michel, *op. cit.*, 2004, p.54.



Fig. 3.8 - O Homem e a Cidade Global.

“Sem espaço público em sentido estrito, o poder é entendido como denominação, o estado como instância das regulações sociais e a opinião pública como lugar das manipulações dos meios de comunicação social [...] Pensar o espaço público exige hoje que se comece por examinar as suas formas substitutivas [...] com a actual crise da representação, a esfera política não parece estar em condições para configurar o lugar de construção deliberativa requerido por uma sociedade democrática avançada. Os actuais espaços sociais, na sua imediatez emocional, populista ou identitária, oferecem especial resistência no momento em que são configurados como espaços públicos, isto é, como âmbito de construção e representação social¹⁰⁹”.

¹⁰⁹INNERARITY, Daniel, *op. cit.*, 2006, p.15 e p.22, respectivamente.

3.2 - *Manhattan* como exemplo da cidade contemporânea.

De acordo com a análise efectuada à obra de *Joseph Rykwert*, destaca-se a cidade de *Nova York* como referência válida que identifica a organização da cidade contemporânea. Depois de reflectir quanto à evolução histórica do urbanismo nas cidades mundiais (recuando mesmo até à estrutura de composições primordiais - Barcelona (218 a.C.), Londres (43 d.C.) e Paris (360 d.C.)), *Rykwert* elege como modelo de análise para a cidade do século XXI, *Manhattan*: um símbolo urbano produzido nos meandros do capitalismo industrial e comercial.

“De onde quer que seja vista - da Europa, Ásia, América Latina ou do Pacífico -, Nova York hoje parece ser a capital financeira, administrativa e até cultural do mundo inteiro [...] e como sempre acontece quando uma nova capital surge ou é estabelecida, outras cidades vão invejá-la ou tentar imitá-la. É por isso que a palavra “manhattanization” teve que ser cunhada para o processo de tornar as cidades mais ou menos parecidas com Manhattan¹¹⁰”.

Sendo que a arquitectura depende essencialmente do capital para a sua produção, no processo de globalização mundial, o modelo das cidades contemporâneas expressa-se sobretudo enquanto símbolo das suas actuais lógicas económico-mercantis¹¹¹. No contexto dos respectivos dinamismos sociais, situa-se a ilha de *Manhattan*¹¹². Por excelência um porto natural, (cujas condições de solo são propícias para o desenvolvimento da agricultura), numa baía protegida pelos quebra-mares de *Brookly* e *Staten Island*, onde desaguam dois rios (o *East* e o *Hudson*), localiza-se *Manhattan*: uma ilha de xisto que, a norte, o rio Harlem separa do continente.

¹¹⁰RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.263.

¹¹¹ “Onde não encontra obstáculos, a economia de mercado trata, portanto, o espaço e a construção (industrial, comercial e residencial) como trata todas as coisas: ou como recursos cujo rendimento se trata de maximizar, ou como factores cujos custos se trata de minimizar. O espaço em causa e as construções em causa, por definição, não representam intrinsecamente nada mais [...] o espaço para o capitalismo industrial é, antes de mais, um obstáculo à fluência ideal dos factores de produção”. FREITAG, Michel, *op. cit.*, 2004, p.43.

¹¹²*Ibid.*, p.265.



Fig. 3.9 - *Manhattan*: Capital económica Mundial.

Naturalmente, devido à sua localização geográfica, o tráfego aquático tornou-se uma característica essencial para o retrato da cidade.

“Foi o presidente da Nova Holanda, Willem Verhulst [...] que provavelmente comprou a ilha de um grupo de índios por sessenta florins em mercadorias sortidas [...] a extremidade sul de Manhattann foi ocupada, cercada por uma paliçada, fortificada e chamada de Nova Amsterdã [...] era mais uma fortaleza com um povoado ao lado do que uma cidade regulamentada ou empresarial”¹¹³.

Contudo, na sua privilegiada condição de porto favorável ¹¹⁴ às trocas comerciais, em 1825, iniciou-se a construção de um canal para os *Grandes Lagos*, o que por si só impulsionaria o desenvolvimento e crescimento exponencial da cidade de *Manhattan*. O *Great Western* (primeiro transatlântico a vapor e com rodas) chegaria ao Porto de *Nova York* em Abril de 1830. Nesse mesmo ano, ligando *Union Square* ao *Harlem* instalava-se também a primeira linha férrea. Desde 1790 a ilha já estava loteada segundo uma trama ortogonal que se estendia no sentido sul-norte.

“Por volta de 1790 [...] após uma série de projectos extravagantes e abortados, as autoridades da cidade entraram em acção: foi empossada uma Comissão de Ruas, para a qual um jovem avaliador, John Randel Jr., mapeou Manhattan. Com base em seu mapa, foi apresentado um projecto com cerca de doze avenidas (com 30 metros de largura) e 155 ruas (com 15 metros de largura) [...] esse plano estabelecia uma trama uniforme - independentemente das irregularidades do sítio [...] entre as Ruas 14 e 34 e a Terceira e Sétima Avenidas, ficaria o maior espaço aberto da nova trama, uma “Grande Esplanada” para acomodar exercícios militares, exposições, etc. [...] desde o início, empreendedores privados intervieram no plano, comprando quarteirões em sequência e tratando-os como uma única “propriedade”¹¹⁵.

¹¹³RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.265.

¹¹⁴(...) “os comerciantes ingleses o escolheram como seu porto favorito para “desova” de mercadorias embargadas, o que era ruim para as indústrias nacionais, mas bom para a cidade”. *Ibid.*

¹¹⁵*Ibid.*, 2004, p.266 e p.267..

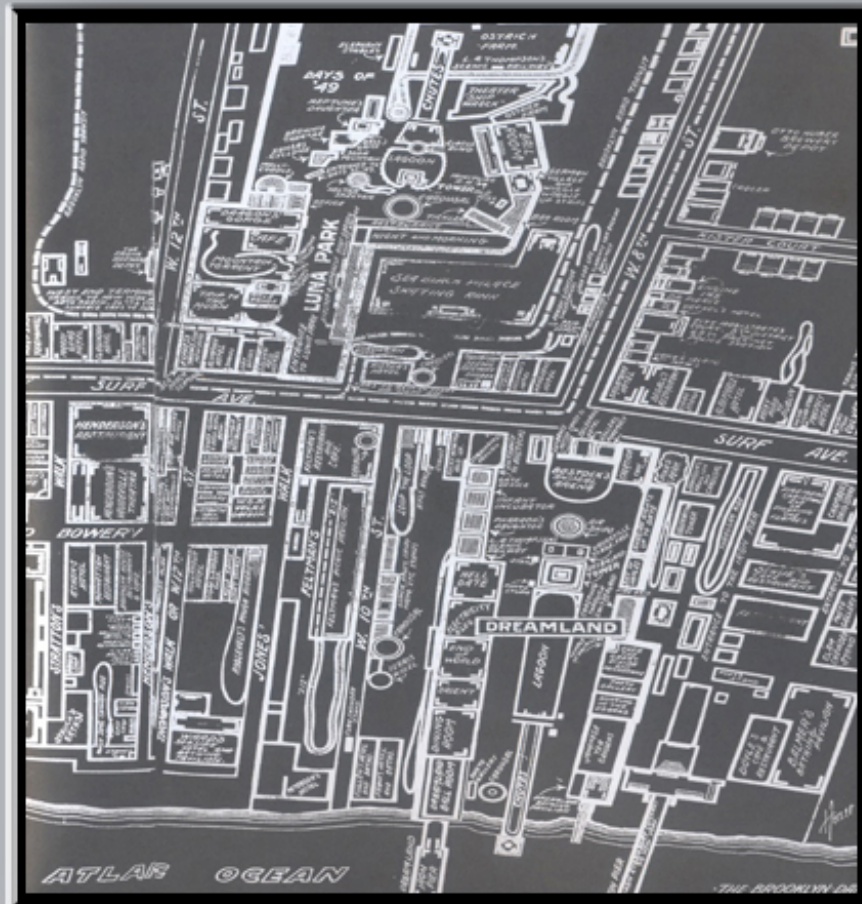


Fig. 3.10 - Planta (parcelar) da zona central de Coney Island, 1907. Cada rectângulo representa uma unidade geradora de prazer; todo o sistema de irracionalidade da massa é estruturado pela rectícula da ilha.

Embora seja mundialmente reconhecido o valor conquistado pelas edificações erguidas em *Manhattan* (e a imagem do *skyline* Nova Yorkino, rapidamente se tenha difundido pelas grandes cidades mundiais como ícone do urbanismo contemporâneo e símbolo do *status* económico da respectiva cidade), nem todos os arquitectos e urbanistas (intervenientes na constituição da morfologia do lugar) previam o resultado da sua imagem final¹¹⁶. O (hoje famoso) *skyline* de *Manhattan* assume-se como produto colectivo da diversidade e multiplicidade inerente ao espaço mercantil, no entanto, destaca-se neste modelo de formas urbanas a ausência de áreas comuns e de encontro que fomentam tipos de interacção social. Quando referidos à esfera pública do espaço e às condições físicas de apropriação que esta oferece, o conceito de ‘diversidade’ é praticamente inexistente.

“Com todos esses empreendimentos privados, os 150 acres de espaço público previstos pelo projecto original acabaram por ser reduzidos a 117 acres [...] à medida que os quarteirões iam sendo ocupados por prédios cada vez mais altos e maiores, crescia a movimentação pela criação de um grande parque público. As autoridades da cidade resistiam: para elas, os rios de cada lado da estreita ilha garantiam ar puro suficiente; os extensos cemitérios “verdes” - em especial o de Green-Wood, no sul de Brooklyn - poderiam sempre servir como locais de passeio, como já ocorria em outras cidades americana¹¹⁷”.

No respectivo contexto, *Manhattan* adquire uma imagem tão forte que acaba sendo copiada e adaptada em diferentes lugares do mundo segundo um processo de difusão urbana que hoje é conhecido por ‘processo da *Manatanismo*’. Em *Nova York Delirante: um manifesto retroativo para Manhattan*¹¹⁸, Kooolhaas interpreta o modelo de urbanização como sendo produto de uma teoria não formulada. O arranha-céus, sublinha a força da sua identidade e surge como o novo protagonista da atmosfera urbana.

¹¹⁶Poder-se-á dizer que pré-figuração mais próxima tenha surgido com o testemunho de alguns arquitectos em manifestos futuristas. Nomeadamente, com a obra de António Sant’ Elia, onde especula sobre o futuro da cidade).

¹¹⁷RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.267.

¹¹⁸Escrito em 1978 pelo holandês Rem Kooolhaas e assume-se ‘figura-chave’ na cena arquitectónica contemporânea internacional.



Fig. 3.11 - “A cosmópolis do Futuro” - *Manhattan*.

De acordo com a perspectiva de *Rykwert*, na medida em que a sua presença é ‘menosprezada’ por parte dos arquitectos e urbanistas, estes, têm vindo a perder responsabilidade sobre o processo de reformulação da cidade, assim, emergindo aqueles que são agora vistos como ‘produtores de formas e imagens’, eventualmente, os ‘*designers* da arquitectura’¹¹⁹. Desta forma, torna-se também cada vez mais óbvia a ausência de propostas para a composição urbana e exalta-se o papel da imagem e simbolismo como característica fundamental na cidade.

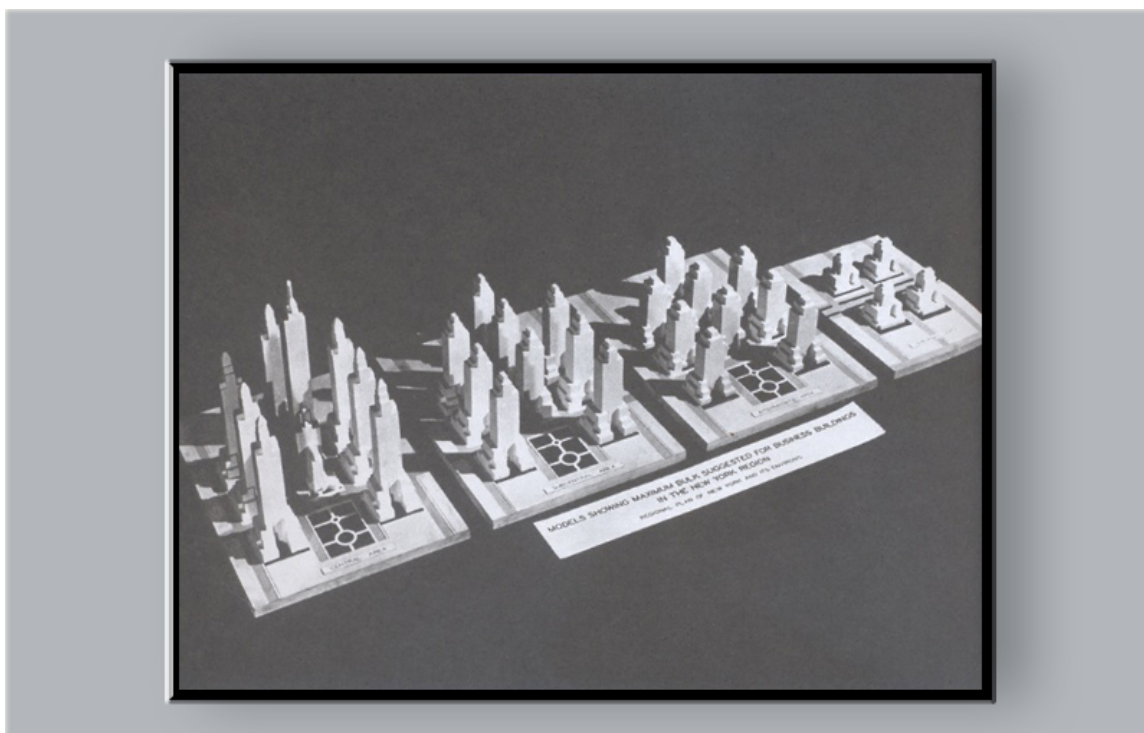


Fig. 3.12 - O planeamento do ‘*Manhattanismo*’: estudos para a comissão do Plano Regional.

(...) “o elemento visual ganha um relevo especial na cultura urbana moderna. *Simmel* considerou o urbano como caracterizado pelo predomínio da visão sobre todos os demais¹²⁰”.

¹¹⁹ “O próprio arquitecto deixou de ter em grande medida outra escolha que não a de, também ele, se redefinir como um técnico: um gestor de conforto e do modo de vida, um designer de living-rooms paisagisticizados, de cozinhas open, de kitchenettes ergonomizadas, de casas de banho e de átrios de entrada tropicalizados; um perito da promoção visual do standing individual e categorial, bem como da eficiência corporativa”. FREITAG, Michel, *op. cit.*, 2004, p.67.

¹²⁰ SAVAGE, Mike; WARDE, Alan, *op. cit.*, [s.l], p.118.

Comparada à obra *Le Corbusier Vers une Architecture* (1923), em *Nova York Delirante*, *Koolhaas* redefine a noção arquitectónica¹²¹. Remetendo para uma abordagem à problemática da sociedade em geral, apresenta a sua crítica e fixa-se na necessidade de (re)propor um plano de acção para o arquitecto contemporâneo (com intuito de se lhe restituir o seu papel de ordem social).

“Manhattan gerou uma arquitectura despidorada, sendo amada numa relação directamente proporcional à sua provocadora falta de aversão por si mesma, respeitada exactamente na medida em que foi longe demais. Manhattan tem inspirado sistematicamente em seus espectadores um êxtase perante a arquitectura. Apesar - ou talvez por causa - disso, sua performance e respectivas implicações têm sido sistematicamente ignoradas, e até suprimidas, pela profissão arquitectónica¹²²”.

Em concordância metodológica com *Rykwert*, *Koolhaas* (re)interpreta a História da arquitectura, bem como suas diferentes posições disciplinares, e desenvolve uma análise retrospectiva. Num segundo momento, (encerrada a leitura da evolução da cidade) expõe uma lógica prospectiva e sugere a existência de um modelo de cidade contemporâneo com a apresentação do manifesto para *Manhattan*.

Face às premissas do modelo, exprime no manifesto uma clara postura crítica que é fundamentada pelo termo ‘retroactivo’ - constituindo-se a ideia de um fenómeno já concretizado mas (paradoxalmente) ‘merecedor’ de afirmação pública enquanto manifesto. Interceptando conceitos da dimensão prospectiva e da dimensão retrospectiva, *Koolhaas*, articula a presença de duas tendências dominantes na contemporaneidade arquitectónica: por um lado, a vanguardista (de sua típica e indomável vontade de romper com o Passado), e por outro, o culturalismo e a necessidade de continuidade histórica (*Nova York* é aqui um exemplo tão descritivo quanto especulativo, tão analítico quanto propositivo; um ‘idóneo’ modelo de Futuro baseado no ‘delírio do seu passado’).

¹²¹Enquadra-se no conjunto de obras preponderantes que marcaram momentos na história do debate arquitectónico, de entre elas, *L’ Architecture Della Città* (Aldo Rossi - 1966) ou *Contradiction in Architecture* (Roberto Venturi - 1966).

¹²²KOOLHAAS, Rem - **Nova York Delirante: Um Manifesto Retroativo Para Manhattan**. [s.l], Cosac & Naify, 2008, p.26.

Na perspectiva que exalta, o autor redefine conceitos da arquitectura moderna (argumentando que o arranha-céus de *Manhattan* já tinha sido incorporado como capítulo fundamental da sua história) e destaca-lhe um valor essencial que se baseia na aceitação da condição metropolitana - competitiva, especulativa, cujo violento impacto haveria de ser responsável pelo conjunto de irreversíveis roturas desencadeadas no contexto económico-social e cultural.

“O crescimento rápido havia feito de Nova York um lugar de tensões raciais e sociais violentas. Em 1835, um grande incêndio atingiu boa parte da cidade; uma primeira crise do sistema bancário em 1837 e outra, vinte anos depois, causaram uma forte desvalorização imobiliária [...] Em 1848, assustado pelos distúrbios frequentes, pelas epidemias e pelas revoluções europeias daquele ano, o primeiro paisagista americano de importância, Andrew Downing, propôs a criação de um vasto “pulmão” para a cidade [...] do empreendimento resultou um parque de paisagismo elaborado, que se estende sobre os afloramentos rochosos da parte superior da Manhattan [...] e que se tornaria um dos modelos para parques públicos em todo o mundo. As árvores plantadas no seu entorno encobrem a vista da cidade, ajudando a manter a ilusão de se estar no campo (...)”¹²³.

A nova cultura maquinista, determinaria o Futuro de *Manhattan*: o último manifesto moderno, a fonte da sua proliferação. *Manhattan* como o centro de criação para o modelo da cidade Contemporânea. *Manhattan*: teste de um modo de vida metropolitana (sua arquitectura surge como experimentação colectiva, na qual a cidade se converteu numa plataforma de experimentação humana).

“Poderíamos dizer que Koolhaas não está fazendo outra coisa a não ser interpretar a estrutura urbana como um análogo do capitalismo mais puro: afirma que a riqueza revolucionária de Nova York surge da contradição entre coletivismo e individualismo que traz inscrita em sua própria retícula. Alguns anos mais tarde, Richard Sennett fará uma interpretação equivalente: a quadrícula mostra ‘a ética protestante do espaço’. A relação entre a retícula homogênea e o capitalismo parece muito óbvia: o repúdio que a malha regular recebeu tradicionalmente dos urbanistas modernos vem da interpretação que a

¹²³RYKWERT, Joseph, *op. cit.*, 2004, p.268.

*considera exclusivamente motivada pelo objectivo de racionalizar o solo urbano como mercado e maximizar seus valores*¹²⁴”.

O modelo da *Manhattanização*, (produto da “*fantasia*” do Homem), é claro quanto à sua vontade de ‘fabricar’ um cenário urbano totalmente novo. Já não trata de ser um aperfeiçoamento do ‘Passado Moderno’ mas sim a prova de um pedaço de realidade ‘moderna’ efectivamente construída - ao contrário de muitas das propostas modernas que não passaram de especulações. De acordo com a interpretação de *Koolhaas*, *Manhattan* é a mais fiel expressão do *Movimento Moderno* (até então protótipo nunca alcançado), mas fora do seu Tempo real¹²⁵.

Contudo, hoje, o modelo insere-se noutra modernidade: uma modernidade imprevisível a constituir identidade, sem ambições de planeamento. Neste Tempo da modernidade, a aplicação do modelo vem da forma inesperada: liberta de rigor e sem compromisso de imposição - unitária e universal. Não obstante o inverso das condições, *Manhattan*, parece ser uma corporificação do *Movimento Moderno*. Por via de uma ascendente transformação económica e tecnológica, a condição metropolitana era já fenómeno próprio da arquitectura dos *modernistas* - que mais do que estratégia formal, tinha como missão inovar o quadro dos dinamismos sociais. Neste sentido, verifica-se, com o exemplo de *Manhattan* o cumprimento dos seus ideais: uma autêntica revolução social garantida pelas forças da produção capitalista.

*“O Manhattanismo é a única ideologia urbanista que se tem alimentado, desde o seu nascimento, dos esplendores e das misérias da condição metropolitana - a hiperdensidade - sem nunca perder a fé nela como base para uma cultura desejável. A arquitectura de Manhattan é um paradigma para a exploração da congestão*¹²⁶”.

¹²⁴KOOLHAAS, REM, *op. cit.*, [s.l.], 2008, p.12.

¹²⁵Discordando do pensamento teórico dos modernistas, defende que a Cidade é um organismo vivo que impulsiona a diversidade conceptual, e onde o modelo urbano a si mesmo se produz. O autor dispensa o papel de propostas visionárias e conclui que a não-formulação do projecto não implica a inexistência do modelo conceptual. Koolhaas defende ainda uma interdependência entre o projecto modelar e os seus processos de produção, o primeiro sujeito a constantes transformações.

¹²⁶KOOLHAAS, Rem, *op. cit.*, [s.l.], 2008, p.27.



Fig. 3.12 “Vista aérea geral do alto da Rua 47, no sentido NE, das coberturas ajardinadas e do edifício RCA com pontes sobre as ruas das cidades”.

Koolhaas, incide a crítica sobre a ilusão pragmática do pensamento moderno. Fazendo corresponder à lógica económica do capitalismo uma previsível transformação do tecido urbano, condena - a partir dos instrumentos da própria arquitectura - a aplicação dos mesmos princípios para reformulação da estrutura social.

Através da análise de premissas inerentes à proposta moderna, evidencia uma dependência do sistema económico e aponta para a sua insustentabilidade perante a ausência do mesmo.

(...) “Cada arranha-céu se apresenta como uma ‘cidade dentro de outra cidade’, competindo com os demais, o que implica que em seu interior sobreporá todas as funções possíveis de modo indiferente e indeterminado, desenvolvendo todo o preconceito ‘zonificador’ da urbanística [...] o tamanho modifica a qualidade da relação entre a superfície envolvente e o seu conteúdo, porque, ao ser a actividade interior potencialmente infinita, já não pode pretender ser representada por uma superfície externa que proporcionalmente tende a ser cada vez mais menor; dissolvendo todo o preconceito moral da arquitectura. Essa ‘deliberada discrepância’ entre o exterior e o interior - a ‘lobotomia’, diz Koolhaas, com a qual se cortam as ‘conexões nervosas’ da fachada com o funcionamento interno - oferece aos arquitectos uma zona de ‘liberdade sem precedentes’ (que se manifestará no Rockefeller Center) e à sociedade um espaço artificial no qual pode dedicar-se sem restrições a desenvolver formas de vida constantemente inovadoras¹²⁷”.

Os conceitos produzidos pela cultura metropolitana são imediatamente visíveis na organização do sistema urbano. A consolidação da sua identidade verifica-se através de um *instável equilíbrio entre a independência da empresa individual e a organização do capital colectivo*¹²⁸. Segundo *Koolhaas*, a fantasia própria deste novo estado cultural começa por ser evidente em *Coney Island* - um exemplo de superação absoluta do natural pelo artificial.

¹²⁷KOOLHAAS, Rem, *op.cit.*, 2008, p.13.

¹²⁸*Ibid*, p.17.

“A retícula e o arranha-céu funcionam em Nova York Delirante como estrutura teórica da cultura da congestão, seu resultado e seu motor. O relato histórico que desenvolve para argumentá-lo começa em Coney Island no fim do século XIX, um laboratório da cultura de massas no qual se inventam mundos artificiais dos mais ousados e se experimenta com as arquitecturas engenhosas para contê-los, de modo que com o ‘barato e irreal’ se pode pensar no ‘potencialmente sublime’¹²⁹”.

O respectivo modo de pensar parece ter sido radicalizado com o Tempo e a sua conquista surge ideologicamente representada com a ambição de *Manhattan* (a qual *Rockefeller Center* - um complexo de dezanove edifícios comerciais - sintetiza com magnificência). Exemplo onde a ‘metrópole moderna’ se torna realidade, demonstra também a submissão da prática arquitectónica e do arquitecto face às forças de produção capitalista. Se é possível dizer que os quatro primeiros blocos - *Coney Island*, *O Arranha-Céu*, *Rockefeller Center* e o *Europeus* - narram as permutações do *Manhattanismo*, o *Rockefeller Center* exprime a maturidade fixada pelo respectivo modelo de experimentação urbana. Renunciando ao papel do arquitecto perante o fenómeno da modernização, (que tinha já sido qualificado como o último estado da utopia arquitectónica) *Koolhaas* propõe um reposicionamento disciplinar por parte do arquitecto. Desde muito cedo, percebe que a concepção moderna de arquitecto se traduz numa enorme ilusão histórica: poderosa na sociedade em que se integra e irrelevante fora dela. Com intuito de desmistificar a condição profissional do arquitecto moderno e os princípios do movimento, *Koolhaas*, descreve *Le Corbusier* como sendo um *paranóico-crítico*¹³⁰ e a arquitectura moderna como actividade proliferativa da sua condição: uma paranóia descendente do autoritarismo profissional. Considerando o ideal do poder metropolitano alcançado, *Koolhaas* não resiste à interpretação:

¹²⁹KOOLHAAS, Rem, *op. cit.*, 2008, p.14.

¹³⁰ “*Le Corbusier é, apesar do seu purismo anti-surrealista, um paranóico-crítico feroz, uma personagem delirante, em última instância tão genial e adorável como os desmesurados arquitectos/homens de negócios nova-iorquinos. Suas grandes limitações de europeu teriam sido duas: não admitir que Nova York já era a metrópole moderna que ele acreditava que ainda teria que ser inventada; e não entender que a verdadeira promessa da condição metropolitana estava na cultura da congestão; de fato, todo o programa de Le Corbusier teria consistido em criar uma ‘congestão descongestionada’ [...] definitivamente, Le Corbusier não fez nada mais do que empregar ‘os instrumentos mais racionais possíveis, a serviço do objectivo mais irracional possível [...] e poderia ser dito que [...] Koolhaas não faz mais do que reunir as ‘duas etapas’ teóricas de Le Corbusier em uma: o arranha-céu de Manhattan pode converter-se numa ‘máquina para emocionar’ porque tinha sido concebido como uma ‘máquina para habitar’.* Esse é o delírio da boa arquitectura urbana: um utilitarismo desenfreado”. KOOLHAAS, Rem, *op. cit.*, [s.l.], 2008, p.16.

“É a esgotante ambição de Le Corbusier inventar e construir a nova Cidade compatível com as exigências e glórias potenciais da civilização maquinista. É um azar trágico que, quando desenvolve essa ambição, tal cidade já exista, a saber, Manhattan¹³¹”.

As características valorizadas por Rem para a qualificação de *Manhattan* - desde a sua flutuação funcional e inconstância física até à sua neutralidade e imprevisibilidade futura - são veemente criticadas pelo mestre europeu, cujo modelo proposto para a *Ville Radieuse* apresenta como antítese. Efectivamente, não se pode deixar de afirmar que a *Ville Radieuse* do anos 30 exprime um confronto disciplinar determinante para a herança da *Arquitectura Moderna* e sua definição na contemporaneidade: verifica-se nela uma natureza *anti-Manhattanista*; as suas torres transparentes, estereométricas e mono-funcionais formulam a hipótese do conceito do *anti-arranha-céu*). No entanto, *Koolhaas* assume detectar na *congestão descongestionada* de *Le Corbusier* uma inversão da original *cultura da congestão* qualificando a imagem urbana de *Manhattan*.

Sendo o primeiro descrever o campo de interacção entre a arquitectura e o sistema da economia capitalista, analiticamente, relaciona as premissas-base do programa da modernidade com a realidade produzida pelo processo da modernização. A sua obra (*Nova York Delirante*), traz a debate a prática arquitectónica na contemporaneidade.

No respectivo âmbito, defende uma modernidade em constante processo de modernização e defende que a experimentação (em consonância com os padrões da estrutura social), sem modelos restritivos, se traduz num fenómeno assumido e praticando em Tempo real. Em total posição de renúncia perante a submissão da arquitectura face às lógicas uniformizadas do mercado liberalista, *Rem Koolhaas* declara ser real uma progressiva destituição do programa ideológico na produção de espaço. Com o objectivo de reafirmar o papel do arquitecto na sociedade contemporânea, celebra a racionalidade instrumental como forma de salientar um caminho para o que é imprevisível.

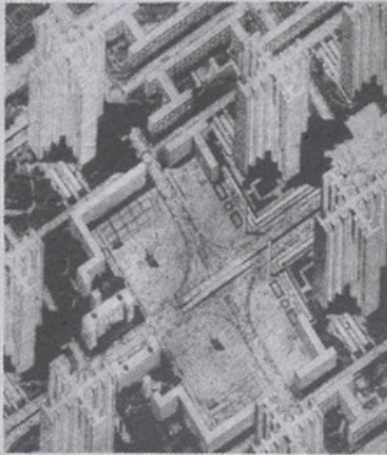
¹³¹KOOLHAAS, Rem, *op.cit.*, 2008, p.202.

“A cidade já não existe. Entretanto, a noção de cidade sofre uma distorção sem precedentes; insistir na sua natureza primordial, seja através de desenhos, regras ou invenções, conduz irrevogavelmente da nostalgia à irrelevância [...] para assegurar a sua sobrevivência, o urbanismo terá que imaginar uma nova ideia de novo [...] temos que imaginar mil e um conceitos alternativos de cidade, temos que correr riscos desproporcionados, temos que nos atrever a ser profundamente acríticos, devemos aguentar a adversidade e perdoar a direita e a esquerda¹³²”.

¹³²KOOLHAAS, Rem - *in* Oeste, 2002, p.2 e p7 respectivamente.

LE CORBUSIER SCANS GOTHAM'S TOWERS

The French Architect, on a Tour, Finds the City Violently Alive, a Wilderness of Experiment Toward a New Order



The City of the Future as Le Corbusier Envisions It.

By H. I. BROCK

THE citizen of the French Republic who is known as Le Corbusier—he was born Jeanneret and his given name is Charles-Edouard—is just now paying his first visit to America and has had his first eyeful of the man-made miracle which is New York. In circles where disputing about art is a major sport, Le Corbusier is identified as the founder and public exponent of the mood in architecture which has been labeled the International Style and which certain stiff conservatives insist does not look like architecture at all.

The basic principle of this style is to regard the architect's function as primarily one of household efficiency engineering. His job is to furnish human creatures with a convenient "machine for living in." As stated, the principle applies specifically to the family dwelling. But it applies also to the multiple arrangement of buildings which takes care of the composite employments and the complex human activities of a city where great numbers of people must live and most of them attend to business.

Since the modern dwelling and the modern city have each new demands to meet, since each has at command a service of machinery and materials which no dwelling and no city has ever had before, Le Corbusier and his school begin by discarding traditions and dismissing prejudices which would perpetuate formulas of building evolved from conditions of life that have ceased to exist.

THE rough idea is that the machine age, with its vast concentrations of population and its prodigious accumulation of mechanical devices for quantity production and for mass movement of goods and men, has created problems which the older architecture is incompetent to solve. The new architecture must face these problems squarely and find a solution on a sound mechanical basis, let the chips of academic estheticism fall where they may.

New York City, for example, is planted thick with skyscrapers—filling cores of millions of human beings at work or stowed away for the night. The streets of New York are jammed with automotive

vehicles engaged in distributing the quantity-production output or moving these millions of people about, back and forth between home and business, and generally where they want to go, creating in the process no end of traffic tangles and even seriously endangering its life and limb those who still have to get about on their own feet.

Le Corbusier has built in France and other European countries machines for living in—machines also for doing business in. Whether these machines are, in fact, more efficient than the houses other architects build is a question which will not be argued here. But it is true that, at three years short of 50, he is more famous as the articulate



New York Times Building. Too Small?—Yes, Says Le Corbusier: Too Narrow for Free, Efficient Circulation.

voice of the new architecture than as the executor of its projects. He represents a vision of the future rather than a proved practice of the present.

MODERN architecture—that is, machine-made architecture—was born, as even its most ardent European advocates admit, in this country. The Europeans who have taken it up have made it much more "modern" than we have dared or cared to make it. Nevertheless, New York—the part of it, at least, which enjoys high visibility—is the creation on the greatest scale that the world

knows of the new architecture which is our own. That architecture pierces the sky with pinnacles that lift the level of our rocky little island (which in a state of nature could not boast a really respectable hill) into rivalry with the lesser mountains.

Le Corbusier, from the deck of the giant liner Normandie, looked up the harbor and saw (as he says) afar off a dream city hanging in the blue sky above the horizon of the water—a vision of enchantment. He went below for déjeuner and came up again with the solid substance of the vision right on top of him. He was

appalled by the brutality of the great masses—the "sauvagerie"—the wild barbarity of the stupendous, disorderly accumulation of towers, tramping the living city under their heavy feet, like a herd of mastodons.

As the ship moved up the river and he got the city broadside on, as the clutter of bunched towers of the stronghold of finance thinned out and other towers began to stand out separate, gleaming in the sunlight in the open space above their lower neighbors, his dispondency abated, hope revived for the future which the first bright vision had seemed to embody. That vision might not, after all, be a mirage.

LATER, while touring the city in the company of the writer, he stood at the base of the steep sheer cliff of Raymond Hood's stat in Rockefeller Center and said that it was good, then began ruefully to rub the crick out of the back of his neck that was the result of trying to look up to the very top of anything so tall and uncompromisingly perpendicular.

He found the smaller buildings on the Fifth Avenue front—dedicated to France and the British Empire—out of scale, both with the upreared mass and the human beings walking about the central plaza. That plaza itself, all here (as it is apt to be when the tourist season is on the wane), struck him as decidedly dull—in spite of Prometheus and his fountain.

Then he was shot in an elevator (at the rate of 1,200 feet a minute) to the very top of the big slab—the deck under which harks the Rainbow Room—and looked out upon the map of the city, by that time half veiled in a soft gray mist, which cut off the horizons far short of the two extremes of our narrow island but revealed the bounding ribbons of water on either side.

North, south, east and west, the

skyscrapers nevertheless stood out boldly. Now and again the sun thrust through the thin clouds and bathed their faces in a brief glory of high light or gilded the fancy tops which some of them have borrowed from all the styles—unimportant to M. Le Corbusier—that came before the steel skeleton revolutionized large-scale building. It was excellent theatre—spectacular drama.

BUT the modern architect was not particularly impressed. He was looking for architecture, not theatre, and why, besides, of succumbing to drama so melodramatic. Moreover, he was looking for architecture in his own sense of the word—in this case, the city that is a machine for living in—not merely frightfully expensive scenery built to knock the beholder's eye out.

"They are too small," he said, looking straight at the Empire State Building, tallest in all the world of rising cases for men and standing on one of the biggest pieces of ground devoted to that purpose in the city.

Somebody pointed out a building with "modern" horizontal lines, belting continuous windows about it, down by the Hudson, and a building with "modern" vertical lines, stacking up windows in parallel slits, over toward the East River.

"I am not interested," said Le Corbusier, "in that sort of thing—both sets of lines are all right as expressing the idea of horizontal and vertical circulation respectively, but what counts is the actual existence in the building of the two kinds of circulation and their efficient coordination. That is the combination which creates adequate machines for business for swarms of people—human beings—if it is joined, of course, with free circulation among the buildings."

The skyscrapers that thrust up (Continued on Page 25)



Le Corbusier Looks—Critically

Fig. 3.13 - "Le Corbusier olha - criticamente: ondas de choque à chegada do arquiteto, registradas na imprensa nova-iorquina. Pequenos demais? - Sim, diz Le Corbusier; estreitos demais para uma circulação livre e eficiente". (New York Times Magazine, 3/11/1935)

CONCLUSÃO

Motivados pela pertinência dos constantes processos de transformação enfrentados pelas cidades, indagamos quanto a traços Futuros da dimensão urbana.

Após uma análise focada em diferentes perspectivas urbanas do Passado, foi-nos possível classificar o factor ‘Tempo’ enquanto ‘conceito-chave’ capaz de conduzir à identificação de directrizes úteis a aplicar na prática urbanística contemporânea. De entre os vários momentos de reflexão, concluímos que no início do século XIX - a par do aumento populacional e da consagração da indústria como fenómeno mundial -, o modelo de crescimento das cidades estabelecia correspondência com percepções de ‘Tempo Newtoniano’: um Tempo absolutamente definido, absoluto. A cidade estabelecia relações directas com o lugar do Futuro, lugar de progresso, um destino absoluto. No respectivo enquadramento, (confiantes na existência de uma sociedade igualitária) confinava-se à prática urbanística o dever de conceber planos para o modelo absoluto da perfeição.

Contudo, o Tempo não desconhece a efemeridade. Rapidamente, os modelos descendentes da percepção ‘Newtoniana’ haveriam de se confrontar com as premissas da Quântica (o Tempo para *Heisenberg*) e da Relatividade (o Tempo para *Einstein*). Emergindo uma considerável percentagem de imprevisibilidade (causalidade na ciência), verifica-se no espaço da cidade (décadas depois no urbanismo) o entoar da incerteza: confiança é um valor que conhece o declínio, a prosperidade Futura nunca é certa. No contexto de uma certeza falhada, a cidade existente (herdada) é objecto de estudo para a transformação urbana. Outrora rejeitada, constitui-se hoje como garantia. Passando por um longo caminho de transformações (por processos de expansão e concentração; mudanças de escala, morfologia e infra-estruturas), encontra nova identidade, uma identidade sempre inesperada (que não aspira à perfeição). Por excelência espaço da diversidade e multiplicidade, a composição urbana é também alvo de inflexões: irregular, dispersa, fragmentada e segmentada (evidências às quais a prática urbanística não foi alheia).

Sem hipótese de se afirmar pela natureza de um fenómeno reducionista, o estatuto da cidade conta com raízes ancoradas na diversidade. Considerando a inutilidade de se prever uma reformulação urbana elementar (passiva de ser repetidamente aplicada enquanto modelo ideológico absoluto), tivemos como intuito - afim de referenciar a nossa conduta profissional - proceder à identificação do actual estado da problemática.

Antes de tudo, importa aceitar que o 'incerto' é certo, é 'estado das coisas', e que a incerteza se define aqui como ponto de partida. A cidade adquiriu uma natureza irreversível. Sendo hoje abrigo da actividade metropolitana, a cidade contemporânea é símbolo de todo o actual dinamismo económico, político e cultural. O espaço é mercado - valor que muitas vezes fataliza o decurso das relações sociais. Na nossa perspectiva - referindo-nos à necessidade de intervenção - o processo não deve alhear-se da estratégia por via da 'Continuidade'. A noção de 'Continuidade' apresenta-se como instrumento da (re)construção. Para reformulação do objecto de estudo, deve-se, necessariamente, entende-lo como produto já adquirido, aceitando seus vínculos históricos herdados e, em simultâneo, omitindo valor dos fenómenos que os destituam. A cidade é a mais pura expressão de memória colectiva social. No espaço da cidade reside a história do seu cidadão, neste sentido, consigna-lhe o direito da sua (re)construção.

A Cidade representa a estabilidade de um modelo cultural. Essa estabilidade, só pode ser garantida quando se preserva o espaço destinado à participação cívica - o espaço público é onde se incorpora a representação de uma sociedade. Não sendo meta a imposição de um modelo, pretende-se redefinir a interacção existente entre morfologia urbana e cidadão: dimensão espacial e identidade sócio-cultural. Efectivamente, desde a nossa interpretação, acreditamos que a cidade se renova pelo complexo das interacções que tende a desaparecer, espaços que fomentam a participação cívica do cidadão no momento das decisões públicas. Dado que, em paralelo, conduz à dissipação das relações urbanas, consideramos aqui questionável a natureza do modelo '*Manhatanizado*', e como pudemos verificar, há viabilidade no 'método simples' do seu crescimento. O crescimento desmedido facilmente dá lugar à condição de periferia, um depósito sem contributo significativo para o cerne da cidade que raramente assume maturidade urbana.

Essas grandes manchas que ocupam território urbano (na análise de *Rossi*: “*sem alma*”) dando ‘sentido ao que aparece sem sentido’, em constante processo de (re)construção, *Koolhaas* define-as como modelo tipológico da *Cidade Genérica*. A estrutura da composição genérica pode ser lida no cenário de *New York*: um exemplo de constatação e superação do modelo metropolitano dependente da estrutura capitalista, em particular, *Manhattan*, cuja configuração dos princípios modernos se salientam, quer ao nível da escala urbanística (edifício implantado isoladamente) quer ao nível da escala simbólica (consagrada pelo arranha-céus). Atendendo à problemática da concentração populacional e das virtudes económicas - espaço é mercado - o modelo edificado é sinónimo de rentabilidade. Isolado de contexto, constitui motor de arranque para a desconsolidação da forma urbana (na qual tinham já sido explícitas relações primordiais entre áreas públicas e privadas).

Ao edifício vertical corresponde o sentido da imposição, este, entende-se como sendo um elemento do espaço capaz de identificar o estatuto económico inerente à cidade: símbolo de poder económico. No âmbito da respectiva problemática, fixa-se a nossa conclusão: Tempo, do Passado e do Futuro, Rotura e Continuidade, Interação Social e Diversidade Espacial são conceitos que o processo de (re)construção urbana não permite dispensar. Percorrida a viagem pela história das cidades, (essencialmente suportada pela obra do autor *Joseph Rykwert*), concluímos estar perante a natureza de um rumo incerto, no entanto, cabe a nós - arquitectos - legitimar o objecto da profissão (prática ao serviço da sociedade) e numa atitude crítica reflectir consequências do projecto urbano mesmo antes da sua produção. O Tempo, hoje, da vida metropolitana e dos seus constantes processos de globalização é já Passado e Futuro simultaneamente. Mais do que nunca, a política é económica e, como nunca, tem repercussões na produção imediata do espaço urbano. A cidade, hoje, irregular, dispersa, genérica, partida, fragmentada é também a nossa cidade conquistada.

“Torna-se hoje muito clara a consciência da relação espaço organizado - comportamento humano a todos os níveis de qualidade e quantidade, o que permite encarar o problema da Cidade como forma (e não soma de formas) e suas determinantes no comportamento global do Homem, indivíduo ou membro de uma comunidade, e, paralelamente, a acção do Homem no quadro da Cidade de onde resultam acções e reacções mútuas de causa e efeito que nos levam a afirmar que, se sem Homem não há Cidade, também sem Cidade não há Homem [...] e daqui também uma tremenda responsabilidade de uma profissão cuja presença é dia a dia mais evidente, embora também dia a dia menos isolada, menos egocêntrica, mais participante e mais exigente em matéria de estabelecimento de relações com outras actividades e com o fenómeno humano em geral [...] é afinal, e unicamente, o Homem que está em causa¹³³”.

¹³³PORTAS, Nuno - A Cidade como Arquitectura. Lisboa: Livros Horizonte, 2007, p.10 e p.11 respectivamente (Prefácio de Fernando Távora - Porto, Fevereiro de 1969).

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia relativa à obra de Joseph Rykwert:

-COELHO, Eduardo Prado - **A Palavra Sobre a Palavra**. Porto: Ed. Portucalense, 1972.

Bibliografia auxiliar:

- AUGÉ, Marc - **Não Lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade**. Lisboa: 90 Graus Editora, 2005.
- BETTIN, Gianfranco - **Los Sociólogos de la Ciudad: George Simmel - El Individuo y la Metrópoli**. [s.l]: Gustavo Gili, 1982.
- BAUMAN, Zygmunt - **Liquid Modernity**. Cambridge: Polity Press, 2002.
- FREITAG, Michel - **Arquitectura e Sociedade**. Porto: Publicações Dom Quixote, 2004.
- GREENE, Brian - **The Fabric Of The Cosmos**. London: Penguin Books, 2005.
- HATHERLY, Ana; Lopes, Silvina Rodrigues (Org.) - **Os Sentidos e o Sentido: Homenageando Jacinto Prado Coelho**. Lisboa: Ed. Cosmos, 1997.
- HÉNARD, Eugène - **Etudes Sur Les Transformations De Paris (1904)**. Paperback (French Edition), 2009.
- INNERARITY, Daniel - **O Novo Espaço Público**. Lisboa: Ed. Teorema, 2006.
- JENCKS, Charles - **The New Paradigm In Architecture - The Language Of Post-Modernism**. New Haven London: Yale University Press, 2002.
- JAMMER, Max - **Concepts Of Space: The History Of Theories Of Space In Physics**. Cambridge-Massachusetts: Harvard University Press, 1957.
- KOOLHAAS, Rem - **La Ciudad Genérica**. Barcelona: Gustavo Gili, 2006.
- KOOLHAAS, Rem - **Nova York Delirante: Um Manifesto Retroativo Para Manhattan**. [s.l], Cosac & Naify, 2008.
- LE CORBUSIER - **Maneira de Pensar o Urbanismo**. [s.l]: Publicações Europa-América, [s.d].
- LEFEBVRE, Henri - **The production of Space**. Oxford: Blackwell Publishing, 1991.
- LINCH, Kevin - **La Image De La Ciudad**. Editorial Gustavo Gili, 1998.
- MERCIER, Louis-Sébastien - **Le Tableau de Paris**. Collection La Découverte Poche, 2006.
- MERCIER, Louis Sébastien - **Le Nouveau Paris**. [s.l]: Mercure de France, 1994.

- MONTANER, Josep Maria - **Despues Del Movimiento Moderno: Arquitectura De La Segunda Mitad Del Siglo XX**. Editorial Gustavo Gili, 2000.
- MERLEAU-PONTY, Maurice - **Phénoménologie De La Perception**. Mesnil-sur-l'Estrée: Ed. Gallimard, 2008.
- MORIN, Edgar - **Introdução ao Pensamento Complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.
- MUGA, Henrique - **Psicologia da Arquitectura**. Porto: Edições Gailivro, Lda., 2005.
- NESBITT, Kate (Ed.) - **Theorizing a New Agenda For Architecture**. New York: Princeton Architectural Press, 1996.
- PORTOGHESI, Paolo - **Depois da Arquitectura Moderna**. Lisboa: Edições 70, [s.d].
- PENZ, François; RADICK, Gregory e HOWELL, Robert (Eds) - **Space in Science, Art and Society**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- PORTAS, Nuno - **A Arquitectura Hoje**. Lisboa: Ed. Livros Horizonte, 2008.
- RAJCHMAN, John - **Construções**. Stª Maria da Feira: Ed. Relógio d'Água, 2002.
- RAPOPORT, Amos - **Culture, Architecture et Design**. Gollion: Ed. Infolio, 2000.
- ROSSI, Aldo - **A Arquitectura Da Cidade**. WMF Martins Fontes, 2001.
- SAVAGE, Mike; WARDE, Alan - **Sociologia Urbana, Capitalismo e Modernidade: Perspectivas sobre a Cultura Urbana**. [s.l]: Celta, 2002.
- STORRER, William Allin - **The Architecture of Frank Loyd Wright. A Complete Catalog**. Paperback, 2002.
- TUAN, Yi-Fu - **Espace et Lieu - L'Perspective de l'Expérience**. Gollion: Ed. Infolio, 2006.
- VIDLER, Anthony - **Warped Space - Art, Architecture, and Anxiety in Modern Culture**. Massachussets: MIT Press, 2001.

Revistas e Periódicos:

- A.A.V.V., *Colóquio-Letras*, N.1, Lisboa, 1971.
- A.A.V.V., *L'Architecture d'Ajourd'hui - Siza*, N.278, Paris, 1991.
- A.A.V.V., *Jornal Arquitectos - Faire Ecole I*, N.201, Lisboa, 2001.
- A.A.V.V., *Prototipo - Cidade em Performance*, N.7, Lisboa, 2002.
- A.A.V.V., *Correntes d'Escritas - Eduardo Prado Coelho*, N.7, Póvoa de Varzim, 2008.
- NADAIS, Inês, *Foi Bonita a Festa do SAAL, PÁ*, in *Ípsilon*, 08-05-2009.

ÍNDICE DE IMAGENS

PARTE I

Fig. 1.1 - Unidade de Habitação Colectiva de Marselha (Le Corbusier). Fonte: LE CORBUSIER - **Maneira de Pensar o Urbanismo**. [s.l]: Publicações Europa-América, [s.d].

Fig. 1.2 - Não-Lugares: Espaços de passagem incapazes de dar forma a qualquer tipo de identidade. Fonte: KOOLHAAS, *et. al.* - **HARVARD DESIGN SCHOOL, GUIDE TO SHOPPING**. Cambridge: TASCHEN GmbH, 2001.

Fig. 1.3 - Vila Operária de *Robert Owen*.

Fig. 1.4 - O *Falanstério*: Planta e Corte esquemáticos.

PARTE II

Fig. 2.1 - Mapa das intervenções de Haussmann em Paris. Fonte: LAMAS, José M. Ressano Garcia - **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. [s.l]: Fundação Calouste Gulbenkian,Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2000.

Fig. 2.2 - Ildefonso Cerdá - Plano de Barcelona. Os espaços e o sistema de circulação automóvel. Quarteirões tal como imaginados por Cerdá, e tal como foram realizados. Fonte: LAMAS, José M. Ressano Garcia - **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. [s.l]: Fundação Calouste Gulbenkian,Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2000.

Fig. 2.3 - IBA. Berlim. Algumas propostas dos concursos para zonas de reconstrução. Reformulação dos quarteirões, ruas e praças. Reconstrução da Cidade Tradicional. Fonte: LAMAS, José M. Ressano Garcia - **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. [s.l]: Fundação Calouste Gulbenkian,Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2000.

Fig. 2.4 - Kevin Lynch: Imagem da Cidade. Ilustrações dos propósitos do texto de K. Lynch. Fonte: LAMAS, José M. Ressano Garcia - **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. [s.l]: Fundação Calouste Gulbenkian,Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2000.

Fig. 2.5 - Mapa Cognitivo da Cidade do Porto. Fonte: LAMAS, José M. Ressano Garcia - **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. [s.l]: Fundação Calouste Gulbenkian,Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2000.

Fig. 2.6 - Gordon Callen: Townscape. Análise da visão serial num pequeno percurso. Fonte: LAMAS, José M. Ressano Garcia - **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. [s.l]: Fundação Calouste Gulbenkian, Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2000.

Fig. 2.7 - Aldo Rossi: Projecto para o Palácio da região em Trieste, 1964. Fonte: PORTOGHESI, Paolo - Depois da Arquitectura Moderna. Lisboa: Edições 70, [s.d].

PARTE III

Fig. 3.1 - Unidades Habitacionais Modernas. (1) Superblocos Soviéticos; (2) Superquadras em Brasília - Lúcio Costa, 1958; (3) Complexo Pedregulho no Rio de Janeiro - A. E. Reidy, 1947 - 1952; (4) Unidade Residencial Wupperthal Atelier 40 - 1966. Fonte: LAMAS, José M. Ressano Garcia - **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. [s.l]: Fundação Calouste Gulbenkian, Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2000.

Fig. 3.2 - Gropius e Scharoun: o bairro *Siemensstadt* (Berlim, 1930). Plano de vista de um sector e tipos constructivos. Fonte: LAMAS, José M. Ressano Garcia - **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. [s.l]: Fundação Calouste Gulbenkian, Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2000.

Fig. 3.3 - Cidade Linear Industrial. (A) Habitação/Casas Dispersas; (B) Habitação/Bloco; (C) Via Transversal de acesso à Fábrica; (D) Via de separação entre Habitação e Serviços Comuns; (E) Via Pedonal de ligação; (F) Zona Verde de Protecção e Separação; (G) Serviços. Fonte: LE CORBUSIER - **Maneira de Pensar o Urbanismo**. [s.l]: Publicações Europa-América, [s.d].

Fig. 3.4 - Le Corbusier: o Plan Voisin, 1925 - proposta para reestruturação do centro de Paris. Fonte: LAMAS, José M. Ressano Garcia - **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. [s.l]: Fundação Calouste Gulbenkian, Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2000.

Fig. 3.5 - Shibuya - Tokyo: Infra-estrutura interligada com o edificado. Fonte: KOOLHAAS, *et. al.* - **HARVARD DESIGN SCHOOL, GUIDE TO SHOPPING**. Cambridge: TASCHEN GmbH, 2001.

Fig. 3.6 - Tokyo: Rede de Circulação Ferroviária. Mapa das linhas de metro com a linha Yamanote localizada no centro do aglomerado (assim permitindo uma fácil interacção com os restantes núcleos). Fonte: KOOLHAAS, *et. al.* - **HARVARD DESIGN SCHOOL, GUIDE TO SHOPPING**. Cambridge: TASCHEN GmbH, 2001.

Fig. 3.7 - O Homem e a Cidade Global. Fonte: URL <<http://evoracidadeeducadora.pt>>.

Fig. 3.8 - Manhattan: Capital económica mundial. Fonte: KOOLHAAS, *et. al.* - **HARVARD DESIGN SCHOOL, GUIDE TO SHOPPING**. Cambridge: TASCHEN GmbH, 2001.

Fig. 3.9 - Planta (parcelar) da zona central de Coney Island, 1907. Cada rectângulo representa uma unidade geradora de prazer; todo o sistema de irracionalidade da massa é estruturado pela rectícula da ilha. Fonte: KOOLHAAS, Rem - **Nova York Delirante**. Barcelona: Gustavo Gili, SL, 2008.

Fig. 3.10 - “A cosmópolis do Futuro” - Manhattan. Fonte: KOOLHAAS, Rem - **Nova York Delirante**. Barcelona: Gustavo Gili, SL, 2008.

Fig. 3.11 - O planeamento do ‘*Manhattanismo*’: estudos para a comissão do Plano Regional. Fonte: KOOLHAAS, Rem - **Nova York Delirante**. Barcelona: Gustavo Gili, SL, 2008.

3.12 - “Vista aérea geral do alto da Rua 47, no sentido NE, das coberturas ajardinadas e do edifício RCA com pontes sobre as ruas da cidade”. Fonte: KOOLHAAS, Rem - **Nova York Delirante**. Barcelona: Gustavo Gili, SL, 2008.

Fig. 3.13 - “Le Corbusier olha - criticamente: ondas de choque à chegada do arquitecto, registradas na imprensa nova-iorquina. Pequenos demais? - Sim, diz Le Corbusier”, estreitos demais para uma circulação livre e eficiente”. (*New York Times Magazine*, 3/11/1935). Fonte: KOOLHAAS, Rem - **Nova York Delirante**. Barcelona: Gustavo Gili, SL, 2008.

